



FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

Megan Saraiva

# A MANUTENÇÃO DE MEMÓRIAS DE TRADUÇÃO E O PROCESSO DE GESTÃO DE QUALIDADE DA TRADUÇÃO

## RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Relatório de estágio do Mestrado em Tradução, orientado pela Professora Doutora Cornelia Elisabeth Plag, apresentado ao Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Julho de 2021

# FACULDADE DE LETRAS

## A MANUTENÇÃO DE MEMÓRIAS DE TRADUÇÃO E O PROCESSO DE GESTÃO DE QUALIDADE DA TRADUÇÃO

### RELATÓRIO DE ESTÁGIO

#### Ficha Técnica

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Relatório de Estágio</b>
<b>Título</b>	<b>A MANUTENÇÃO DE MEMÓRIAS DE TRADUÇÃO E O PROCESSO DE GESTÃO DE QUALIDADE DA TRADUÇÃO</b>
<b>Autor/a</b>	<b>Megan Saraiva</b>
<b>Orientador/a(s)</b>	<b>Cornelia Elisabeth Plag</b>
<b>Júri</b>	<b>Presidente: Doutora Maria da Conceição Carapinha Rodrigues</b> <b>Vogais:</b> <b>1. Doutor Fernando Gonçalves Ferreira Alves</b> <b>2. Doutora Cornelia Elisabeth Plag</b>
<b>Identificação do Curso</b>	<b>2º Ciclo em Tradução</b>
<b>Área científica</b>	<b>Tradução</b>
<b>Data da defesa</b>	<b>26-07-2021</b>
<b>Classificação do Relatório</b>	<b>18 valores</b>
<b>Classificação do Estágio e Relatório</b>	<b>18 valores</b>

## **AGRADECIMENTOS**

À Professora Doutora Cornelia Elisabeth Plag, pela constante disponibilidade, incentivo e colaboração enquanto orientadora deste Relatório e por ter sido uma mentora excepcional ao longo de todo o curso.

À equipa da SDL Portugal, por me terem recebido tão bem e por me terem permitido aprender e desenvolver as minhas capacidades profissionais e pessoais.

Aos docentes do Mestrado em Tradução que, ao longo destes dois anos, se mostraram sempre disponíveis para me esclarecer nas e fora das aulas.

À minha madrinha, por me ensinar a ser feliz, pelas horas de gargalhadas e conversas no teu Peugeot. Sem ti a minha vida seria triste. Adoro-te daqui até a lua.

Aos meus pais e à minha irmã, por me terem apoiado nesta nova jornada, por acreditarem em mim e confiarem nas minhas escolhas. Amo-vos incondicionalmente.

## RESUMO

O presente relatório baseia-se no estágio curricular realizado na SDL Portugal no âmbito do Mestrado em Tradução e aborda um dos recursos mais utilizados não só no estágio, como em toda a indústria da tradução: a memória de tradução. No decorrer da experiência profissional, rapidamente se percebeu que a qualidade de uma tradução se encontra diretamente ligada à qualidade dos recursos utilizados para a sua produção. Assim, para assegurar a qualidade do produto final, é necessário assegurar previamente a qualidade desses recursos. No que respeita à memória de tradução, tal efetiva-se através da sua manutenção. Contudo, a experiência também mostrou que parece não existir um grande nível de preocupação com este passo e que a manutenção das memórias de tradução não é uma prioridade no fluxo de trabalho dos prestadores de serviços de tradução. Tal facto, acredita-se, leva à existência de memórias de tradução poluídas que têm o potencial de impactar negativamente a qualidade da tradução final. Ora, o presente trabalho propõe-se a avaliar a qualidade de uma memória de tradução, aplicando três modelos de avaliação, dois deles teóricos e um utilizado atualmente pela indústria, e a discutir se os esforços dedicados à manutenção da mesma são, de facto, suficientes para assegurar, mais do que a consistência, a qualidade de uma tradução. Os resultados mostram uma clara diferença na abordagem da qualidade entre profissionais e teóricos e comprovam que os objetivos monetários dos prestadores de serviços de tradução suplantam a preocupação com a qualidade do produto oferecido.

**Palavras-chave:** memória de tradução, sistema de memória de tradução, manutenção da memória de tradução, qualidade da tradução, gestão da qualidade da tradução.

## **ABSTRACT**

This report builds on the work performed during the mandatory internship at SDL Portugal as part of the Masters in Translation, and approaches one of the most used resources not only in the internship, but in the entire translation industry: the translation memory. In the course of this professional experience, it immediately became clear that the quality of a translation is directly linked to the quality of the resources used in the translation process. Hence, in order to ensure the quality of the translations, firstly it is necessary to ensure the quality of those resources. Regarding the translation memory, its quality is only ensured through translation memory maintenance. However, it also became clear that the maintenance of translation memories is not a priority within the operations of the translation services providers. As a result, polluted translation memories can be used, which ultimately can result in the low quality of the translation. This written work aims to assess the quality of a translation memory by applying three assessment models currently used by translation services providers, and to find out if the efforts dedicated to its maintenance are indeed sufficient to ensure the quality of a translation, rather than its consistency. The results will show a clear difference of approach regarding quality between professionals and scholars and demonstrate that the translation services providers are more worried about the profit than the quality of the end product.

**Keywords:** translation memory, translation memory systems, translation memory maintenance, translation quality, translation quality management.

## LISTA DE SIGLAS UTILIZADAS

CQ	Controlo de Qualidade
DGT	Direção Geral de Tradução da Comissão Europeia
GQ	Garantia de Qualidade
LC	Língua de Chegada
LISA	Localization Industry Standards Association
LO	Language Office
LP	Língua de Partida
MQM	Multidimensional Quality Metrics
MT	Memória de Tradução
PM	Project Manager
PMO	Project Manager Office
PST	Prestadores de Serviços de Tradução
PT-BR	Português do Brasil
PT-PT	Português Europeu
QA	Quality Assurance
QC	Quality Control
SC	Segmento de Chegada
SP	Segmento de Partida
STI	Sistema de Tradução Interativo
TA	Tradução Automática
TAC	Tradução Assistida por Computador
TMX	Translation Memory eXchange
TQA	Translation Quality Assessment
UT	Unidade de Tradução

# ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - LÍNGUAS DE PARTIDA REQUISITADAS PELOS CLIENTES DA SDL .....	4
FIGURA 2 - LÍNGUAS DE CHEGADA MAIS REQUISITADAS PELOS CLIENTES DA SDL.....	4
FIGURA 3 - ESTRUTURA DA ORGANIZAÇÃO DA SDL PORTUGAL.....	7
FIGURA 4 – EDITOR DE TRADUÇÃO NO SDL TRADOS STUDIO 2021 .....	26
FIGURA 5 – EDITOR DA MEMÓRIA DE TRADUÇÃO NO SDL TRADOS STUDIO 2021 .....	27
FIGURA 6 – ALINHAMENTO DE TEXTOS NO SDL TRADOS STUDIO 2021 .....	28
FIGURA 7 - VISUALIZAÇÃO DE <i>FUZZY MATCHES</i> .....	30
FIGURA 8 – EDITOR DA TRADUÇÃO APÓS A PRÉ-TRADUÇÃO .....	30
FIGURA 9 - PESQUISA DE CONCORDÂNCIAS .....	31
FIGURA 10 - RELAÇÃO DE HIPERONÍMIA ENTRE CONCEITOS .....	41
TABELA 1 - PONDERAÇÕES DO MODELO SAE J2450 .....	50
TABELA 2 - IDENTIFICAÇÃO DE ERROS SEGUNDO O SAE J2450 .....	50
TABELA 3 - PONDERAÇÕES SEGUNDO O MODELO QRF-21 PARA QUALIDADE PREMIUM .....	55
FIGURA 11 - SOFTWARE DE APLICAÇÃO DO QRF-21: FOLHA DE CÁLCULO .....	56
FIGURA 12 - SOFTWARE DE APLICAÇÃO DO QRF-21: FOLHA DE INSERÇÃO DE ERROS .....	56
FIGURA 13 - ESCALA INDICADORA DE QUALIDADE DO QRF-21 .....	56
FIGURA 14 - PONTOS PERMITIDOS PARA A MEMÓRIA DE TRADUÇÃO DE 6891 PALAVRAS .....	57
FIGURA 15 - PONTOS PERMITIDOS PARA UM TEXTO DE 1000 PALAVRAS.....	57
FIGURA 16 - DIFERENÇA ENTRE PONTUAÇÕES ATRIBUÍDAS A CADA TIPO DE SERVIÇO.....	57
TABELA 4 - IDENTIFICAÇÃO DE ERROS SEGUNDO O WRF-21 .....	58
FIGURA 17 - RESULTADO DA AVALIAÇÃO DE QUALIDADE SEGUNDO O QRF-21 .....	59
FIGURA 18 - ESTRUTURA HIERÁRQUICA DA "FLUÊNCIA" .....	60
FIGURA 19 - CORE DO MODELO MQM .....	60
TABELA 5 - ERROS IDENTIFICADOS SEGUNDO O MQM.....	63
TABELA 6 - ERROS IDENTIFICADOS SEGUNDO O MQM.....	63

# ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO I- O ESTÁGIO CURRICULAR .....</b>	<b>3</b>
I.1. CARATERIZAÇÃO DA ENTIDADE DE ACOLHIMENTO .....	3
I.1.1. <i>A SDL no Mundo</i> .....	3
I.1.2 <i>A SDL em Portugal</i> .....	5
I.2. DESCRIÇÃO DO ESTÁGIO .....	7
I.3. ESCOLHA DO TEMA DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO .....	11
<b>CAPÍTULO II – A MEMÓRIA DE TRADUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
II.1. DELIMITAÇÃO DO CONCEITO .....	13
II.2 BREVE HISTÓRIA .....	16
II.2.1. <i>Fase embrionária: 1967-1983</i> .....	18
II.2.2. <i>Fase da concretização prática: 1984-1992</i> .....	21
II.2.3. <i>Fase do crescimento rápido: 1993-2003</i> .....	22
II.2.4. <i>Fase da globalização: 2003-presente</i> .....	23
II.3 FUNCIONAMENTO .....	25
II.3.1. <i>Alimentação da memória de tradução</i> .....	27
II.3.2. <i>Ferramentas</i> .....	29
II.3.2.1 Sugestão de correspondências e pré-tradução .....	29
II.3.2.3 Pesquisa de concordâncias e autopropagação .....	31
<b>CAPÍTULO III – A QUALIDADE DA TRADUÇÃO .....</b>	<b>32</b>
III.1. CONSIDERAÇÕES GERAIS .....	32
III.2. DELIMITAÇÃO DE CONCEITOS .....	34
III.2.1 <i>Qualidade da tradução</i> .....	34
III.2.2. <i>Gestão de qualidade, garantia da qualidade e controlo da qualidade</i> .....	37
III.2.3. <i>Avaliação da qualidade</i> .....	40
III.3. A MEMÓRIA DE TRADUÇÃO E A QUALIDADE DA TRADUÇÃO .....	41
<b>CAPÍTULO IV – A QUALIDADE DA MEMÓRIA DE TRADUÇÃO .....</b>	<b>43</b>
IV.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS .....	43

IV.2. METODOLOGIA DO ESTUDO .....	44
IV.3. APLICAÇÃO DOS MODELOS DE AVALIAÇÃO DE QUALIDADE .....	45
IV.3.1. SAE J2450 .....	45
IV.3.1.1. Descrição do sistema.....	46
IV.3.1.2. Aplicação do modelo .....	50
IV.3.2. QRF-21.....	51
IV.3.2.1. Descrição do sistema.....	51
IV.3.2.2. Aplicação do sistema .....	58
IV.3.3. Multi Quality Metrics (MQM).....	59
IV.3.3.1. Descrição do modelo.....	59
IV.3.3.2. Aplicação do sistema .....	63
IV.4. Discussão dos resultados .....	64
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>67</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>69</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>75</b>
ANEXO I – FORMAÇÕES REALIZADAS NO DECORRER DO ESTÁGIO NA SDL.....	76
ANEXO II – GUIA DE ESTILO DE PORTUGUÊS EUROPEU DA SDL .....	78

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho escrito tem como ponto de partida o estágio curricular realizado na SDL Portugal no âmbito do Mestrado em Tradução. Ainda que no decurso do Mestrado em Tradução se tenham abordado e utilizado ferramentas de tradução assistida por computador, foi a minha inserção num prestador de serviços de tradução que me possibilitou observar e compreender verdadeiramente de que forma tais ferramentas são utilizadas, qual a sua importância para alcançar os números pretendidos de produtividade, como estas impactam o trabalho realizado pelos tradutores e como podem influenciar o produto final entregue ao cliente. Apesar de o trabalho realizado no estágio ter ocorrido com recurso a diversas ferramentas de tradução assistida por computador, é possível destacar a utilização de uma em particular: a memória de tradução. Como imposto pela política da empresa de acolhimento, foi aplicada, pelo menos, uma memória de tradução em todas as traduções por mim realizadas. O *feedback* recebido mostrou, no entanto, que a utilização desta ferramenta nem sempre era positiva para o meu trabalho, devido à poluição das mesmas. Perante tal facto, e como consequência da obrigatoriedade de utilização de tal recurso, iniciou-se uma reflexão crítica sobre a memória de tradução, que deu origem a este trabalho.

As ferramentas de tradução assistida por computador foram uma das mais importantes invenções tecnológicas na área da tradução. Concebidas para auxiliar o tradutor de forma a que este conseguisse concluir as elevadas exigências de traduções criadas pela globalização, o seu principal efeito fez-se sentir no campo da produtividade. O sistema de memória de tradução é talvez a ferramenta mais notória, sendo atualmente um instrumento essencial no equipamento de qualquer tradutor. Mais do que isso, tal como se apurou ao longo do estágio, é necessária para o bom funcionamento de qualquer prestador de serviços de tradução.

Como referido anteriormente, ainda que existisse já um conhecimento primário sobre o sistema de tradução e a memória de tradução, apenas no estágio foi possível perceber a importância que o sistema de memória de tradução tem em todas as etapas do processo de tradução. A consulta e a aplicação obrigatória da memória de tradução em todas as traduções realizadas mostraram que esta não se relaciona apenas com a produtividade e não produz efeitos apenas a esse nível, provocando, também, efeitos ao nível da consistência e da qualidade da tradução.

Tornou-se claro que a qualidade da memória de tradução utilizada é uma condição para a qualidade da tradução e que, por essa razão, deve ser assegurada. A garantia da sua qualidade consegue-se, porém, apenas através da manutenção da memória de tradução, algo que parece ser uma preocupação secundária para os prestadores de serviços de tradução.

Este relatório debruça-se precisamente sobre esta problemática. Tendo como objetivo comprovar que a manutenção de memórias de tradução implementada pelos PST não é suficiente para assegurar a sua qualidade, o estudo apresentado pretende dar o primeiro passo em direção a futuras investigações.

A exposição escrita encontra-se dividida em quatro capítulos, que compõem duas partes – uma teórica e uma prática.

O primeiro capítulo dedica-se inteiramente à experiência de estágio. Neste, faz-se uma descrição da entidade de acolhimento, do trabalho desenvolvido durante o estágio, dos recursos utilizados e informa-se a escolha do tema do relatório.

O capítulo II inicia a problemática da memória de tradução. Inteiramente teórico, este expõe a criação e o desenvolvimento da ferramenta em questão e aborda o seu funcionamento.

O capítulo seguinte, ainda no âmbito teórico, estuda a qualidade da tradução, dedicando-se a esclarecer os conceitos relevantes e a estabelecer a ponte entre esta temática e a memória de tradução.

O último capítulo, capítulo IV, representa a parte prática do trabalho. Neste, procede-se à aplicação de três modelos de avaliação de qualidade a uma memória de tradução e discutem-se os resultados que daí advêm.

Para finalizar, são apresentadas todas as conclusões desenvolvidas após a realização do estágio, da investigação teórica e do estudo prático desenvolvido.

## CAPÍTULO I- O ESTÁGIO CURRICULAR

### I.1. CARATERIZAÇÃO DA ENTIDADE DE ACOLHIMENTO

#### I.1.1. A SDL no Mundo

A SDL<sup>1</sup> (*Software Documentation and Localization*) é uma empresa de prestação de serviços nas áreas da gestão de conteúdo, tecnologias da tradução e serviços linguísticos, autointitulando-se como *the intelligent language and content company*<sup>2</sup>. Fundada em 1992 em Maidenhead, Reino Unido<sup>3</sup> – local onde mantém a sua sede –, a SDL é atualmente uma empresa multinacional, estando presente em 39 países e possuindo 63 escritórios espalhados pelo globo<sup>4</sup>.

Definida pelas suas competências diferenciadas em constante mudança para acompanhar as necessidades dos clientes e a evolução das tecnologias e do mundo, a SDL oferece um vasto conjunto de serviços aos seus mais de 4 500 clientes. Atendendo diversos setores – defesa e aeroespacial, automóvel, financeiro, governamental/público, tecnológico, industrial, jurídico, científico, comercial e turístico –, o seu portefólio inclui os serviços de tradução, interpretação, pós-edição, produção de conteúdos *media*, transcrição e teste de produtos. Focada no papel do tradutor e na agilização da sua relação com o cliente num contexto de crescente globalização, a SDL oferece, ainda, um conjunto de produtos tecnológicos com o objetivo de facilitar o fluxo de trabalho não só dos seus colaboradores,

---

<sup>1</sup> Em 2020, a SDL foi adquirida pela RWS Holdings, sendo atualmente identificada como parte integrante do Grupo RWS. O processo de aquisição chegou ao fim e foi oficializado no dia 4 de novembro. Todavia, as alterações consequentes entraram em vigor apenas no dia 1 de janeiro de 2021. Por este motivo, a mudança de titularidade não teve qualquer impacto na identificação da empresa e nas suas políticas durante o período de estágio. Assim, ao longo do presente relatório, a empresa de acolhimento será identificada apenas como SDL ou SDL Portugal quando em causa esteja o escritório na cidade do Porto.

<sup>2</sup> Consultar o separador “Who we are” no site da SDL, <https://www.sdl.com/about/>.

<sup>3</sup> Sendo uma empresa britânica, a língua de trabalho da SDL é o inglês. Por esse motivo, termos ingleses integram o jargão da empresa, sendo utilizados a nível global pelos seus colaboradores. Por serem referentes a estruturas, funções e serviços bastante particulares, os termos não serão traduzidos ao longo deste relatório.

<sup>4</sup> Todas as informações não confidenciais referentes aos escritórios, serviços e clientes da SDL podem ser encontrados no site da empresa, [www.sdl.com](http://www.sdl.com).

como de todos os prestadores de serviços linguísticos. Entre os mais conhecidos pelo público encontram-se o SDL Trados Studio<sup>5</sup> e o SDL Passolo<sup>6</sup>.

Tal como todas as grandes empresas, também a SDL se encontra estruturada em diferentes departamentos. Desde os recursos humanos e a contabilidade aos departamentos de *tech delivery* e *media delivery* passando, entre outros, pelos *project manager offices* e os *language offices*, esta conta com mais de 4 300 colaboradores para disponibilizar os seus serviços e produtos.

Na qualidade de prestador de serviços de tradução (PST), a empresa trabalha com 180 línguas. Destas, o francês, o alemão, o chinês simplificado, o japonês, o italiano e o espanhol são as línguas de chegada (LC) mais trabalhadas e o inglês é, de longe, a língua de partida (LP) mais solicitada.

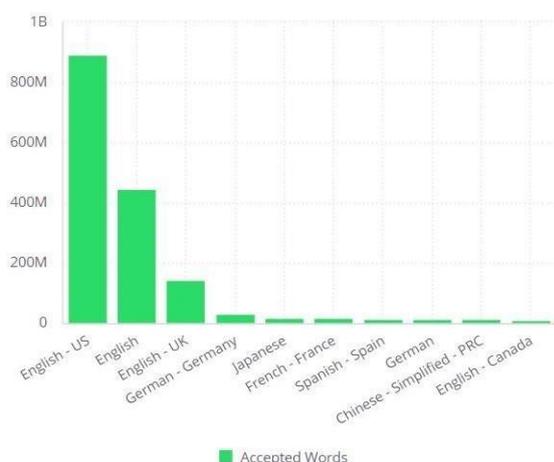


Figura 1 - Línguas de partida requisitadas pelos clientes da SDL

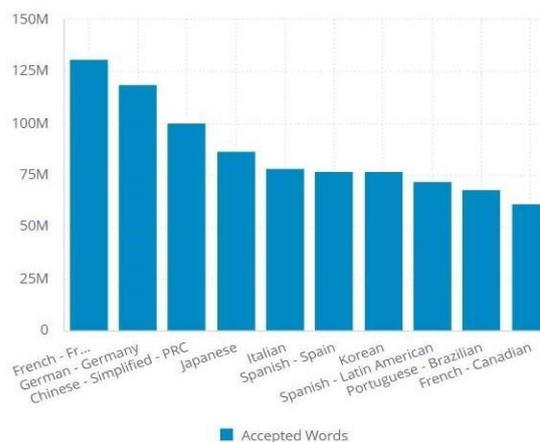


Figura 2 - Línguas de chegada mais requisitadas pelos clientes da SDL

Neste campo, depende particularmente de dois departamentos: os *project manager offices* (PMOs) e os *language offices* (LOs). Enquanto os primeiros alojam os *project managers* (PMs), constituindo a sede para a comunicação com os clientes, os segundos dedicam-se à produção. É nos últimos onde se encontram os mais de 1 400 tradutores internos (*in-house*) da

<sup>5</sup> Sistema de *software* de tradução assistida por computador, cujo nome significa *Translation & Documentation Software*.

<sup>6</sup> Ferramenta especializada de localização de *software*, desenvolvida para permitir a tradução de interfaces de utilizador.

SDL. O vasto leque de línguas de trabalho e o elevado fluxo de trabalho criam, porém, a necessidade de recorrer a cerca de 17 000 tradutores *freelance* e agências externas. É precisamente esta rede de parceiros que torna possível uma resposta imediata às mais variadas exigências de tradução impostas pelos clientes, sendo que 60% das palavras produzidas pela empresa a nível global são, efetivamente, fruto da produção de *freelancers* e agências externas<sup>7</sup>.

Ainda assim, a SDL encontra-se na linha da frente da indústria com o seu modelo de negócio. Apesar de não ser um fenómeno verdadeiramente inovador, uma vez que centenas de empresas no mundo – incluindo empresas de outras áreas – dispõem de tradutores contratados nas suas equipas, o modelo de tradução *in-house* da SDL é, sem dúvida, um elemento de diferenciação face a outras empresas com a mesma dimensão que competem no mesmo espaço. Aplicando a premissa *insource first, outsource if needed*, a SDL alcança várias vantagens competitivas: maior controlo sobre a qualidade; produção a um menor custo por palavra (melhores margens na produção de serviços linguísticos); maior continuidade e retenção do talento, levando a uma maior especialização; maior flexibilidade para lidar com ciclos sazonais nas necessidades dos clientes; melhor integração e pegada locais nos contactos com universidades e parceiros em cada país, criando melhores condições para a atração de novos talentos; valioso nível de conhecimento interno que apoia e informa a criação e desenvolvimento de ferramentas de tradução (por exemplo, quando é criada uma nova versão do Trados Studio, a SDL tem os seus próprios tradutores para testar a ferramenta); maior segurança e controlo dos dados e da privacidade dos clientes.

### *1.1.2 A SDL em Portugal*

A SDL expandiu-se para território nacional em 2016, fixando o LO português na cidade do Porto. Composta atualmente por 35 funcionários – 27 tradutores de português europeu (PT-PT), quatro tradutores de português do Brasil (PT-BR) e quatro funcionários alocados a outros departamentos – a SDL Portugal é integrada por quatro equipas de tradução de PT-PT e um núcleo de tradução de PT-BR: 27 tradutores de PT-PT encontram-se distribuídos pelas equipas

---

<sup>7</sup> Dados fornecidos informalmente pelo *Language Office Director*, o Dr. Simão Cunha, no decorrer do estágio.

de *Life Sciences*, *High-Tech*, *Automotive* e *Marketing e IT*<sup>8</sup>, e os quatro tradutores de nacionalidade brasileira compõem o núcleo de PT-BR.

Cada equipa é composta por um número de tradutores que desempenha funções de tradução, revisão e gestão. No campo da gestão, o tradutor assume o papel de *lead*, sendo a pessoa responsável pela gestão de todas as tarefas desempenhadas no LO relacionadas com um determinado grupo de clientes. Será o *lead* o ponto de comunicação entre o PM e a equipa. O *lead* realiza, assim, uma série de atividades não produtivas como, por exemplo, a receção e entrega de projetos, o envio de tarefas, instruções e quaisquer materiais que os tradutores que se encontrem a trabalhar no projeto necessitem, e a atualização das memórias de tradução e glossários do cliente. Cada membro da equipa será *lead* de uma determinada carteira de clientes. Ora, as atividades não produtivas serão, então, todas as tarefas necessárias à execução da encomenda de trabalho que não são pagas pelo cliente, opondo-se às tarefas de pagamento obrigatório pelo cliente, como a tradução e as diversas fases de revisão. No âmbito da tradução e revisão, os membros da equipa continuarão a desempenhar tarefas de tradução e revisão relativamente aos seus clientes e aos clientes dos seus colegas. Desta forma, um tradutor acumulará, em si, as funções de *lead*, tradutor e revisor.

Note-se, todavia, que as funções acima expostas não são sempre desempenhadas por todos os tradutores da equipa. Os estagiários e as novas contratações representam uma exceção. No decorrer do seu estágio, o tradutor estagiário realizará apenas tarefas de tradução. O mesmo se verifica em relação a tradutores recentemente contratados. Ainda que não exista uma regra, quando não existam constrangimentos impostos pelo excesso de encomendas de trabalho, um tradutor recém-chegado à equipa começará a desempenhar funções de gestão apenas meses mais tarde e a realizar tarefas de revisão após, aproximadamente, um ano.

Os tradutores e os *leads* encontram-se sob a liderança de um *line manager* que, além de tradutor, revisor e *lead*, é responsável por toda a gestão da equipa<sup>9</sup>. O *line manager* reporta diretamente ao *language office director*, veiculando a comunicação entre este e a equipa.

---

<sup>8</sup> Equipas dedicadas à tradução de conteúdos na área das ciências da vida, isto é, de carácter médico e/ou laboratorial; de conteúdos relacionados com todas as ações realizadas pelas empresas conhecidas como “gigantes tecnológicas”; de textos técnicos da área da indústria automóvel, produção e automação industrial; e de conteúdos relativos à divulgação de produtos e/ou serviços em diversas áreas e à localização de *software*, respetivamente.

<sup>9</sup>As tarefas relacionadas com a gestão da equipa tomam a maior parte do horário laboral do *line manager*. Por esse motivo, idealmente e sempre que possível, este retém uma carteira de clientes bastante diminuta para que se possa dedicar quase somente à gestão.

A organização da SDL Portugal pode ser resumida da seguinte forma:

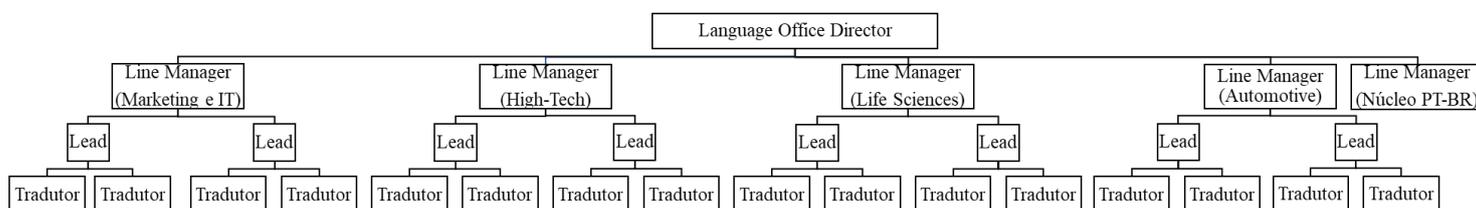


Figura 3 - Estrutura da organização da SDL Portugal

O LO português oferece um vasto conjunto de serviços linguísticos, que incluem, entre outros, a tradução, a pós-edição, a revisão, a validação linguística, a transcrição, a consultoria linguística e cultural e a legendagem. Na prestação destes serviços, disponibiliza ao cliente dez combinações linguísticas<sup>10</sup>. No entanto, qualquer trabalho solicitado numa combinação linguística que inclua a língua portuguesa como língua de chegada passará pelo escritório do Porto que, caso não possua um tradutor interno com as qualificações necessárias para esse idioma, o encaminhará para um tradutor externo. Tal como toda a instituição SDL, o LO português recorre a tradutores *freelance* e agências externas e, em Portugal, 40% das palavras são produzidas por *freelancers* e agências externas.

## I.2. DESCRIÇÃO DO ESTÁGIO

O meu estágio na SDL Portugal ocorreu entre 21 de setembro e 18 de dezembro de 2020<sup>11</sup>, tendo perfecido um total de 384 horas. Foi realizado em regime de teletrabalho, uma vez que todo o funcionamento da empresa se encontrava a decorrer nesses termos, e a minha semana laboral compreendia os dias de segunda a quinta-feira<sup>12</sup>. Fui, desde logo, alocada à equipa de

<sup>10</sup> Inglês-português europeu, inglês-português de Moçambique, inglês-português de Angola, inglês-português do Brasil, espanhol-português europeu, espanhol-português do Brasil, francês-português europeu, francês-português do Brasil, alemão-português europeu e alemão-português do Brasil.

<sup>11</sup> Note-se que a relação com a SDL Portugal teve, contudo, início meses antes. A seleção para o programa de estágios da empresa teve como condição obrigatória a realização de um teste de competências linguísticas e tradutórias e de uma entrevista com o *language office director*.

<sup>12</sup> O plano de estudos do Mestrado em Tradução requeria que frequentasse os seminários de Interpretação Simultânea e de Metodologia às sextas-feiras.

*Life Sciences*, na qual permaneci até ao final do estágio sob a supervisão e orientação da sua *line manager*.

O estágio foi, no meu entender, dividido em três fases. A primeira fase, que compreende as duas semanas iniciais, foi de aprendizagem teórica. Nesta etapa, foi notória a preocupação do *Language Office Director* e da minha supervisora com a minha integração na equipa e no mundo SDL. Os meus dias foram dedicados a conhecer a empresa, o seu método de trabalho e a compreender o meu papel na mesma, tendo-me sido disponibilizadas e administradas várias formações e conteúdos. Desde logo, foram colocadas ao meu dispor duas plataformas *online* para formação autónoma: o Atlas (*SDL Learning Zone*) e o MyLX .

O Atlas consiste numa plataforma de conteúdos especificamente destinada a novos colaboradores da SDL, que promove o primeiro contacto dos mesmos com a empresa. O objetivo do Atlas é, assim, facilitar a integração dos novos membros através de conteúdos apresentados em diversos formatos – vídeos, infografias, esquemas ou documentos de texto –, que fornecem informações sobre a empresa, a sua estrutura, os seus valores e objetivos, os seus clientes, os seus produtos e os seus serviços, entre outros. Os conteúdos desta plataforma encontram-se agrupados em *Learning Zones*. Cada uma dessas *Learning Zones* é dirigida a um grupo de colaboradores específico. Por exemplo, a *Translation Learning Zone* deve ser explorada pelos tradutores e a *Project Management Learning Zone* destina-se aos *project managers*.

O MyLX, por sua vez, é uma plataforma de formação contínua dirigida a todos os colaboradores. Aqui, é possível encontrar um vasto conjunto de cursos, em vários formatos, sobre temas muito diversos como, por exemplo, o funcionamento da SDL e dos seus escritórios, questões éticas e de segurança, políticas de comunicação interna e de comunicação com o cliente, definição de preços e orçamentos, serviços linguísticos ou utilização de *software*.

No decorrer do estágio, foram realizadas, autonomamente, 65 formações nas plataformas e foram-me lecionadas oito formações por outros profissionais da SDL (Anexo I). Para além das formações, foi obrigatória a leitura do Regulamento Interno da SDL Portugal, do Guia de Estilo de Português Europeu da SDL (Anexo II), do Código de Conduta e da Política de Proteção de Dados da empresa. As formações mostraram desde cedo que a SDL não tem como objetivo beneficiar de mão-de-obra gratuita, mas sim descobrir, formar e aliciar futuros colaboradores.

A segunda fase teve início no final da segunda semana, período em que comecei a receber os meus primeiros trabalhos. Contudo, o desconhecimento dos recursos e dos processos aplicados não foi desconsiderado pela minha equipa. Por este motivo, nas três semanas que se seguiram, fui mais acompanhada e os prazos concedidos para a conclusão das traduções foram simpaticamente generosos. As minhas tarefas diárias implicaram a utilização de *software* e plataformas com as quais nunca tinha trabalhado: o SDL Trados Studio; a Timesheet, uma plataforma para o registo de todas as tarefas desempenhadas durante o dia laboral, que tem como objetivo o apuramento da produtividade do trabalhador; a Tasks, uma folha Excel localizada na *cloud* interna da SDL, na qual se registam e distribuem todas as tarefas pela equipa (*tracking sheet*); o Helix e o Empower, plataformas que permitem o seguimento de todas as fases de um projeto e a emissão das ordens de encomenda e de pagamento aos tradutores.

Após esse período de ambientação e interiorização teórica, teve início a terceira fase: a fase da produtividade. De forma gradual, foi-me sendo delegada uma maior carga de trabalho e foram-me sendo concedidos prazos de entrega mais curtos até que, eventualmente, me encontrei a trabalhar a um ritmo idêntico ao das minhas colegas. O objetivo final desta fase é apurar se o estagiário consegue aliar a produtividade às exigências de qualidade.

Ainda que me encontrasse alocada à equipa de *Life Sciences*, e por isso mais restrita a textos de natureza médica e laboratorial, as traduções que realizei assumiram várias formas e conteúdos. Desde a localização de *software* médico à tradução de manuais de instruções de equipamentos médicos, e de questionários sobre a satisfação dos pacientes à legendagem de vídeos promocionais de novos equipamentos médicos, a minha experiência abrangeu vários tipos de textos.

O trabalho realizado consistiu, apenas, em tradução, uma vez que, tal como referido anteriormente, todas as outras tarefas – como revisão e gestão de clientes – são desempenhadas pelos colaboradores mais experientes. As traduções foram realizadas apenas para o par linguístico inglês-português europeu. No decurso do estágio foram concluídas 119 traduções, sendo que destas 110 consistiram em pós-edições às quais foi aplicada a tradução automática. Em todas as traduções foi realizada uma pré-tradução com recurso a memórias de tradução. Do total, 44 traduções eram compostas por mais de 1 000 palavras, facto que contribuiu, na minha opinião, para um grande enriquecimento das minhas competências tradutórias.

Todas as minhas traduções eram, como normal, seguidas de uma fase de revisão desempenhada por outro tradutor. Após a revisão, deveria receber um *feedback* e, por vezes, recebi um *compare* – um documento comparativo das versões de tradução e revisão, no qual são assinaladas todas as alterações efetuadas, sendo possível visualizar o segmento pré e pós revisão. O estagiário é encorajado a pedir *feedback* sempre que considerar necessário sendo, no entanto, responsável por fazer os seus próprios *compares*. Para além disso, realizei reuniões com a minha supervisora com o objetivo de debater e esclarecer todo o tipo de questões, tirar dúvidas e receber comentários gerais acerca do meu desempenho durante o estágio.

Notou-se uma maior preocupação com o acompanhamento nas primeiras três semanas. O *feedback*, que se mostrava fundamental para a minha evolução enquanto tradutora, tornou-se escasso após esse momento. Também as reuniões foram escassas ao longo dos três meses de estágio, tendo sido uma prática regular apenas nas três primeiras e últimas duas semanas. Ainda assim, deve ressaltar-se que, sempre que me surgia uma dúvida ou era necessária ajuda, a minha *line manager* se mostrava disponível para me esclarecer no momento. O *feedback* e os *compares* recebidos ou por mim realizados tornavam possível compreender e retificar os meus erros numa tradução posterior. No entanto, o volume de trabalho impedia a realização regular de *compares* e o material necessário para tal chegava até mim, por vezes, já bastante tarde, sendo apenas possível aplicar as correções após a realização de várias traduções nas quais tinha sido perpetuado o mesmo erro. Ainda no âmbito do *feedback* e das críticas recebidas relativamente às minhas traduções, foi-me, desde o primeiro dia, salientada a importância de uma comunicação positiva e da aceitação de tais críticas para a manutenção das relações pessoais e do espírito positivo da equipa.

Numa fase pós-estágio, observaram-se ainda algumas dificuldades. Ora, uma vez que o presente trabalho representa um relatório de estágio, espera-se, e é necessário, que a entidade de acolhimento disponibilize os materiais necessários para o estudo do tema escolhido. No entanto, tal parece não acontecer. Motivos de confidencialidade mobilizados pela empresa impediram a obtenção de memórias de tradução para a posterior avaliação da sua qualidade e obrigaram a procurar outras fontes. Deve notar-se, todavia, que este não parece ser um problema exclusivo da realização de estágios na SDL e deste estágio em particular, mas sim um problema comum à maioria dos estágios curriculares.

### I.3. ESCOLHA DO TEMA DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Ainda que possa parecer algo supérflua, pensa-se que esta secção é necessária para explicar, de forma introdutória, a mudança radical de foco que se dá no próximo capítulo.

O estágio curricular realizado na SDL foi a minha primeira experiência laboral na área da Tradução, tendo sido, conseqüentemente, o primeiro contacto com o processo de tradução implementado num PST de grande dimensão. Ainda que, como já referido, ao longo do curso se tenha abordado a utilização de ferramentas de tradução assistida por computador, apenas no decorrer do estágio se percebeu o impacto que estas têm nos resultados de uma empresa e como estas são utilizadas nas várias fases do processo. A maior realização relacionou-se, especificamente, com a utilização de memórias de tradução. Ora, neste âmbito, a política da empresa exige que, sempre que exista uma memória que possa ser aplicável a um determinado projeto de um determinado cliente, esta deva ser aplicada e rigorosamente seguida. Isto significa que o tradutor não deve, de todo, editar segmentos com correspondências totais e apenas pode adicionar, eliminar e aditar o que seja estritamente necessário nos segmentos com correspondências parciais (ver II.3).

Ora, foi precisamente esta política que esteve na base das minhas maiores dificuldades. Com efeito, os erros que eram constantemente apontados nas minhas traduções prendiam-se com a falta de seguimento da memória de tradução. Ao longo do tempo, percebi, contudo, que o problema não era causado pela não aplicação da memória, mas por outra razão muito diferente: a contaminação das memórias criava várias escolhas para o mesmo segmento e, devido à minha falta de experiência, era-me impossível saber qual das opções estaria correta, acabando, muitas vezes, por empregar a errada. Rapidamente se percebeu que a qualidade dos recursos utilizados no processo da tradução, concretamente da memória de tradução, está diretamente ligada à qualidade da tradução final.

A falta de qualidade da memória de tradução, causada pela manutenção insuficiente da mesma, parecia ser, no entanto, algo que só a mim incomodava. Quando confrontados com esta situação, outros colaboradores da empresa pareciam, aliás, apenas referir-se e dar importância à consistência – que seria assegurada quer a memória tivesse qualidade ou não – chegando mesmo a mobilizar o conceito como um sinónimo de qualidade. Comecei, então, a questionar-me se o impacto, várias vezes negativo, que as memórias de tradução tinham nas minhas

traduções se devia apenas à minha falta de experiência. As leituras realizadas mostraram-me, todavia, que este era um problema reconhecido por vários tradutores experientes, sendo apontado em vários estudos como uma das principais desvantagens da utilização desta ferramenta.

A falta de manutenção das memórias de tradução, e em especial o impacto que tal pode ter na qualidade de uma tradução, parece não ser, contudo, uma problemática em foco no mundo da tradução. Foi precisamente com o objetivo de identificar e comprovar este problema que nasceu o tema deste relatório, que será, então, abordado nos capítulos seguintes.

## CAPÍTULO II – A MEMÓRIA DE TRADUÇÃO

### II.1. DELIMITAÇÃO DO CONCEITO

A globalização, sabe-se, tornou-se um dos principais fatores para o desenvolvimento de várias indústrias e, no campo da tradução, foi sem dúvida um dos maiores impulsionadores para o seu crescimento. Promovendo a aproximação de culturas, países, pessoas e produtos, a globalização e a tradução parecem andar de mãos dadas, não sendo, por isso, surpresa que a primeira influencie a última. O fenómeno da globalização ganhou um novo fôlego devido às mudanças ocorridas após a Segunda Guerra Mundial. A criação de instituições internacionais estabeleceu novas relações económicas e políticas que, conseqüentemente, intensificaram as comunicações globais. Obrigando à geração de uma enorme quantidade de textos para novos e diferentes propósitos (Mitchell-Schuitevoerder, 2020: 15), os caminhos de comunicação então abertos conduziram ao rápido crescimento da indústria da tradução e exigiram o desenvolvimento e a adaptação conformes deste setor de atividade. Neste contexto, começaram a ser concebidos instrumentos destinados a auxiliar os tradutores e a aumentar a sua produtividade – as designadas ferramentas de tradução assistida por computador (TAC). Foi no cenário retratado que teve, então, início a conceção da memória de tradução (MT).

Ora, sendo a memória de tradução uma ferramenta de TAC, não é possível estudá-la sem que sejam previamente esclarecidas algumas noções relacionadas com as ferramentas em geral. Assim, neste primeiro momento, procede-se à definição de dois conceitos intrinsecamente ligados à criação e ao desenvolvimento da MT – tradução automática e tradução assistida por computador – e à delimitação dos conceitos referentes à própria ferramenta – memória de tradução e sistema de memória de tradução.

- a) Tradução automática (TA) (*machine translation, automatic translation, computer translation*): ao longo do tempo têm sido indicadas várias definições para este conceito. Enquanto algumas incluem a intervenção humana como um fator a considerar, outras não lhe fazem qualquer referência. A Associação Europeia de Tradução Automática (EAMT: s/d), por exemplo, define tradução automática como “the application of computers to the task of translating texts from one natural language to another”. Por sua vez, o relatório emitido pelo Automatic Language

Processing Advisory Committee (ALPAC) entende que “‘Machine Translation’ presumably means going by algorithm from machine-readable source text to useful target text, without recourse to human translation or editing” (1966: 19) e Hutchins aponta-a como um “computerised (...) [system] responsible for the production of translations from one natural language into another, with or without human assistance” (Hutchins e Somers, 1992: 3). Enquanto parece, ainda, existir alguma confusão em redor do conceito (Quah, 2006), por se mostrarem concisas, claras e atuais, a presente exposição escrita apoia-se nas definições encontradas em CERT, 2012 e Chan, 2004. Deste modo, tradução automática referir-se-á à atividade de tradução automaticamente/mecanicamente realizada por um *software* de computador. Neste caso, o *software* desempenhará todo o processo de tradução (CERT, 2012: 4), desde a análise do texto de partida à sua reprodução na língua de chegada, e a função do tradutor humano será reduzida à revisão do texto. No panorama atual da indústria da tradução, a TA parece assumir amplamente a forma de tradução realizada pelo computador assistida por humano (*human-assisted computer translation*), “wherein the computer is responsible for producing the translation *per se*, but may interact with a human monitor at many stages along the way” (Slocum, 1988: 5). Com efeito, a tarefa desempenhada pelo tradutor é, nesta circunstância, identificada na indústria da tradução como pós-edição ou pré-edição, dependendo do momento da sua interferência.

- b) Tradução assistida por computador (*CAT*, *computer-aided translation*, *computer-assisted translation* e, historicamente, *machine-aided human translation* ou *machine-assisted human translation*): tradução realizada por um tradutor humano com recurso a instrumentos/ferramentas computadorizadas.

The major distinction between MT (Machine Translation) and CAT (Computer-Assisted Translation) lies with who is primarily responsible for the actual task of translation. In MT, the computer translates the text, though a human translator may later edit the machine output. In CAT, human translators are responsible for doing the translation, but they may make use of a variety of computerized tools to help them complete the task and increase their productivity.

(Bowker, 2002: 4)

Estas ferramentas, conhecidas como ferramentas de TAC, podem, então, ser definidas como “computer programme[s] that assist the human translator in the process of translation by allowing instantaneous access to various linguistic and text editing/formatting assets” (Kornacki 2018, citado em Pietrzak e Kornacki, 2021: 19). Trata-se de *software* – por exemplo, *software* de gestão de terminologia, de alinhamento de texto, de processamento de texto, entre outros – concebido com o objetivo de aumentar a produtividade dos tradutores. Importa notar que uma ferramenta de TAC pode ser integrada por várias outras ferramentas. Nesse caso, assume a forma de um sistema integrado ao qual se dá o nome de *workbench* ou *workstation* (estação de trabalho) (Quah, 2006: 93). Exemplificando, o SDL Trados Studio – ferramenta utilizada no estágio curricular – é, em si mesmo, não só um *software*, mas também um sistema integrado de tradução que comporta diversas ferramentas destinadas às mais variadas funcionalidades.

Olhando agora para a memória de tradução, a ferramenta de TAC central deste estudo, importa salientar que a sua denominação é utilizada de forma ambígua pelos membros do setor da tradução (Melby e Wright, 2015: 662). Com efeito, nos estudos da área, o conceito parece abranger duas definições: uma mais ampla e outra mais estrita (Macklovitch e Russel, 2000: 137). Cabe, ora, fazer uma delimitação que estará subjacente na continuação deste relatório.

- a) Memória de tradução (MT) (*translation memory [TM]*): este termo parece referir-se à definição mais estrita. Segundo a literatura, a MT é um arquivo de todas as traduções anteriores, criado com o objetivo de reutilizar essas mesmas traduções (Macklovitch e Russel, 2000: 137). É, assim, “a database that translators can access in order to re-use previous translations while translating new texts” (Christensen e Schjoldager, 2017: 1).
- b) Sistema de memória de tradução (SMT) (*translation memory system*): com este nome faz-se, agora, referência à definição mais estrita. SMT é a denominação atribuída ao *software* de computador que permite criar, aceder e processar a base de dados, editar as traduções nela armazenadas e adicionar novas. De forma simples, o termo SMT refere-se a todo o sistema responsável por “[maintaining] a database of source and target-language sentence pairs, and automatically [retrieving] the

translation of those sentences in a new text which occur in the database” (Macklovitch e Russel, 2000: 137).

Doravante, as designações “memória de tradução” e “sistema de memória de tradução” serão utilizadas com base nas definições apresentadas.

## II.2 BREVE HISTÓRIA

O nascimento das ferramentas de TAC e, por isso, da memória de tradução encontra-se estreitamente ligado ao fracasso da tradução automática (Chan, 2017: 1). A ideia de tradução automática surgiu apenas um ano após chegar ao fim a construção do primeiro computador moderno. Em 1947, o cientista e matemático Warren Weaver fez a primeira alusão à utilização do computador para a tradução de línguas numa carta que enviou ao seu colega de profissão e especialista em cibernética Norbert Wiener. A ideia viria a ser divulgada um ano mais tarde, quando Weaver redigiu aquele que ficou conhecido como *Weaver’s Memorandum*, documento no qual expunha as suas expectativas em relação à TA. A publicação do seu desígnio tornou-se o ponto de partida para a investigação nesse campo, que se viria a intensificar na década seguinte.

“During the early phase of research and development in translation technology (from early 1950s until the 1960s) the focus was on fully automatic translation intended to replace human translators rather than increase their productivity” (Melby e Wright, 2015: 671). Com efeito, existiam à data vários projetos de investigação na área da TA a decorrer em diversos países – Takashi no Japão, Wada na China, Ceccato em Itália e Masterman em Inglaterra<sup>13</sup>. Todavia, foram os acontecimentos ocorridos nos Estados Unidos da América que ditaram a mudança de panorama que marcaria as próximas décadas. Neste país, os resultados dos esforços dedicados à TA ficaram longe de corresponder às expectativas (Chan, 2017: 2) e, em 1963, o maior projeto de investigação financiado pelo governo americano neste campo (Georgetown-IBM<sup>14</sup>) chegou ao fim. No ano seguinte, a pedido da National Science Foundation, foi criado o

---

<sup>13</sup> Projetos dedicados à tradução automática conduzidos por Koji Takahashi na Universidade de Kyushu, Hiroshi Wada na ETL Systems, Silvio Ceccato no Centro de Estudos Cibernéticos e Linguísticos da Universidade de Milão e por Margaret Masterman na Unidade de Investigação linguística de Cambridge. Para mais informações sobre estes projetos consultar Hutchins 2000.

<sup>14</sup> Em 1952, no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), realizou-se a primeira conferência sobre tradução automática. Entre os presentes estava Léon Dostert – Diretor do Instituto de Línguas e Linguística da Universidade

ALPAC (Automatic Language Processing Advisory Committee)<sup>15</sup>, cuja missão era estudar e avaliar o estado da TA para aconselhar a própria Fundação e o United States Department of Defense sobre como deveriam proceder nos campos da investigação e do desenvolvimento da tradução automática (ALPAC, 1966: iii).

O relatório publicado pelo Comité em 1966 causou um enorme impacto nas investigações a decorrer, não só no país norte americano, como também na Europa e na Ásia. Ainda que não tenha determinado a cessação dos esforços para a criação de um sistema capaz de executar automaticamente uma tradução, exerceu um papel fundamental na mudança de “perspective on the role of humans, from assistant to master of a translation technology system” (Melby e Wright, 2015: 674). Impressionados e influenciados pela utilização do computador na Agência de Tradução das Forças Armadas Alemãs (Bundessprachenamt), em Mannheim<sup>16</sup>, e na Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA)<sup>17</sup>, os membros do Comité afirmaram não existir um “immediate or predictable prospect of useful machine translation” (ALPAC, 1966: 32), uma vez que a tradução automática era mais lenta, menos precisa e mais dispendiosa que a tradução realizada por uma pessoa (Arthern, 1979: 9). Por esses motivos, entenderam que

---

de Georgetown. Entusiasmado com as perspectivas apresentadas na conferência, Dostert deu início a um projeto de investigação colaborativo entre Georgetown e a IBM (International Business Machines Corporation). Como resultado desse projeto, a 7 de janeiro de 1954, na sede da IBM, realizou-se a primeira demonstração pública de uma tradução realizada por um computador. Os investigadores conseguiram apresentar a tradução automática de mais de sessenta frases – na sua maioria curtas e relacionadas com química orgânica – de russo para inglês (Hutchins, 2006).

<sup>15</sup> Comité composto por seis cientistas: John R. Pierce, Bell Telephone Laboratories; John B. Carroll, Universidade de Harvard; Eric P. Hamp, Universidade de Chicago; David G. Hays, RAND Corporation; Charles F. Hockett, Universidade de Cornell; Anthony G. Oettinger, Universidade de Harvard; Alan Perlis, Instituto de Tecnologia de Carnegie. Hamp foi apontado como membro do Comité em fevereiro de 1965, após a demissão de Hockett em dezembro de 1964.

<sup>16</sup> Nos anos anteriores à criação do Comité, a Agência de Tradução das Forças Armadas Alemãs conduziu uma experiência cujo objetivo era apurar de que forma o funcionamento de um computador poderia auxiliar o tradutor. A experiência avaliou o processo de dois tradutores. O tradutor A podia, apenas, recorrer aos dicionários e referências convencionais, enquanto o tradutor B podia consultar um glossário especificamente criado e delimitado para o texto que se encontrava a traduzir. No “text related glossary” encontravam-se listados todos os termos técnicos presentes no texto de partida e os seus equivalentes na língua de chegada. Este glossário era criado através de um sistema computadorizado que funcionava da seguinte forma: o tradutor lia o texto de partida e sublinhava os termos que pretendia consultar; as marcações feitas pelo tradutor, eram, em seguida, introduzidas no computador através de um cartão perfurado; ao ler a informação, o computador produzia e imprimia um glossário no qual se encontravam os termos e a sua tradução. Após a análise dos resultados da experiência, o sistema passou a vigorar na Agência em 1965 (ALPAC, 1966; Hutchins, 1998; Melby e Wright, 2015).

<sup>17</sup> Também a CECA tinha já adotado medidas para aumentar a produtividade dos seus tradutores vigorando, àquela data, um sistema de procura automática no dicionário. O funcionamento do sistema assemelhava-se ao de Mannheim. No entanto, existiam algumas diferenças. Após analisar o cartão perfurado, o computador realizava uma busca não por termos, mas por frases completas semelhantes em termos lexicais. De seguida, a frase ou frases eram impressas de acordo com a ordem da sua ocorrência no TP (ALPAC, 1966).

a utilização de ferramentas computadorizadas “could be more economically effective in the support of translation production than any of the current MT systems” (Hutchins, 1998: 3).

O relatório do ALPAC marcou, assim, o início da primeira fase da evolução das ferramentas de TAC e, por isso, da memória de tradução – a fase embrionária (1967-1983)<sup>18</sup>.

### II.2.1. Fase embrionária: 1967-1983

Neste intervalo de tempo, com base na literatura sobre o tema, destacam-se três acontecimentos: a proposta de Peter Arthern em 1979, a redação do relatório *The proper place of men and machine in language translation* por Martin Kay em 1980 e a tentativa da integração de uma ferramenta baseada numa memória de tradução num sistema de tradução automática, realizada por Alan Melby.

Ainda que até então tenham existido alguns prenúncios de um sistema de memória de tradução<sup>19</sup>, Peter Arthern<sup>20</sup> é apontado por Hutchins (1998) e Melby e Wright (2015) como a primeira pessoa a apresentar uma descrição de um SMT semelhante ao que se conhece hoje<sup>21</sup>. Em 1978<sup>22</sup>, aquando da sua participação na primeira conferência sobre tradução e computadores organizada pela AsLib (Association of Special Libraries and Information Bureaux, mais tarde Association for Information Management), Arthern partilhou as suas opiniões sobre o impacto que a tecnologia de tradução teria na Comissão Europeia. Salientando que os textos traduzidos no seio da instituição eram altamente repetitivos, advertiu que os tradutores perdiam demasiado

---

<sup>18</sup> Segue-se a sistematização de períodos apresentada em Chan (2017: 1).

“The first period, which goes from 1967 to 1983, is a period of germination. The second period, covering the years between 1984 and 1992, is a period of steady growth. The third period, from 1993 to 2002, is a decade of rapid growth. The last period, which extends from 2003 to 2014, is a period of global development”.

<sup>19</sup> O sistema utilizado na CECA assemelhava-se a um SMT. No entanto, apesar da sua aparência, importa salientar que não era um SMT. A primeira diferença prendia-se com o facto de os pares criados pelas frases do TP e do TC terem de ser manualmente introduzidos pelo tradutor, um de cada vez. Para além disso, a base de dados que possibilitava a consulta não resultava do processamento de textos de partida já existentes e das respetivas traduções (Melby e Wright, 2015: 672).

<sup>20</sup> À data, Arthern era Diretor da divisão de tradução em inglês do Conselho das Comunidades Europeias (mais tarde alterado para Conselho da União Europeia).

<sup>21</sup> Ao longo da investigação por mim feita, foi visível a falta de concordância entre os autores relativamente à primeira figura a sugerir um SMT. Enquanto alguns sugerem ter sido Arthern, outros escrevem ter sido Melby ou Kay. Uma vez que os acontecimentos retratados nos textos publicados por Arthern, Melby e Kay parecem apoiar Hutchins e Melby e Wright, adotámos a sua cronologia.

<sup>22</sup> O trabalho apresentado por Arthern viria ser publicado em 1979 no compêndio da conferência. Por esse motivo, a generalidade das referências a Arthern na literatura mobilizam a data 1979.

tempo a traduzir textos previamente traduzidos (Arthern, 1979: 94). Para contornar essa realidade, propôs um sistema que ficaria conhecido como *translation by text-retrieval*.

[T]he proposal is simply that the organization in question should store all the texts it produces in the system's memory, together with their translations into however many languages are required.

This information would have to be stored in such a way that any given portion of text in any of the languages involved can be located immediately, simply from the configuration of the words, without any intermediate coding, together with its translation into any or all of the other languages which the organization employs.

This would mean that, simply by entering the final version of a text for printing, as prepared on the screen at the keyboard terminal, and indicating in which languages translations were required, the system would be instructed to compare the new text, probably sentence by sentence, with all the previously recorded texts prepared in the organization in that language...

Depending on how much of the new original was already in store, the subsequent work on the target language texts would range from the insertion of names and dates in standard letters, through light welding at the seams between discrete passages, to the translation of large passages of new text with the aid of a term bank based on the organization's past usage.

(Arthern, 1979: 94)

O segundo momento a destacar ocorreu um ano mais tarde, quando Martin Kay – investigador no centro de investigação Xerox em Palo Alto – fez circular entre os seus colegas um relatório sobre a tradução automática e a utilização de computadores. Apesar de ter sido publicado apenas no final dos anos 90, o memorando intitulado *The proper Place of men and machine in language translation* teve um impacto substancial nos anos 80 entre os investigadores que pensavam já “that post-editing raw machine translation was certainly not the only and probably not the best use of the talents of a professional human translator” (Melby e Wright, 2005: 674). No relatório, Kay fez uma crítica à TA, afirmando que esta estava longe de conseguir corresponder aos requisitos de qualidade exigidos e defendendo que não se podia tentar mecanizar as tarefas humanas (Kay, 1997: 1-7). Reconheceu, contudo, que num panorama no qual se verificava uma necessidade crescente de traduções, o computador seria a única solução (Kay 1980: 4), motivo pelo qual este devia ser utilizado para aumentar a produtividade humana e tornar a profissão do tradutor “more rewarding, more exciting, more human” (Kay, 1980: 1). O investigador propunha, então, que algumas funções no processo da tradução fossem gradualmente atribuídas ao computador. A sua proposta concretizava-se sob a

forma de uma *workstation* integrada com diversas ferramentas, designada pelo autor como *Translator's Amanuensis* (Kay, 1980: 13). Entre as ferramentas que deveriam ser integradas, encontrava-se uma que permitia ao tradutor consultar todas as anotações anteriormente redigidas sobre determinado termo e todos os fatores que teriam, em algum momento, influenciado a sua decisão tradutória. O investigador apresentou, assim, o que Hutchins descreve como “a conception of a kind of TM” (1998: 6). Segundo essa concepção,

if the piece of text to be translated next is anything but entirely straightforward, the translator might start by issuing a command causing the system to display anything in the store that might be relevant to it. This will bring to his attention decisions he made before the actual translation started, statistically significant words and phrases, and a record of anything that had attracted attention when it occurred before. Before going on, he can examine past and future fragments of text that contain similar material.

(Kay, 1980: 19)

O terceiro acontecimento relevante neste período deu-se em 1981, tendo como ator principal Alan Melby. O investigador da Universidade de Brigham Young, juntamente com uma equipa, tinha a seu cargo a investigação sobre a TA desde o início dos anos 70. O período inicial da investigação foi dedicado à criação de um sistema de tradução automática completamente computadorizado, o *Junction Grammar*. No entanto, o sistema apresentava aquilo que Melby considerava como sendo, certamente, o problema em todos os projetos dedicados à TA:

when a word with multiple senses was encountered, the machine translation system attempted to resolve the categorial ambiguity automatically, but when a word had multiple senses within a category, the program presented a list of definitions to the English monolingual to choose from and waited for a reply.

(Melby e Warner, 1995: 44)

De forma a contornar o obstáculo, o grupo de cientistas focou-se na criação de um sistema de TA interativo, no qual, “in order to increase the chances of the computer making the right choice, the designers allowed the user to select among several (...) dictionaries when a text was translated” (Melby e Warner, 1995: 45). No entanto, as traduções conseguidas através do sistema de tradução interativo (STI) estavam longe da qualidade esperada e o projeto chegou a um impasse. Após a criação do STI, alguns membros do grupo abandonaram a universidade

e fundaram a ALPS Inc. (mais tarde conhecida como AlpNet Corporation), onde continuaram a desenvolver o sistema. Melby, porém, permaneceu no seu posto e, sentindo-se

suddenly fascinated by human translation in its own right, since skilled human translators were doing, and had been doing for thousands of years, something which no machine translation project had been able to do—produce high-quality translations of a variety of general-language texts,

(Melby e Warner, 1995: 49)

decidiu dedicar-se ao estudo da tradução humana, começando a desenvolver ferramentas para o auxílio da mesma. Em 1981, concebeu a ideia de uma *workstation* que conferisse três níveis de assistência ao tradutor. O primeiro permitiria aceder a várias ferramentas terminológicas, incluindo a uma base de dados composta pelos textos originais e as suas traduções. Em termos mais práticos, a ideia de memória de tradução serviu de base para o desenvolvimento de dois sistemas: *Suggestion Box* e *Repetitions Processing*. O primeiro foi concebido em Brigham Young e o segundo na AlpNet Corporation, em colaboração com os seus antigos colegas. O *Repetitions Processing*, um sistema que permitia “[the] access to previously translated segments which were identical” (Chan, 2017: 3), foi alvo de uma tentativa de integração no STI na AlpNet e, mais tarde, foi, efetivamente, incorporado no produto da empresa, o Autoterm™ (Hutchins, 1998).

Apesar disso, e ainda que existisse já o desejo por tal ferramenta, os limites da tecnologia e do *hardware* existentes à data, nomeadamente em relação à velocidade de processamento do texto e da capacidade de memória, levaram a que a tecnologia da memória de tradução continuasse num estado de exploração (Hutchins, 1998: 4). Os avanços tecnológicos necessários para que a criação de ferramentas capazes pudesse ser possível viriam a ocorrer poucos anos mais tarde.

### *II.2.2. Fase da concretização prática: 1984-1992*

A segunda fase teve início em 1984. No período de oito anos que se seguiu, foram fundadas várias empresas dedicadas ao desenvolvimento e à comercialização de sistemas de tradução assistida por computador. O aparecimento dessas organizações permitiu a passagem

de uma fase de concepção maioritariamente teórica para a fase da concretização prática. Foi em 1984 que surgiram as primeiras empresas: a Trados, na Alemanha, e a STAR AG, na Suíça. Dois anos após o seu aparecimento, a STAR AG começou a desenvolver *software*, entre os quais um sistema de memória de tradução – Transit.

O primeiro sistema de TAC comercializado teve, porém, origem nas instalações de uma das afiliadas da IBM, em 1988. O sistema designado de ETOC, descrito como um “upgraded electronic dictionary” (Chan, 2017: 5), possuía as funcionalidades básicas das ferramentas de memória de tradução atuais:

when inputting a sentence to be searched into ETOC, the system tried to extract it from its dictionary. If no matches were found, the system would make a grammatical analysis of the sentence, taking away some substantive words but keeping the form words and adjectives which formed the sentence pattern. The sentence pattern would be compared with bilingual sentences in the dictionary database to find sentences with a similar pattern, which would be displayed for the translator to select. The translator could then copy and paste the sentence onto the Editor and revise the sentence to complete the translation.

(Chan, 2017: 5)

Foi apenas três anos mais tarde, em 1991, que a STAR AG concluiu as suas investigações e experiências e lançou mundialmente o seu sistema de memória de tradução – o *Transit 1.0 32-bites DOS*. O sistema foi, no entanto, comercializado como um *software* independente, tendo sido a Trados a primeira a integrar um SMT numa *workstation* quando, em 1992, lançou o *Workbench I* e o *Workbench II*.

Ainda no mesmo ano, a americana IBM colocou à venda o *Translation Manager/2* (TM/2). Os sistemas até então lançados apenas permitiam procurar e reutilizar correspondências totais. Este foi o primeiro sistema a possibilitar a procura de correspondências meramente parciais na base de dados.

### *II.2.3. Fase do crescimento rápido: 1993-2003*

Os avanços tecnológicos ao nível da capacidade dos computadores, o desenvolvimento do Microsoft Windows como um sistema operativo independente e a universalização da Internet na década de 90 aceleraram de forma exponencial o desenvolvimento e a

comercialização de ferramentas de TAC. Com efeito, “[b]efore 1993, there were only three computer-aided translation systems available on the market (...). During the ten-year period between 1993 and 2003, about 20 systems were developed for sale” (Chan, 2017: 7).

O primeiro grande avanço no campo dos SMT ocorreu em novembro de 1993, quando a Atril comercializou a primeira versão do Déjà Vu. Esta ferramenta combinava um sistema de memória de tradução com um sistema de tradução automática baseada em exemplos e foi a “first translation memory tool for windows, the first translation memory tool that could be directly integrated into Microsoft Word, the first 32-bit translation memory tool, and the first affordable translation tool” (Chan, 2017: 8). Um ano depois, surgiu o Eurolang Optimizer produzido pela francesa Eurolang. O sistema mais recente incluía um servidor que possibilitava a pré-tradução através do recurso à memória de tradução e a outras bases de dados terminológicas. Em 1994, a Trados não demorou a responder e integrou a funcionalidade de procura de correspondências parciais no seu *Translator’s Workbench*.

Dois anos depois, foi lançada uma nova versão do Déjà Vu com um conjunto de funcionalidades inovadoras, entre elas a manutenção da MT baseada numa ferramenta de alinhamento. Em 2000, a China entrou na corrida e a Yaxincheng Software Technology Co. Ltd. lançou a sua ferramenta de TAC que conferia aos tradutores a possibilidade de partilhar as memórias de tradução *online* e de várias pessoas editarem simultaneamente os resultados da sua aplicação ao texto. Também em 2003, o Trados 6 foi lançado com uma funcionalidade que permitia armazenar e aceder à memória de tradução num servidor *online*.

Os acontecimentos apontados são apenas uma mínima parte dos programas que surgiram no mercado. A concorrência marcou este período e todas as empresas lançaram continuamente versões melhoradas dos seus produtos. Ainda assim, observou-se o início do domínio comercial da Trados.

#### *II.2.4. Fase da globalização: 2003-presente*

Na primeira década no novo milénio, a concorrência no mercado das ferramentas TAC aumentou e novos países como a Hungria, o Japão, o Uruguai e a República Centro-Africana juntaram-se à corrida. As ferramentas passaram a ser não só criadas, como utilizadas em todo o mundo e os SMT tornaram-se a ferramenta mais significativa entre os tradutores. Como

resposta ao interesse e à exigência de novas funcionalidades, nos últimos 20 anos, as empresas lançaram novos sistemas e atualizaram os já existentes. A oferta atual permite agora aos consumidores escolher entre diferentes pacotes, funções, sistemas operativos e preços (Chan, 2017: 149). Apesar de esta ser uma era de maior facilidade de acesso à informação, os desenvolvimentos na área da tecnologia da tradução e, particularmente, referentes aos SMT não são tão visíveis e fáceis de descortinar como nos períodos anteriores. Ainda assim, é possível destacar algumas novidades.

As maiores alterações parecem ter-se focado em: criar mais capacidade de armazenamento para as MT, nomeadamente com o recurso a servidores e *clouds*; suportar mais combinações linguísticas; disponibilizar a interface de utilizador em mais línguas; garantir a compatibilidade dos sistemas com as versões em atualização do Microsoft Windows e do Microsoft Office; criar sistemas mais *user-friendly*; integrar os SMT com a TA.

Neste sentido, apontam-se alguns desenvolvimentos (para uma leitura discriminada, consultar Chan, 2017: 1-26). Em 2004, a britânica ATA lançou o Xpro7 com a função de TA e de MT *online* sincronizada. No mesmo ano, nos EUA, a Systran lançou uma nova versão do seu *software* Multilizer que incluía uma MT para consulta de multiutilizadores e um gestor de tradução de memória autónomo para editar, adicionar e eliminar traduções (manutenção). Em 2005, a Yaxin Software Technology Co. Ltd. Lançou o Yaxin CAT 2.0 com um gestor de MT e, no mesmo ano, a húngara Kilgray Translation Technologies lançou o MemoQ 2.0 com o recurso a um servidor que possibilitava não só o armazenamento de MT com mais unidades de tradução, como a criação de projetos para distribuição entre vários tradutores.

Em 2006, a Lingotek, nos EUA, foi a primeira a lançar um *software online* que integrava as capacidades das ferramentas de TAC e a TA. As empresas podiam importar novos projetos, atribuir tarefas aos tradutores, verificar o estado dos projetos a decorrer e descarregar documentos a partir de qualquer computador com acesso à internet (Garcia, 2015: 81). Este foi o ponto de partida para a integração que viria a acontecer mais tarde entre os SMT e a TA.

Em 2008, alguns sistemas mais atrasados foram atualizados em termos de compatibilidades e, enquanto a PROMT na Rússia atualizava os seus SMT para que estes pudessem suportar a importação do formato TMX, na Ucrânia, a Advanced International Translations lançava o AnyMem, um SMT mais *user-friendly* compatível com o Microsoft Word. Ainda no mesmo ano, a norte americana JiveFusion Technologies, Inc. focou-se na

manutenção das memórias e lançou dois sistemas, o Fusion One e o Fusion Collaborate 3.0, com um novo método para a sua gestão.

Em 2009, a SDL lançou, para utilização interna, o SDL Translation Memory Server, que permitia a centralização, a partilha e o controlo das memórias de tradução por várias pessoas ao mesmo tempo e, em 2011, a Direção Geral da Tradução da Comissão Europeia publicou a sua MT com um milhão de unidades de tradução em 231 pares linguísticos. Em 2012, a Trans Information Technology Co., Ltd. lançou o TCAT 2.0 que incluía a funcionalidade de pré-tradução com a memória de tradução e a britânica XTM International lançou o XTM Suite 6.2 com a total integração de sistemas de tradução automática.

Após esse acontecimento, quase todos os sistemas passaram a integrar uma função de tradução automática. “[T]aking the best of both worlds, they propose a workflow whereby the source text is first pre-translated with TM, with remaining empty segments processed by MT. The human translator who would once translate the incomplete segments now post-edits the final result” (Garcia, 2009: 207).

O SDL TRADOS, já há muito estabelecido como o líder do mercado, está desde então na vanguarda e novas funcionalidades têm sido adicionadas às novas versões dos seus SMT. É o caso do AutoSuggest (2015) – uma funcionalidade que permite ao sistema mostrar e sugerir frases ou palavras com base na MT no momento em que o tradutor se encontra a traduzir – e do Fragment Recall (2017) – uma funcionalidade que melhorou a aplicação da MT a um nível inferior ao do segmento, ou seja, apenas a partes do segmento.

### II.3 FUNCIONAMENTO

Nenhum trabalho que tenha como objeto de estudo o sistema de memória de tradução e a memória de tradução ficaria completo sem uma explicação do seu funcionamento. Assim, após a delimitação do conceito e a exposição do desenvolvimento desta tecnologia, esta secção expõe como é criada e alimentada a MT, de que forma o sistema a aplica durante o processo de uma tradução e que outras funcionalidades são possíveis com base nela. Para tal, num primeiro momento, é fundamental falar do processo da segmentação, uma vez que “a smooth operation of the TM [system] relies on segmentation” (Mitchell- Schuitevoerder, 2020: 30).

Quando um texto é importado para uma ferramenta de TAC com o objetivo de se iniciar a sua tradução, a ferramenta executa automaticamente um processo designado por segmentação. O processo da segmentação consiste em dividir o texto de partida em fragmentos mais pequenos designados de segmentos. Estes segmentos corresponderão, normalmente, a frases ou parágrafos cuja identificação e divisão serão feitas de acordo com os sinais de pontuação (ponto final, vírgula, ponto e vírgula, etc.). No entanto, “ultimately the translator is the decision-maker regarding acceptance or modification of segmentations rules” (Mitchell- Schuitevoerder, 2020: 30), o que significa que, por motivos de coesão e de estrutura, o tradutor pode juntar vários segmentos, criando apenas um, ou dividir um em vários. Deste modo, quando o texto é aberto pelo tradutor no editor de tradução, a sua apresentação é a que se encontra ilustrada na Figura 4. Os segmentos apresentados são divididos em segmentos de partida (segmentos do TP) e segmentos de chegada (segmentos do TC), o que significa que, enquanto de um lado é visível o segmento original (amarelo), à sua frente está o segmento com o texto traduzido (verde).

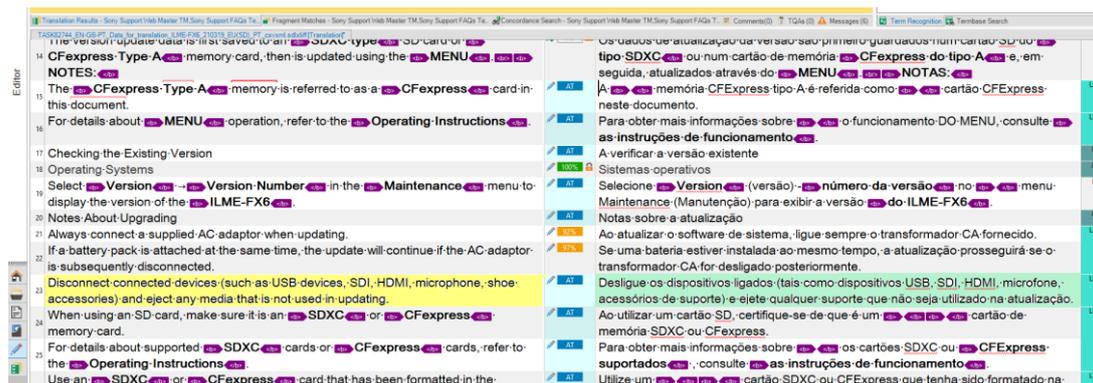


Figura 4 – Editor de tradução no SDL Trados Studio 2021

Ao par criado por um segmento de partida (violeta) e um segmento de chegada (azul) dá-se o nome de unidade de tradução (UT) (amarelo). Quando o tradutor guarda a tradução na memória de tradução, esta fica armazenada sob a forma de várias UT, como ilustra a Figura 5. No mundo da tradução, os tradutores referem-se a estas unidades como “entradas”, encontrando-se organizadas por números (verde). A unidade de tradução assinalada a amarelo será, por exemplo, a entrada número 23 da memória de tradução.

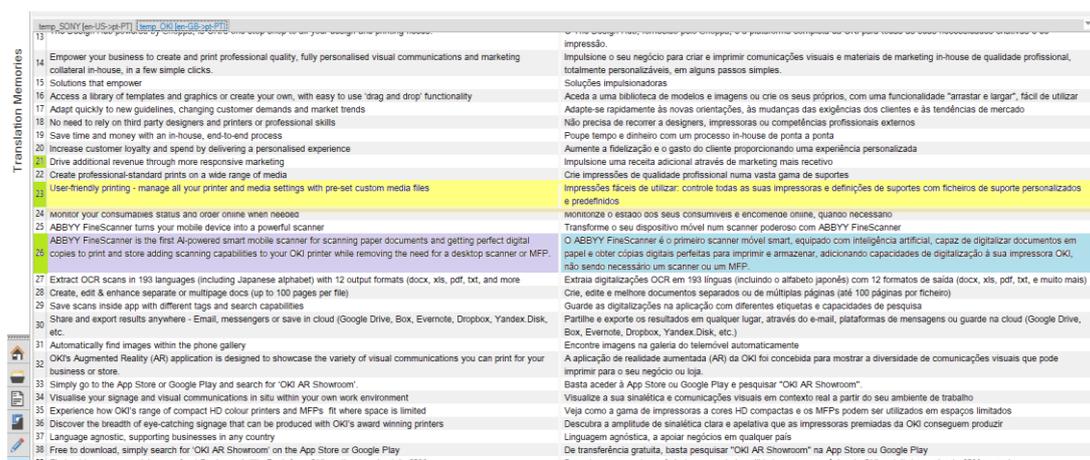


Figura 5 – Editor da memória de tradução no SDL Trados Studio 2021

### II.3.1. Alimentação da memória de tradução

A criação de uma MT é semelhante à criação de qualquer outra base de dados, basta navegar no menu apropriado e selecionar a opção “criar” ou semelhante. O ficheiro é, contudo, criado sem qualquer conteúdo, sendo necessário alimentá-lo, ou seja, adicionar-lhe UT. Aliás, “how useful a memory is for a particular project (...) depends on the number of segments in the database (simplistically, the more the better)” (Garcia, 2015: 72). Para alimentar uma TM, o tradutor pode proceder de três maneiras:

- i) Adicionar entradas no decurso de uma tradução ou, como Somers o descreve, “building it as you go” (2003: 33): esta opção é, com certeza, utilizada por todos os tradutores no seu dia-a-dia. Sempre que nas definições de um projeto estiver incluída uma memória de tradução e esta estiver configurada para ser atualizada, bastará traduzir um segmento e confirmar essa tradução para que a UT fique automaticamente armazenada na MT. Ainda que seja algo deveras conveniente para o tradutor, quase um processo dois em um, este método é bastante lento e será necessário muito tempo para que o tradutor possa beneficiar das vantagens de uma memória de tradução preenchida. As opções seguintes são mais rápidas.

- ii) Importar outra base de dados: em 1999, o OSCAR (Open Standards for Container/Content Allowing Reuse), um grupo pertencente à LISA (Localisation Industry Standards Association), criou um acordo no qual se estipulava a universalidade do formato da MT. Atualmente, e desde então, todos os sistemas devem suportar o formato TMX (Translation Memory eXchange), de forma a ser possível a partilha de material entre tradutores e sistemas “while introducing little or no loss of critical data during the process” (LISA, 2005). Isto significa que qualquer tradutor pode importar uma base de dados que tenha sido criada por outra pessoa ou entidade e trabalhar imediatamente com ela.
- iii) Alinhamento de textos: “the third, and technically most complex, alternative is to take an existing translation with the original text and have the software build a TM database from it automatically” (Somers, 2003a: 34). Tal como ilustrado na Figura 6, a ferramenta irá alinhar os segmentos do texto original com os segmentos do texto de chegada já existentes. O tradutor apenas terá de confirmar se os alinhamentos (as ligações visíveis na coluna central) se encontram corretos e, em caso de existirem incorreções, caber-lhe-á eliminá-los ou fazer novos alinhamentos. Após todos os alinhamentos serem confirmados, estes ficarão automaticamente guardados na base de dados.

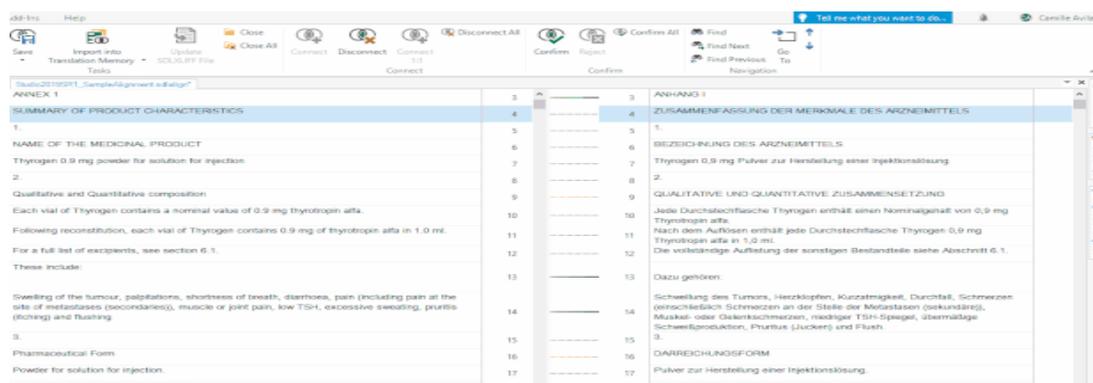


Figura 6 – Alinhamento de textos no SDL Trados Studio 2021

## II.3.2. Ferramentas

### II.3.2.1 Sugestão de correspondências e pré-tradução

“Obviously the most important function of a TM system is its ability to match the sentence to be translated against the database” (Somers, 2003a: 37). Segundo esta função, sempre que o tradutor se encontrar a traduzir um texto, o SMT irá realizar automaticamente uma procura por segmentos semelhantes aos segmentos a traduzir na sua base de dados. Quando encontrar uma UT que contenha um SP semelhante, o sistema apresenta o SC correspondente. Importa salientar que tais traduções, também conhecidas como correspondências ou, mais regularmente, por *matches*, são apenas sugestões, cabendo ao tradutor, em última instância, aceitar, editar ou recusá-las.

A maioria dos sistemas apresenta uma avaliação quantitativa da correspondência na forma de uma percentagem (Somers, 2003a: 38), como visível na coluna central da Figura 7. Normalmente posicionados entre os 70% e os 100%, os *matches* assumem nomes e forças diferentes. Assim, aqueles que apresentam uma correspondência entre 70 e 99% designam-se de *fuzzy matches*, podendo ser baixos (até 84%) ou altos (a partir de 85%). Estes *matches* são os que exigem mais do tradutor em termos de edição. Com efeito, o sistema marca quais as diferenças existentes entre o segmento do texto trabalhado e os *matches* encontrados (Figura 7) para que seja mais fácil para o tradutor realizar as alterações necessárias. Um *match* com uma percentagem de 100 designa-se por *perfect match* e representa uma correspondência total, não sendo necessária qualquer edição do mesmo. O último grupo diz respeito aos *context matches*, segmentos que não são apenas totalmente iguais, como também partilham do mesmo “textual environment” (Reinke, 2013: 63), ou seja, os segmentos que lhes antecedem e lhes sucedem são os mesmos.

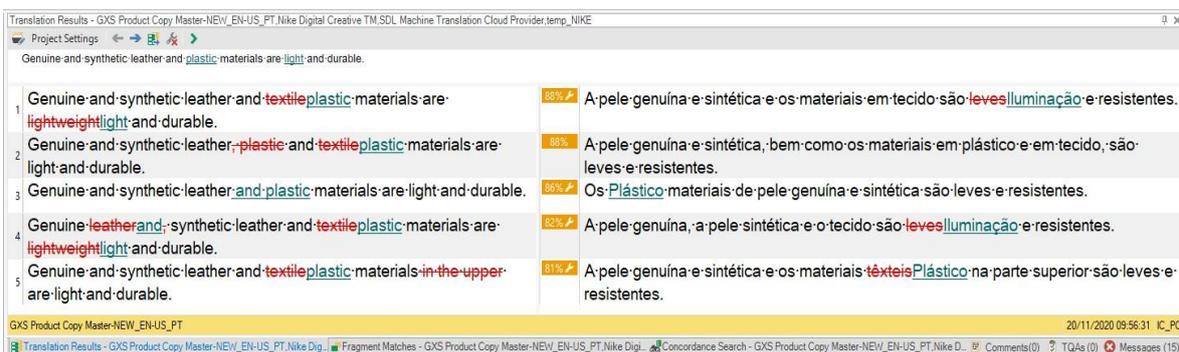


Figura 7 - Visualização de *fuzzy matches*

É possível fazer uma pré-tradução do texto. Nesta, o sistema insere automaticamente todos os *matches* que encontrar e, em caso de integração com tradução automática, fará a tradução automática dos segmentos para os quais o sistema não encontra correspondências na base de dados. Assim, o texto será apresentado ao tradutor como se observa na Figura 8, onde AT serão os segmentos introduzidos pela tradução automática e os segmentos com percentagens serão os introduzidos pelo SMT.

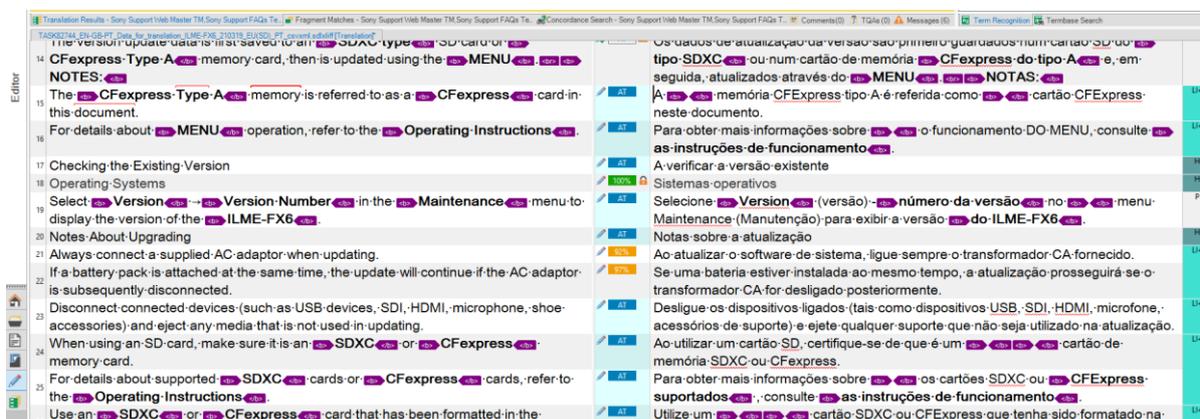


Figura 8 – Editor da tradução após a pré-tradução

### III.3.2.3 Pesquisa de concordâncias e autopropagação

A sugestão de correspondências e a pré-tradução funcionam ao nível do segmento. Isto significa que uma correspondência tem de ter uma equivalência mínima de 70% em relação a todo o segmento para ser apresentada pelo sistema. A ferramenta de pesquisa de concordâncias (*concordance*) que integra o SMT possibilita trabalhar num nível inferior ao do segmento, ou seja, viabiliza a procura por correspondências apenas ao nível de palavras, expressões ou frases. O tradutor apenas tem de inserir a porção do segmento que deseja procurar na janela do editor reservada para o efeito e todas as correspondências presentes na MT para essa porção de texto serão apresentadas. Esta função é visível na Figura 9, para o termo “chase buffer”.

A função de autopropagação está diretamente ligada com os segmentos que na indústria se designam de “repetições”. Na fase de pré-tradução, o SMT vai identificar as palavras que se encontram repetidas ao longo do texto de partida, enviando imediatamente um sinal de que essas devem ser traduzidas de forma igual ou equivalente. Se tal não acontecer, o sistema apresentará um alerta sobre a falta de consistência na tradução de repetições. O mesmo acontece ao nível do segmento. Todos aqueles que forem iguais são detetados pelo sistema e quando se proceder à tradução de um, o sistema autopropagará essa tradução a todos os outros segmentos iguais. No entanto, se o utilizador assim o quiser, a autopropagação só acontecerá após a sua autorização.

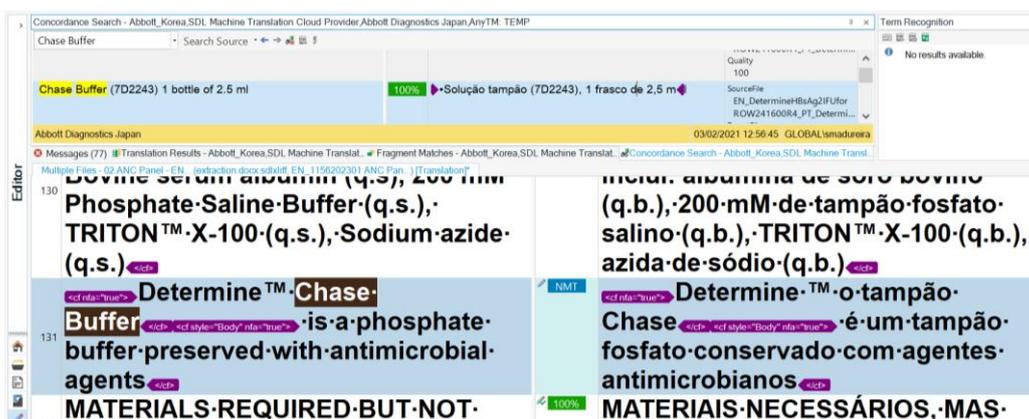


Figura 9 - Pesquisa de concordâncias

## CAPÍTULO III – A QUALIDADE DA TRADUÇÃO

### III.1. CONSIDERAÇÕES GERAIS

A qualidade é um dos tópicos mais discutidos na área da Tradução, permanecendo, atualmente, um dos temas mais problemáticos e que mais divide a comunidade de académicos e profissionais. Apesar do seu destaque, se no campo teórico a importância do tema é reconhecida há séculos, no âmbito prático a sua relevância intensificou-se mais recentemente (Drugan, 2013: 1).

A disseminação da internet e a nova fase da globalização que tiveram lugar nos anos 90 transformaram o contexto da tradução profissional. As, então, novas exigências exigiram (como visto no capítulo anterior) que os prestadores de serviços de tradução recorressem a soluções tecnológicas para aumentar a produtividade dos seus tradutores e, mais do que isso, que externalizassem o processo de tradução, enviando textos para tradutores e colaboradores *freelance*. A tradução passou a ser, assim, frequentemente realizada por colaboradores externos com a utilização de recursos externos. Ora, uma vez que não existia uma regulamentação da profissão de tradutor na maioria dos países<sup>23</sup> – continuando atualmente a não existir – tornava-se difícil para os clientes identificar quais os prestadores de serviços qualificados e o que era um trabalho de qualidade (Drugan, 2013: 70). Este conjunto de circunstâncias originou uma preocupação crescente nas últimas duas décadas com a normalização dos processos e serviços da indústria para que, ainda que não se possam assegurar ao cliente as creditações do tradutor, ser possível assegurar a qualidade do produto que este providencia.

Apesar de a qualidade se ter tornado um dos principais focos quer da academia, quer da indústria, parece não existir qualquer consenso entre os dois polos (Chesterman e Wagner, 2002: 80-108): ao mesmo tempo que os teóricos e investigadores criticam a ausência de um enquadramento teórico claro e suficiente nos modelos de avaliação implementados pelos PST,

---

<sup>23</sup> Deve notar-se que a falta de regulamentação da profissão se refere à não existência de requisitos e à não necessidade de ajuramentação para que um indivíduo possa exercer a profissão de tradutor. Apesar de não ser generalizada, a falta de regulamentação da profissão observa-se na maioria dos países, como por exemplo, Portugal, Bulgária, República Checa, Dinamarca, Irlanda, França, Itália e Estados Unidos da América. Os países que oferecem regulamentação são bem mais escassos, destacando-se a Suíça, o Canadá e a Austrália. Para consultar a lista completa dos países europeus, consultar [https://ec.europa.eu/growth/tools-databases/regprof/index.cfm?action=m+ap\\_complex](https://ec.europa.eu/growth/tools-databases/regprof/index.cfm?action=m+ap_complex) (02/06).

os últimos consideram existir uma falta de conhecimento no seio dos investigadores sobre o “mundo real” (Drugan, 2013: 2, 35 e 40) e entendem que, enquanto a teoria estuda “how things ought to be” (Halliday, 2001: 13), “what can actually be done in the real world is ultimately what matters” (Drugan, 2013: 35).

Talvez o principal motivo para a disparidade entre os dois núcleos seja, como exposto por Drugan (2013: 37), “that academics and the industry are pursuing different goals and asking different questions when they consider quality”: ao passo que a questão orientadora da investigação académica é “how do we know when a translation is good?”, a questão norteadora para os profissionais é “how do we know when a translation is good enough?” (Drugan, 2013: 42). Neste contexto, a autora alerta que os elevados volumes de trabalho mudaram o foco da indústria. Em vez de perseguir a melhor qualidade possível, esta procura apenas alcançar um nível de qualidade aceitável, ou seja, uma tradução que seja “fit for purpose” ou “good enough” (2013: 27 e 42). Estas motivações diferentes conduzirão, então, a objetivos diferentes:

in industry, the aim of TQA is to ensure that a specified level of quality is identified, measured, and delivered to the client, buyer, end-user, etc., of translated content. In research, the aim is typically to obtain a measure that can show a demonstrable change in quality, most usually an improvement, from previous work or between different translation processes.

(Castilho *et al.*, 2018: 11)

A ausência de acordo não se verifica, porém, apenas entre teoria e prática. A mesma existe no seio dos Estudos da Tradução e entre os vários PST. No campo teórico, os problemas parecem ter origem ainda na própria definição de “tradução” uma vez que se tomarmos, por exemplo, o entendimento de Castilho *et al.*, a tradução é um processo cognitivo, linguístico, social, cultural e tecnológico complexo, existindo várias definições e teorias provenientes de vários autores (2018: 10). Ora, “different views of translation itself lead to different concepts of translation quality, and different ways of assessing it” (House, 1997: 222). Autores e investigadores encontram-se, assim, longe de concordar num único modelo de avaliação de qualidade ou numa definição. Já no que respeita aos PST, a maioria tem criado e implementado um modelo próprio adequado às suas necessidades. Apesar de existir entre estes a opinião geral de que a qualidade se encontra relacionada com a opinião do cliente (Castilho *et al.*, 2018: 14), a subjetividade do termo “qualidade” parece levar à criação de vários modelos de avaliação e

impedir a adoção de um modelo geral (Drugan, 2013: 36). De facto, esta subjetividade é destacada por Kingscott quando este salienta que esta assenta em juízos de valor:

a poor-quality translation, provided it does not positively mislead, which is ready for a businessman on Tuesday before he catches his plane to Tokyo, is far preferable than the accurate natural idiom translation which is not ready till Friday of the same week; in fact, in such circumstances, the latter translation is worthless. [. . .] Here, then, is the first point to be established, and one difficult for established translators to grasp: Quality is relative.

(Kingscott 1996, citado em Drugan, 2013: 37)

A discussão duradoura e corrente ilustra a complexidade do tema. Não cabe, porém, a este relatório avançar novas hipóteses e juntar-se ao debate conceptual em vigor. Assim, no presente capítulo, far-se-á apenas a delimitação dos conceitos para ele relevantes, com base em propostas já existentes, e expor-se-á a relação existente entre eles – “qualidade da tradução” (*translation quality*), “gestão da qualidade” (*quality management*), “garantia da qualidade” (*quality assurance*), avaliação da qualidade “*quality assessment*” e “controlo da qualidade” (*quality control*).

## III.2. DELIMITAÇÃO DE CONCEITOS

Como visto na secção anterior, a problemática da qualidade da tradução está longe de alcançar certezas e os conceitos com ela relacionados permanecem dúbios. Ainda que não se tenha como objetivo propor qualquer definição nova, cabe delimitar cada conceito a apenas uma das definições já existentes que acompanhará a restante exposição escrita.

### III.2.1 *Qualidade da tradução*

Inicia-se com aquele que é o ponto de partida para todos os outros conceitos: “qualidade da tradução”. Este termo apresenta-se como um particular desafio, uma vez que “to define translation quality, one must be able to define both translation and quality” (Koby *et al.*, 2014b: 413). Assim sendo, é necessário notar que a problemática da qualidade vai muito além da área da Tradução. O assunto tornou-se relevante com a prática das primeiras trocas de serviços e produtos, e tem sido alvo de várias discussões ao longo de séculos (Drugan, 2013: 35), com as

tentativas de definir o conceito a remontarem aos séculos XVIII e XIX. Tendo sido definida como valor, conformidade com as especificações, adequação ao fim, ausência de erros e correspondência às expectativas do consumidor<sup>24</sup>, o consenso nunca foi, contudo, alcançado. Ainda que sejam vários os contributos existentes, talvez a maior amostra da complexidade da noção tenha sido visível em 1984, quando um único autor – Garvin – propôs não uma, mas cinco abordagens conceptuais diferentes baseadas em cinco áreas específicas: transcendental (filosofia), baseada no produto (economia), baseada no utilizador (marketing), baseada na produção (gestão), baseada no valor (finanças)<sup>25</sup>.

Para além de diferentes abordagens sobre um único objeto de estudo, existe ainda quem vá mais longe e faça uma distinção entre “qualidade extrínseca” e qualidade intrínseca (Gouadec, 2010). Neste panorama,

extrinsic quality relates to the way a translation satisfies the requirements of the applicable situation in terms of public (readers, viewers, browsers, listeners, etc.), objectives and purposes, medium or media, code, and such external parameters that are relevant. Basically, this means that the translation must be adequate from the point of view of economics (cost), functionality (performance), accessibility (readability, usability, ergonomics) and efficiency (sometimes extending beyond what the original provided).

(Gouadec, 2010: 272)

O grande volume de propostas e a contínua preocupação com o tópico conduziram à publicação de várias normas referentes à qualidade, cada uma delas com um entendimento diferente:

- em 1993, foi publicada a EN 29004-2 (Quality Management and Quality System Management Guidelines) e, em 1994, a ISO 8402 (Management Quality and Quality Assurance. Terminology and Definitions) definiu qualidade como “the totality of characteristics of an entity that bear on its ability to satisfy stated and implied needs” (Mossop, 2014: 22);

---

<sup>24</sup> Para saber mais sobre estas definições consultar Reeves e Bednar, 1994.

<sup>25</sup> Para saber mais sobre estas abordagens consultar Garvin, 1984 e Koby *et al.*, 2014a

- em 2000, a ISO 9000 (revogatória da ISO 8402) – primeira da série 9000 dedicada à certificação de processos de qualidade destinada a todas as indústrias – redefiniu qualidade como “the degree to which a set of inherent characteristics fulfils requirements, with 'requirements' defined to include needs and expectations” (Mossop, 2014: 22);
- em 2006, a EN 15038 – particularmente destinada aos serviços de tradução – entendeu qualidade como a satisfação do cliente e do provedor do serviço de tradução com o processo e o resultado do serviço e, em 2015, a sua substituta – a ISO 17100 – declarou que, para se alcançar a qualidade, era necessário que o prestador de serviços de tradução possuísse competência tradutória, linguística e textual, de pesquisa, aquisição e processamento da informação, cultural, técnica e de domínio dos documentos a tratar (Ferreira, 2017: 30);
- em 2015, a ISO 9000 definiu qualidade como a “cultura que se traduz em comportamentos, atitudes, atividades e processos que proporcionam valor ao satisfazer as necessidades e as expectativas dos clientes e de outras partes interessadas” (Ferreira, 2017: 30) e a ISO 9001 estipulou que esta se prendia com a “satisfação do cliente através da demonstração das capacidades de uma instituição para prestar serviços conforme as especificações do primeiro” (Ferreira, 2017: 30).

As organizações internacionais participaram na discussão quando, em 2004, defenderam que qualidade “consists in providing a service that meets customers’ expectations, and in supplying a product that is usable without reservations for the purpose for which is intended” (Morin-Hernandez, 2009: 26).

Ora, parece então que ao longo do tempo, o conceito de “qualidade” foi alvo de múltiplas definições utilizadas para descrever uma variedade de fenómenos (Reeves e Bednar, 1994: 419).

A confusão conceptual estende-se também ao termo “tradução” que, como se sabe, é objeto de vastas e diferentes teorias “[ranging] from the linguistic to the politically and socially committed, and they address a variety of complex topics such as the role of the translator, the

purpose of the translation and equivalence” (Colina, 2020: 458). Não se pretendendo abordar tais teorias, cabe apenas lembrar a natureza subjetiva da qualidade e que, por isso, tal como indicado em Koby *et al.*, (2014), definições de tradução mais abrangentes e definições mais estritas conduzirão respetivamente a definições de qualidade da tradução abrangentes e estritas, respetivamente. Amplamente, “a quality translation demonstrates accuracy and fluency required for the audience and purpose and complies with all other specifications negotiated between the requester and provider, taking into account end-user needs” (Koby *et al.*, 2014: 416) e, de forma mais estrita,

a high-quality translation is one in which the message embodied in the source text is transferred completely into the target text, including denotation, connotation, nuance, and style, and the target text is written in the target language using correct grammar and word order, to produce a culturally appropriate text that, in most cases, reads as if originally written by a native speaker of the target language for readers in the target culture.

(Koby *et al.*, 2014: 416)

Por se fundamentar nas normas ISO e por ser mobilizada por uma das maiores entidades no mundo da tradução, no presente trabalho estará subjacente a definição de qualidade segundo o entendimento da Direção-Geral da Tradução da Comissão Europeia (doravante apenas DGT): “the degree to which a set of characteristics fulfils stated or implied needs or expectations.” (Drugan *et al.*, 2018: 40).

### *III.2.2. Gestão de qualidade, garantia da qualidade e controlo da qualidade*

Uma vez que se encontram intrinsecamente ligados e que são algumas vezes confundidos, estes três conceitos devem ser abordados em conjunto. A investigação realizada para o presente relatório mostrou que estes três tópicos são abordados com intensidades diferentes por teóricos e profissionais. Enquanto os primeiros debatem maioritariamente o conceito de qualidade e as formas de avaliação da mesma, os segundos continuam a tentar estabelecer os processos de gestão, garantia e controlo da qualidade através da publicação de normas. Quando abordados, os três conceitos, são muitas vezes confundidos, não sendo clara a sua delimitação.

O primeiro esclarecimento deve ser feito em relação à gestão da qualidade e à garantia da qualidade. Os dois conceitos parecem ser várias vezes confundidos entre si, ou pelo menos, no prisma do leitor. Com efeito, veja-se, por exemplo, quando Drugan escreve que a garantia da qualidade (GQ) é tipicamente entendida como a abordagem global da qualidade da tradução (2013: 76) quase imediatamente após expor a definição mais restrita de GQ que se encontra na ISO 9000: 2015: “is part of quality management, [to refer] in a wide sense, to operations taking place before, during and after translation (and involving both source and target texts) to ensure the desired quality of the product” (Drugan, 2013: 76).

O leitor tem, assim, a sensação de estar perante informações contrárias e dúbias. Este não é, porém, o único exemplo e parecem existir várias definições de GQ que não a diferenciam completamente da gestão:

- Paul Horguelin e Louise Brunette definem-na como um processo que "regroupe l'ensemble des opérations menées à l'interne en vue d'assurer dans le texte le respect des critères de qualité traductionnelle ou rédactionnelle de l'organisme et le respect des directives du donneur d'ouvrage" (Morin-Hernandez, 2009 : 27);
- Brian Mossop descreve-a como “the full set of procedures applied not just after (as with quality assessment) but also before and during the translation production process, by all members of a translation organization, to ensure that quality objectives important to clients are met” (Mossop, 2014: 129), que inclui procedimentos para garantir a qualidade do serviço, do produto e da tradução;
- Gouadec entende-a como o processo que "recouvre l'ensemble des principes, moyens, ressources et procédures contribuant à la qualité de la prestation du traducteur et, singulièrement, du produit (traduction) qu'il remet à son donneur d'ouvrage" (Morin-Hernandez, 2009 : 27) ;
- Palumbo, na sua obra *Key Terms in Translation Studies*, classifica-a como “the set of procedures applied throughout the translation process to ensure that the quality requirements of clients are met” e esclarece que estes procedimentos têm como objetivo

assegurar a qualidade do serviço, a qualidade da apresentação do produto e a qualidade linguística (Palumbo, 2009: 99).

Neste contexto, cabe então esclarecer que gestão de qualidade se refere “to the totality of policies, methods, processes and procedures designed and implemented to achieve the product and service quality objectives set” (Drugan *et al.*, 2018: 40), ou seja, que este conceito é mobilizado quando em causa está um sistema que compreende a supervisão de todas as atividades existentes e praticadas numa entidade com o objetivo de manter consistentemente o grau de excelência desejado, que inclui a garantia de qualidade, o controlo de qualidade e o melhoramento da qualidade.

Por outro lado, a garantia da qualidade

refers to systems put in place to pre-empt and avoid errors or quality problems at any stage of the translation job. QA Involves defining processes for all stages of the translation job, including post-translation review and extra-linguistic elements. It therefore concerns not only translators but all those involved in delivering translations to clients.

(Drugan 2013: 76)

A GQ é, então, um conjunto de operações que se encontra integrado num sistema amplo de gestão de qualidade.

Delimitados aqueles conceitos, cabe agora esclarecer outra confusão: garantia da qualidade e controlo de qualidade. Na ISO 9000:2015 destaca-se apenas uma diferença entre as suas definições: GQ “is part of quality management focusing on providing confidence that quality requirements will be *fulfilled*” (3.3.6) e CQ “is part of quality management focused on *fulfilling* quality requirements” (3.3.7) (destaque pessoal). A grande diferença entre os dois é o momento da sua aplicação: enquanto o primeiro se aplica antes, durante e após a tradução e tem como objetivo assegurar que a qualidade é alcançada, o último aplica-se após a tradução e tem como objetivo identificar e corrigir os erros no texto antes que este seja entregue ao cliente. Neste sentido,

quality control is making sure that a translation complies with the requires quality standards for the intended use and the text type concerned. QC relies on revision (systematic comparison of

the original and the translation) and review (target-text-focused checking of the translation to ensure its suitability for the agreed purpose).

(Drugan *et al.*, 2018: 40)

Esta etapa não só é parte integrante do processo geral de gestão da qualidade, como do processo de garantia da qualidade na fase pós-tradução.

### *III.2.3. Avaliação da qualidade*

A avaliação da qualidade é um dos aspetos mais estudados no campo da qualidade da tradução e a grande preocupação parece ser criar um modelo de avaliação que possa ser universalmente aplicado. Sendo a questão central “como se deve proceder à avaliação da tradução?” e não “o que é a avaliação da qualidade?”, os contributos ficam aquém de definir o conceito. Também as normas existentes parecem não abordar esta questão, não sendo por isso uma ajuda. Assim, apesar de serem vastas as várias abordagens em relação à avaliação<sup>26</sup> e os modelos criados, a investigação para este relatório mostrou serem escassas as definições apresentadas para este termo. Ao nível delimitador, a maior certeza parece ser que:

[the] assessment is not part of the translation production process. It consists in identifying (but not correcting) problems in one or more randomly selected passages of a text in order to determine the degree to which it meets professional standards and the standards of the translation organization.

(Mossop, 2014: 128)

Ao contrário do controlo, a avaliação da qualidade pode ocorrer após o texto ser entregue ao cliente e tem como objetivo determinar o nível da qualidade do serviço prestado. Será com base na avaliação da qualidade, através da identificação de erros, que a entidade implementará e alterará as suas ações futuras. A avaliação ocorrerá apenas após o controlo de

---

<sup>26</sup> Para saber mais sobre as abordagens consultar House 2009.

qualidade, uma vez que quando um texto é avaliado já se encontra no seu estado final, assumindo-se, por isso, que qualquer erro que pudesse conter já foi corrigido.

Os conceitos apresentados podem ser ilustrados da seguinte forma:

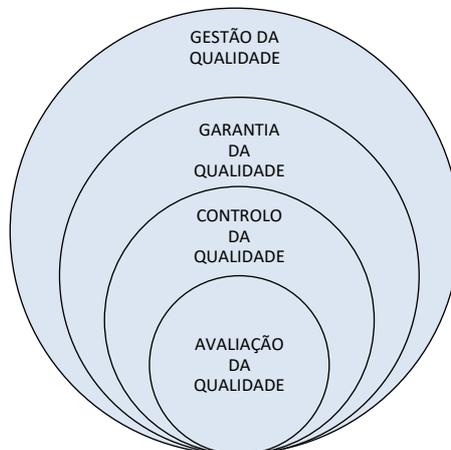


Figura 10 - Relação de hiperonímia entre conceitos

### III.3. A MEMÓRIA DE TRADUÇÃO E A QUALIDADE DA TRADUÇÃO

O sistema de memória de tradução é hoje a ferramenta de TAC mais utilizada pelos tradutores. A ajuda proporcionada por esta tecnologia é relevante em todas as fases do processo de tradução – pré, durante e pós-tradução.

Analise-se, em primeiro lugar, a fase da pré-tradução. Esta consiste numa fase de preparação e planeamento do projeto. Nos PST de grandes dimensões, como a SDL, este estágio está, normalmente, sob o encargo de um *project manager*. Nesta etapa, a memória de tradução é utilizada para que o PM providencie um orçamento exato ao cliente. Para tal, aplicá-la-á ao texto e para cada tipo de correspondência será cobrado um custo diferente: os 100% *matches* terão um custo inferior aos *fuzzy matches* e estes, por sua vez, terão um custo inferior aos segmentos sem qualquer correspondência.

Na fase seguinte, a da tradução *per se*, a MT é utilizada pelo tradutor para o desempenho de todas as funções indicadas no capítulo anterior. No entanto, cabe, ademais, notar que o objetivo da utilização da ferramenta nesta fase é assegurar a produtividade do tradutor e a consistência e qualidade da tradução.

Na terceira e última fase – na pós-tradução – a MT deve ser atualizada e mantida. Ora, é precisamente esta ação que releva para efeitos da qualidade da tradução futura e que constitui, concretamente, uma das operações de garantia da qualidade. Veja-se que, “regardless of the quantities we store in our TMs, it is quality that matters (...) [and that good] work practice means regular maintenance” (Mitchell-Schuitevoerder, 2020: 27). Apenas com a realização desta etapa se consegue assegurar a qualidade do resultado final da etapa anterior. A qualidade da tradução está, assim, diretamente ligada à memória de tradução, tal como se percebeu durante o estágio curricular. É, então, esta relação que se encontra na base do estudo que se apresenta no próximo capítulo.

## CAPÍTULO IV – A QUALIDADE DA MEMÓRIA DE TRADUÇÃO

### IV.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

Os sistemas de memória de tradução são, volta-se a salientar, a ferramenta de TAC mais popular na indústria da tradução, sendo usada pela quase totalidade dos tradutores (Le Blanc, 2013: 1; Christensen e Schjoldager, 2017: 1; Vargas-Sierra, 2019: 121). Por esse motivo, não se estranha que tenha sido objeto de vários estudos ao longo dos últimos 20 anos. A sua generalidade parece, porém, abordar o mesmo fenómeno: o impacto da utilização da ferramenta na produtividade dos profissionais (Reinke, 2004; Bowker, 2005; Bier, 2012; Somers, 2013). Como resultado, o aumento da produtividade é a principal e comprovada vantagem da utilização de sistemas de memória de tradução.

Este não é, no entanto, o único parâmetro afetado pela utilização da ferramenta. Com efeito, o SMT “[was] designed to speed up the process of translating a text by (...) [also] ensuring consistency and quality of translations” (Vargas-Sierra, 2019: 121). Estes objetivos são apenas conseguidos através de uma regular manutenção da memória de tradução. Ressalve-se que, quando se fala em manutenção, não se fala apenas da adição de novas entradas à memória, mas também da limpeza e atualização das entradas já existentes. A manutenção da MT e a relação entre MT e qualidade não parece, todavia, ser abordada por muitos. Efetivamente, a investigação realizada no âmbito deste trabalho revelou apenas a existência de um artigo inteiramente dedicado a ela (Barbu *et al.*, 2016) e de um outro que a aborda brevemente (Bowker, 2005).

O presente relatório tem como objetivo iniciar uma discussão neste campo. Com base no estágio curricular realizado, como já se viu, acredita-se que a manutenção realizada pelos PST não é suficiente, colocando em causa a qualidade final da tradução. De forma a comprovar estas suspeitas, proceder-se-á à aplicação de três modelos de avaliação de qualidade a uma memória de tradução e à análise dos resultados.

## IV.2. METODOLOGIA DO ESTUDO

O estudo desenvolvido tem como objeto uma memória de tradução proveniente de um PST – o qual permanecerá anónimo por motivos de confidencialidade<sup>27</sup> – composta por 727 unidades de tradução, cuja língua de partida é o inglês da Austrália e a língua de chegada é o português europeu. As unidades de tradução perfazem um total de 6891 palavras. A memória de tradução foi alimentada entre novembro de 2018 e abril de 2020 e é destinada a textos técnicos da área médica<sup>28</sup>.

A MT foi avaliada segundo três modelos: o J2450 (SAE, 2001), o QRF-21 (SDL, 2020) e o Multidimensional Quality Metrics (MQM) (QT21, 2015a e 2015b). Destes, sabe-se que o QRF-21 é utilizado na íntegra por um PST.

A avaliação realizada com recurso aos três modelos foi analítica, ou seja, avaliou cada unidade de tradução, identificando erros específicos de cada uma delas, em vez de considerar o texto como um todo. Uma vez que se tratava de uma memória de tradução e não de um texto, uma abordagem holística não seria a mais adequada, pois poderia não existir uma relação textual entre as várias unidades de tradução<sup>29</sup>.

A análise da memória foi realizada manualmente e todos os erros indicados foram identificados por mim, sem recurso a qualquer ferramenta de identificação automática. Tal opção deve-se ao facto de não possuir o *software* necessário para poder realizar essa tarefa automaticamente. Todos os erros relativos à utilização da língua portuguesa (de sintaxe, de gramática, etc.) foram confirmados pela docente responsável pela disciplina de Técnicas de Composição Avançada e Redação Técnica integrante do plano de estudos do Mestrado em Tradução da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

O estudo realizado tem como objetivo apurar se, enquanto recurso obrigatório no decorrer de uma tradução, a MT é alvo de uma manutenção suficiente para assegurar a sua qualidade e, conseqüentemente, a qualidade da tradução.

---

<sup>27</sup> Também por motivos de confidencialidade não será disponibilizada em anexo a memória de tradução ou os segmentos erróneos identificados, uma vez que contêm nomes de produtos e processos específicos.

<sup>28</sup> Uma vez que a ideia para este estudo surgiu a partir da realização do estágio curricular, optou-se por igualar as condições de trabalho. Para uma melhor explicação das mesmas, consultar o Capítulo I.

<sup>29</sup> Os vários métodos de avaliação da qualidade (holística, analítica, baseado na funcionalidade da tradução e baseado na tarefa específica a que se destina a tradução) podem ser consultados em qt21, 2015a.

### IV.3. APLICAÇÃO DOS MODELOS DE AVALIAÇÃO DE QUALIDADE

Como já referido, a preocupação da indústria com a qualidade da tradução despertou nos anos 90, tendo sido tomadas ações no sentido de a assegurar. Inicialmente, as empresas recorriam a revisores – normalmente indivíduos bilingues ou especialistas monolingues que tinham como função avaliar a qualidade da tradução e indicar as alterações necessárias para que esta atingisse o nível esperado. Não existiam, no entanto, preceitos orientadores da ação do revisor e, por isso, a avaliação assumia contornos bastante subjetivos.

A inovação seguinte foi a utilização de *scorecards* (cartões de pontuação). Para cada tradução existia um *scorecard*, no qual o revisor identificava os erros e lhes atribuía uma pontuação. No final, a soma das pontuações era utilizada para alcançar uma pontuação final da qualidade. Mais uma vez, o grande problema era a subjetividade de toda a ação. Não existiam categorias de erros ou valores a atribuir pré-determinados, sendo muitas vezes criados *ad hoc* (Lommel *et al.*, 2014).

O passo seguinte foi, então, a criação de um sistema de avaliação da qualidade objetivo, no qual estivessem determinadas não só as categorias de erro, como as pontuações que deveriam ser atribuídas.

#### IV.3.1. SAE J2450

O processo de revisão e, mais tarde, a utilização de *scorecards* não agradava particularmente à indústria automóvel, que estava habituada a recorrer a modelos objetivos para avaliar os seus produtos. Por esse motivo, em 1997, os líderes da indústria automóvel, através da SAE International (anteriormente apenas SAE – Society of Automotive Engineers), iniciaram uma discussão com os PST a que recorriam. O objetivo era estabelecer um sistema métrico que lhes possibilitasse comparar a qualidade das traduções produzidas pelos PST. Ainda nesse ano, foi criado um grupo de trabalho constituído por representantes da General Motors, da Ford e da Chrysler, liderado por Kurt Godden – Gestor de desenvolvimento de processos de tradução da General Motors –, cuja missão era conceber um sistema métrico para a avaliação da qualidade das traduções, aplicável a toda a indústria da tradução; documentar o processo de desenvolvimento do sistema, obter a aprovação do mesmo e comunicar a sua

implementação aos PST (SAE, 2001). Como resultado do trabalho desenvolvido pelo grupo, foi criado o modelo J2450, um sistema que tinha como objetivo

to establish a consistent standard against which the quality of translation of automotive service information (...) [could] be objectively measured regardless of the source language, regardless of the target language, and regardless of how the translation is performed (i.e., human translation or machine translation).

(SAE, 2001)

Em 2001, a aplicação do modelo foi classificada como uma prática recomendada para textos automobilísticos e, em 2005, como norma da indústria (J2450: 200508).

Apesar de o modelo que ora se aplica ter nascido no seio da indústria automóvel e ter sido especificamente criado para os textos desse setor, é hoje largamente aplicado pelos PST a outras áreas. O facto de avaliar apenas erros linguísticos, deixando de fora qualquer apreciação estilística e de formatação, torna este modelo adequado para todo os tipos de textos técnicos. Ressalva-se, no entanto, que precisamente por este motivo, a aplicação deste sistema deve ser parte integrante de um processo de garantia da qualidade mais amplo, uma vez que este não é, por si só, suficiente para uma avaliação completa.

#### *IV.3.1.1. Descrição do sistema*

O modelo é composto por quatro componentes que serão analisados:

- i) sete categorias de erro;
- ii) duas subcategorias de severidade;
- iii) duas regras gerais;
- iv) ponderações numéricas.

As sete categorias de erro identificam, como já referido, exclusivamente erros linguísticos:

##### **a) Termo errado**

Para efeitos deste modelo, a SAE considera como termo:

- uma única palavra;
- uma frase composta por várias palavras, usada como um único constituinte lexical;
- uma abreviatura;
- um acrónimo;
- um número ou numeral;
- um nome próprio, incluindo nomes comerciais, marcas, marcas registadas, locais e pessoas.

Com isto em mente, define um termo errado como qualquer termo que:

- seja contrário ao glossário do cliente;
- seja contrário à tradução normalizada daquele termo em particular no setor em causa;
- seja inconsistente com outras traduções do mesmo termo no mesmo documento ou tipo de documento, exceto se a ambiguidade for justificada pela mudança de contexto;
- represente, na língua de chegada, um conceito diferente do representado na língua de partida.

#### **b) Erro de sintaxe**

Considera-se existir um erro de sintaxe quando:

- no texto de chegada, é atribuída a parte errada do texto ao termo;
- o texto de chegada possui uma estrutura frásica incorreta;
- as palavras no texto de chegada estão corretas, mas, segundo as regras sintáticas da língua de chegada, se encontram na ordem errada.

#### **c) Omissão**

O modelo classifica como omissão os seguintes casos:

- quando um bloco contínuo de texto não tem a parte equivalente no texto de chegada e, como resultado, não se verifica a mesma semântica no TP e no TC;
- quando um gráfico que contenha texto no TP tenha sido eliminado no TC.

#### **d) Erro de concordância ou na estrutura da palavra**

Caem nesta categoria as seguintes situações:

- quando a palavra correta se encontra morfológicamente errada (por exemplo, no género ou número errado);
- quando duas ou mais palavras não têm inflexões concordantes.

#### **e) Erro ortográfico**

Uma palavra apresenta um erro ortográfico quando:

- não está de acordo com a ortografia no glossário do cliente;
- não está de acordo com regras ortográficas da LC;
- está escrita num sistema de escrita incorreto para a LC.

#### **f) Erro de pontuação**

- Quando a pontuação não está conforme com as regras aplicáveis na LC.

#### **g) Erros diversos**

Incluem-se nesta categoria todos os erros linguísticos detetados pelo avaliador que não são compreendidos pelas restantes categorias. Por exemplo:

- tradução literal de uma expressão idiomática;
- tradução lexicalmente correta, mas culturalmente ofensiva de um título

honorífico;

- inclusão de texto supérfluo que não tem qualquer relevância quando comparado com o texto de partida. De fora ficam as adições de texto com o objetivo de explicar uma referência cultural;
- tradução errônea de uma palavra, expressão ou frase, que reverte o sentido da mesma parcela no texto original.

Todos os erros existentes sob as categorias indicadas podem ser classificados em erros graves e não graves (subcategorias), segundo o seu grau de severidade.

À classificação por categoria e subcategoria aplicam-se, ainda, duas regras gerais:

- quando a classificação da categoria primária for ambígua e não existirem evidências que mostrem a que categoria pertence o erro, entre as possíveis categorias, o avaliador deverá escolher aquela que, de entre as opções, aparece em primeiro na lista;
- quando o erro causar consequências no público ou afetar gravemente o significado da tradução, este deverá ser classificado pelo avaliador como grave. Caso o avaliador se encontre indeciso entre grave e não grave, deverá optar sempre por classificar o erro como grave.

A cada tipo de erro corresponderá um valor que varia entre 1 e 5, sendo que o 1 equivale ao erro menos grave e o 5 ao mais grave.

No final, o avaliador deverá somar todas as pontuações, dividir o valor final pelo número de palavras do texto de partida e subtrair o valor resultante ao número de qualidade ideal. Quanto mais elevada for a pontuação, menor será a qualidade da tradução. O modelo não indica qual o valor a partir do qual se deve considerar existir qualidade. Esse valor será estipulado pelos utilizadores do modelo. Desta forma, “there will be as many methods to employ SAE J2450 as there are client-supplier contracts for producing translations” (SAE, 2001: 4).

Na tabela seguinte, observam-se os valores atribuídos a cada categoria, mediante a sua severidade:

Categoria de Erro	Menor	Grave
Termo Errado	2	5
Erro de sintaxe	2	4
Erro de concordância ou da estrutura da palavra	2	4
Erro ortográfico	1	3
Erro de pontuação	1	2
Erros diversos	3	1

Tabela 1 - Ponderações do modelo SAE J2450

#### *IV.3.1.2. Aplicação do modelo*

Na tabela seguinte, indica-se o número de erros para cada categoria e severidade detetados na memória de tradução:

Categoria de Erro	Menor	Grave
Termo errado	14	4
Erro de sintaxe	8	1
Erro de concordância ou da estrutura da palavra	0	0
Erro ortográfico	0	0
Erro de pontuação	1	0
Erros diversos	11	0

Tabela 2 - identificação de erros segundo o SAE J2450

Com base nos erros identificados, o cálculo da qualidade da memória de tradução segundo o modelo J2450 será o seguinte:

$$[(14 \times 2) + (4 \times 5) + (8 \times 2) + (1 \times 4) + (1 \times 1) + (11 \times 1) / 6891] = 0,012$$

Assim, se se considerar 1 como o valor qualidade ideal e lhe subtrairmos 0,012, a qualidade será de 99,99.

### *IV.3.2. QRF-21*

O modelo QRF-21 é o modelo de avaliação de qualidade atualmente implementado pela SDL. Em vigor desde pelo menos 2008, este modelo baseia-se nos critérios de cálculo e classificação do J2450, tendo sido adaptados às necessidades da empresa. Uma vez que o ponto de partida deste estudo foi precisamente o estágio realizado na SDL, achou-se oportuno que o seu fosse um dos modelos utilizados.

#### *IV.3.2.1. Descrição do sistema*

O QRF-21 compreende 11 categorias de erros, nas quais se incluem não só erros linguísticos, como também estilísticos e de formatação, e pressupõe cinco níveis de severidade, continuando a ser guiado pelas duas regras anteriormente expostas. Ora, uma vez que este é baseado no J2450, os elementos comuns estão sujeitos às mesmas definições. Por esse motivo, apesar de serem indicadas todas as categorias e subcategorias, apenas serão definidas aquelas que constituem novidade.

As categorias de erro do modelo QRF-21 são:

#### **a) Termo errado (WT)**

Ainda que esta categoria exista e seja definida no J2450, existem algumas alterações a apontar. Ao passo que aquele incluía quatro erros, no modelo da SDL apenas inclui três:

- termo que seja contrário ao glossário do cliente;
- termo que seja contrário à tradução normalizada daquele termo em particular no setor em causa;
- termo que seja inconsistente com outras traduções do mesmo termo no mesmo documento ou tipo de documento, exceto se a ambiguidade for justificada pela mudança de contexto.

#### **b) Significado errado (WM)**

A quarta alínea da categoria anterior passa a compor uma categoria nova. Assim, serão classificadas como um erro de significado as situações em que:

- o termo represente, na língua de chegada, um conceito diferente daquele que se representa na língua de partida, concedendo o significado errado ao texto de chegada;
- um termo que seja contrário ao significado do termo original.

**c) Erro de omissão (OM)**

**d) Erro de estrutura (SE)**

Esta nova categoria representa a junção de duas categorias distintas do modelo J2450. A epígrafe “erro de estrutura” indica agora aqueles que anteriormente foram apresentados como erros de sintaxe e erros de formação de palavra e concordância. No total, esta categoria compreende a seguinte totalidade de situações:

- quando, no texto de chegada, é atribuída a parte errada do texto ao termo;
- quando o texto de chegada possui uma estrutura frásica incorreta;
- quando as palavras no texto de chegada estão corretas, mas, segundo as regras sintáticas da língua de chegada, se encontram na ordem errada;
- quando a palavra correta se encontra morfologicamente errada (por exemplo, no género ou número errado);
- quando duas ou mais palavras não têm inflexões concordantes.

**e) Erro ortográfico (SP)**

**f) Erro de pontuação (PE)**

**g) Erro estilístico (ST)**

Considera-se existir um erro de estilo quando:

- o registo ou tom não foram corretamente adaptados ao público-alvo;
- não foram seguidas as regras de estilo requeridas.

**h) Erros variados (ME)**

Cairão nesta categoria todos os erros (linguísticos ou estilísticos) que não são atribuídos a nenhuma das restantes categorias.

**i) Erro relativo a referências**

Este erro existe quando:

- o erro identificado no texto de chegada pode ser claramente atribuído a um erro existente no material de consulta (memórias de tradução, glossários, regras gerais, etc.).

**j) Erro do texto de partida**

Esta categoria é selecionada quando o erro identificado no texto de chegada pode ser claramente atribuído a um erro existente no texto de partida. Apesar de deverem ser identificados, os erros que caem nesta categoria não devem penalizar o tradutor. Com efeito, considerando que é um erro não atribuído ao tradutor, este não é considerado para a pontuação final da avaliação.

**k) Erro de formatação/ não linguístico**

Esta categoria aplica-se a erros não diretamente relacionados com a tradução *per se*, mas com outros problemas, como a formatação do texto. Também esta não é contabilizada no resultado final da avaliação.

Cabe agora identificar as subcategorias referentes ao grau de severidade do erro:

**a) Erro menor**

É considerado um erro menor aquele que, apesar de notório, não altera ou conduz a uma perda significativa do significado do texto e que não confunde ou engana o leitor.

**b) Erro sério**

Os erros devem ser pontuados segunda esta subcategoria quando:

- alteram ou deturpam a funcionalidade do produto em causa;
- confundem ou enganam seriamente o utilizador do produto;
- são suscetíveis de causar uma má impressão nos utilizadores;
- podem produzir um impacto negativo severo no utilizador;
- são cultural ou geograficamente ofensivos e suscetíveis de causar queixas por parte dos utilizadores;
- contradizem uma instrução importante exposta anteriormente pelo tradutor de forma clara.

**c) Erro crítico**

Esta categoria encontra-se restrita aos casos mais severos, aliás, como a pontuação que lhe é atribuída mostra, e, sempre que for mobilizada pelo avaliador, este deve justificar cabalmente a sua escolha. Um erro crítico comprometerá todo o documento e resultará na reprovação imediata da tradução. Devem ser considerados críticos os erros que:

- originam consequências sérias a nível legal, financeiro ou de segurança;
- prejudicam a reputação da empresa em causa;
- violam diretrizes geopolíticas;
- alteram ou deturpam negativamente a funcionalidade de um produto ou serviço;
- resultam numa declaração potencialmente ofensiva;
- originam a revogação do produto ou a reimpressão do texto.

#### d) Erro repetido

Esta categoria apenas pode ser utilizada quando o avaliador identificar um erro exatamente igual a outro previamente identificado. Este pode ser ao nível do termo, da frase ou do segmento. Apenas o segundo erro deve ser categorizado como repetido, o primeiro deverá cair numa das outras categorias. Os erros marcados pelo avaliador como repetidos não são considerados na pontuação final da avaliação.

#### e) Alteração preferencial

Esta categoria reflete alterações que o avaliador faria apenas por questões de preferência. Esta também não é considerada para o resultado final.

As pontuações atribuídas a cada categoria e subcategoria são as seguintes:

Categoria de Erro	Menor	Sério	Crítico	Repetido	Preferencial
Termo errado	2	5	100	0	0
Significado errado	2	5	100	0	0
Omissão	2	4	100	0	0
Erro de estrutura	2	4	100	0	0
Erro ortográfico	1	3	100	0	0
Erro de pontuação	1	2	100	0	0
Erro estilístico	1	2	100	0	0
Erros diversos	1	3	100	0	0
Erro de referência	0	0	0	0	0
Erro de TP	0	0	0	0	0
Erro de formatação/não-linguístico	0	0	0	0	0

Tabela 3 - Ponderações segundo o modelo QRF-21 para qualidade premium

Uma vez apresentados os componentes do modelo, deve salientar-se que a aplicação deste modelo é deveras diferente da aplicação do anterior. Com efeito, esta não se consegue fazer manualmente e apenas é possível através de um *software* específico da empresa. O *software* define o valor da qualidade, o valor da pontuação relativa a erros permitida para cada número de palavras e realiza autonomamente o cálculo final.

Este apresenta-se ao utilizador da seguinte forma:

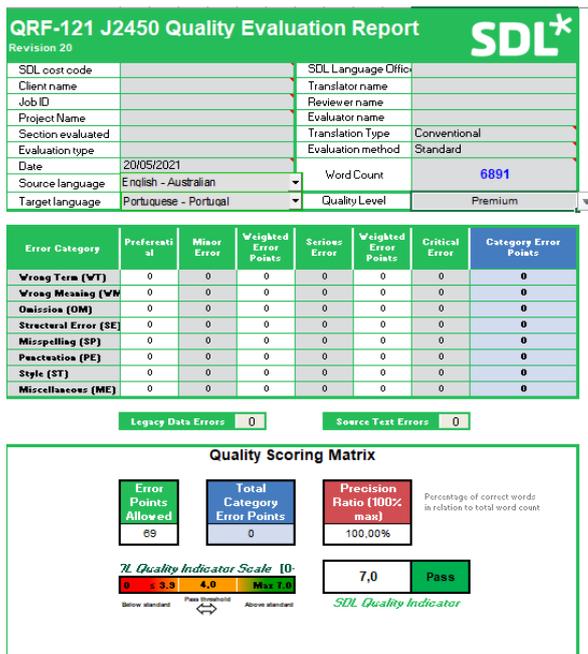


Figura 11 - Software de aplicação do QRF-21: folha de cálculo

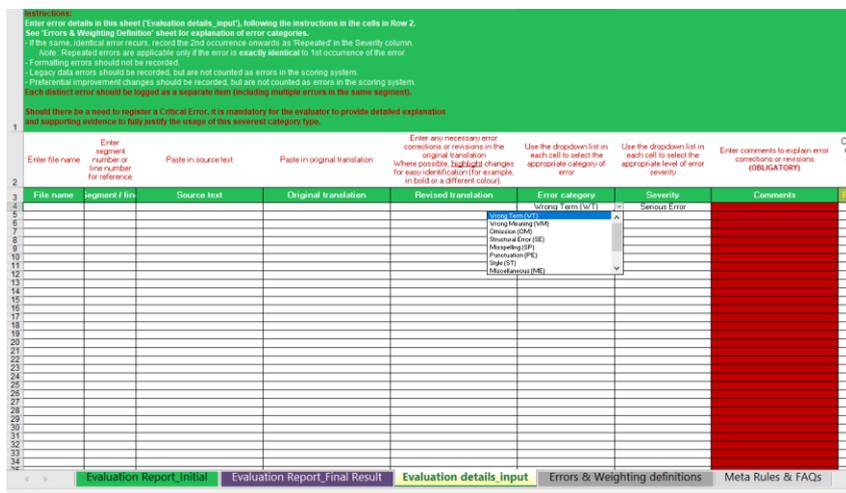


Figura 12 - Software de aplicação do QRF-21: folha de inserção de erros

Os parâmetros de qualidade são imutáveis. Segundo este modelo, será necessário um valor de 4,0 para que a tradução seja aprovada, ou seja, para que se considere que esta tem qualidade. Veja-se os limites estabelecidos:

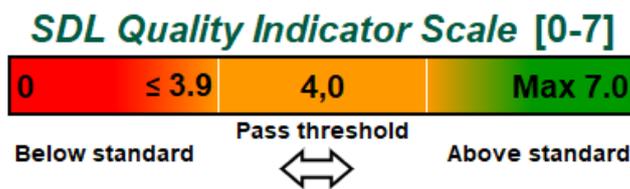


Figura 13 - Escala indicadora de qualidade do QRF-21

Como dito, o *software* calcula uma pontuação total de erros para cada determinado número de palavras. Veja-se os exemplos das figuras 15 e 16. Na primeira avalia-se um texto com 1000 palavras e o *software* permite a ocorrência de 10 pontos, na segunda avalia-se a memória de tradução sob estudo com 6891 palavras e o software permite a ocorrência de 69 pontos.

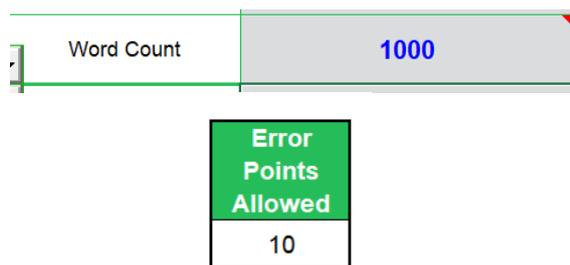


Figura 15 - Pontos permitidos para um texto de 1000 palavras

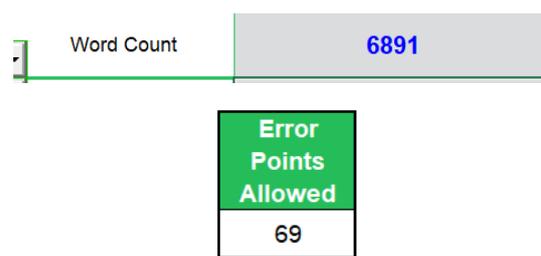


Figura 14 - Pontos permitidos para a memória de tradução de 6891 palavras

Este modelo apresenta, ainda, uma outra particularidade. Ora, a SDL oferece vários níveis de qualidade com base no serviço que o cliente requisita e que está disposto a pagar. Deste modo, a empresa oferece três tipos de qualidade: *premium*, *value* e *economy*. O serviço oferecido terá impacto no resultado da avaliação de qualidade. Veja-se que relativamente a uma tradução *premium*, se espera que seja assegurado o mais alto nível de qualidade, já numa tradução *value* ou *economy* o mesmo não acontece, sendo mais desvalorizada a ocorrência de qualquer erro. Isto é fácil de perceber através da diferença de pontuação atribuída em cada categoria de erro. A título de exemplo, observe-se as tabelas seguintes:

TRADUÇÃO PREMIUM					
Categoria de Erro	Menor	Sério	Critico	Repetido	Preferencial
Termo ortográfico	1	3	100	0	0

TRADUÇÃO VALUE					
Categoria de Erro	Menor	Sério	Critico	Repetido	Preferencial
Termo ortográfico	1	2	100	0	0

TRADUÇÃO ECONOMY					
Categoria de Erro	Menor	Sério	Critico	Repetido	Preferencial
Termo ortográfico	0	2	100	0	0

Figura 16 - Diferença entre pontuações atribuídas a cada tipo de serviço

Cabe fazer algumas observações em relação às pontuações apresentadas. Ora, parece que a importância de um erro crítico é sempre reconhecida, sendo por isso atribuída exatamente a mesma pontuação nos três níveis de qualidade. No entanto, o mesmo não acontece com os erros sérios. É de facto uma surpresa que os erros menores sejam tidos mais em conta do que os erros sérios. Veja-se que os primeiros possuem o mesmo peso quer na tradução *premium*

quer na tradução *value*. No entanto, os erros sérios são desvalorizados na tradução *value*. Parece-me mais sensato que o oposto aconteça.

#### IV.3.2.2. Aplicação do sistema

Na tabela seguinte, indicam-se os erros identificados segundo este modelo:

Categoria de Erro	Menor	Sério	Crítico	Repetido	Preferencial
Termo errado	4	0	0	8	0
Significado errado	1	4	0	1	0
Omissão	0	0	0	0	0
Erro de estrutura	6	1	0	2	0
Erro ortográfico	0	0	0	0	0
Erro de pontuação	1	0	0	0	0
Erro estilístico	3	0	0	0	0
Erros diversos	0	0	0	0	11
Erro de referência	0	0	0	0	0
Erro de TP	0	0	0	0	0
Erro de formatação/não linguístico	0	0	0	0	0

Tabela 4 - Identificação de erros segundo o WRF-21

Ora, segundo os parâmetros para um projeto *premium* a memória de tradução analisada possui um valor de qualidade de 4,9, como é possível verificar na ilustração abaixo.

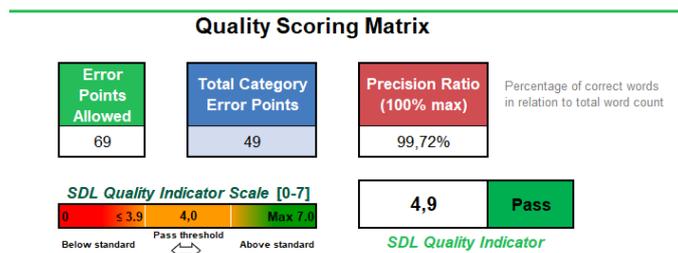


Figura 17 - Resultado da avaliação de qualidade segundo o QRF-21

### IV.3.3. Multi Quality Metrics (MQM)

O MQM foi criado em 2013 pelo TLaunchPad<sup>30</sup> e foi concebido com o objetivo de fornecer um modelo flexível aos prestadores de serviços de tradução. Todo o modelo pode ser inteiramente adaptado ao tipo de texto, ao tipo de prestador de serviços de tradução e até ao tradutor. Compondo um catálogo de mais de 100 tipos de erros, o modelo deixa à escolha do avaliador quais os parâmetros a considerar. A mesma liberdade verifica-se em relação à ponderação. Ainda que o sistema possua valores pré-definidos, não impõe que o avaliador os utilize, podendo este estipular as pontuações que desejar. O vasto catálogo de tipos de erro resulta do estudo de vários sistemas de avaliação de qualidade automáticos e manuais e encontra-se apresentado de forma hierárquica e não linear como acontece nos modelos anteriores. O facto de se apresentar sob forma hierárquica e não linear permite ao avaliador escolher qual a granularidade que quer aplicar na avaliação.

#### IV.3.3.1. Descrição do modelo

Ao nível superior, o modelo encontra-se dividido em nove dimensões: rigor, design, fluência, internacionalização, convenção local, estilo, terminologia, veracidade, compatibilidade e outro. Estas dimensões dão origem a vários subtipos que, por sua vez, compreendem outros.

<sup>30</sup> A **TLaunchPad** foi uma colaboração investigacional financiada pela Comissão Europeia, dedicada a promover uma nova forma de cooperação entre os criadores da TA e a indústria linguística.

Veja-se, por exemplo, a dimensão da fluência. Esta dimensão compreende, entre outros, o subtipo gramática. Este, por sua vez, compreende os subtipos funcionalidade das palavras, formação das palavras e ordem das palavras. Destes, o subtipo forma das palavras dá ainda origem à concordância, partes do discurso e aspeto da palavra.

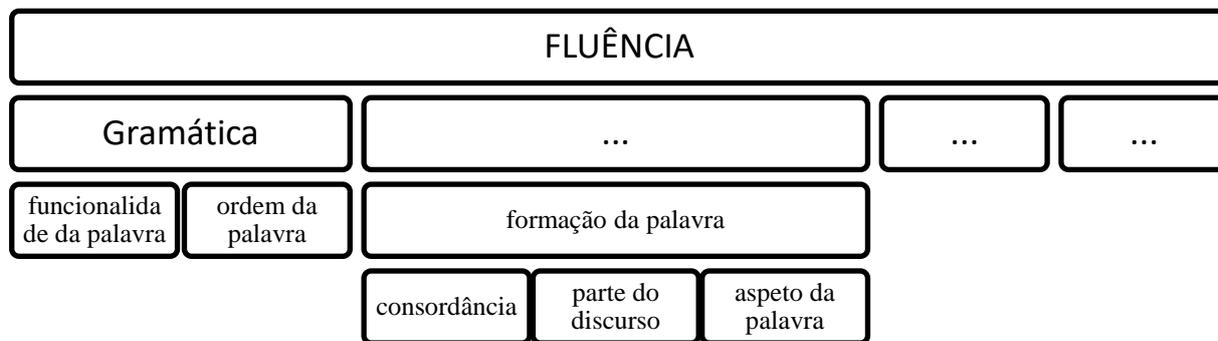


Figura 18 - Estrutura hierárquica da "fluência"

Ora, tal como já dito, esta estruturação possibilita ao avaliador escolher a granularidade que quer aplicar na sua avaliação. Assim, por exemplo, o avaliador pode escolher avaliar apenas os subtipos da gramática e da função da palavra, não sendo obrigado a analisar todos os tipos de erro que decorrem da dimensão fluência.

Uma vez que são muitas as opções, e para não se correr o risco de interferir com os resultados através da escolha efetuada, aplicar-se-á à memória de tradução um conjunto de 20 tipos de erro pré-definido como o *core* do sistema. O *core* encontra-se ilustrado na figura seguinte e é definido abaixo.

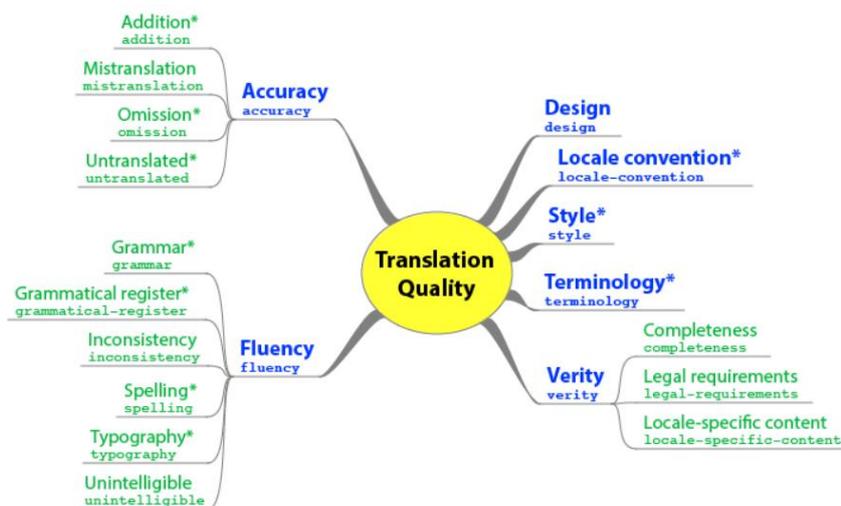


Figura 19 - Core do modelo MQM

- **Adição:** aplica-se quando o TC contém conteúdo não presente no TP.
- **Tradução errada:** aplica-se quando o conteúdo do TC não representa de forma correta o conteúdo do TP.
- **Omissão:** aplica-se quando existe conteúdo do TP que não se encontra no TC.
- **Não traduzido:** aplica-se quando o TP contém conteúdo que deveria ter sido traduzido e não foi.
- **Gramática:** aplica-se aos erros relacionados com a estrutura gramatical ou sintaxe, exceto aos erros ortográficos.
- **Registo gramatical:** aplica-se quando no TP se utiliza o registo gramatical errado, por exemplo, quando se utilizam pronomes ou formas verbais informais e é exigida formalidade.
- **Inconsistência:** aplica-se quando se verifica inconsistência no conteúdo do TC. O que está em causa é a inconsistência da informação passada, é necessário olhar para o texto como um todo.
- **Ortografia:** aplica-se aos erros ortográficos.
- **Tipografia:** aplica-se aos erros relacionados com a apresentação do texto, exceto aos erros ortográficos.
- **Não identificado:** aplica-se quando existe um erro que impacta a fluência do texto, cuja natureza não se consegue identificar.
- **Design:** aplica-se aos erros relacionados com aspetos visuais e não linguísticos
- **Convenção local:** o texto não segue as convenções locais para a apresentação do texto.
- **Estilo:** aplica-se quando o texto apresenta erros estilísticos.
- **Terminologia:** aplica-se quando o termo no TP não se encontra traduzido como esperado.
- **Completo:** aplica-se quando o texto se encontra incompleto. Apenas se deve aplicar quando o texto em falta tem como origem a falta de conteúdo no TP.
- **Requisitos legais:** aplica-se quando o texto não cumpre os requisitos legais especificados.
- **Conteúdo específico do local:** aplica-se quando, no TC, existe conteúdo específico do local do TP que não se aplica ao local do TC, ao seu público-alvo e à funcionalidade do texto.

As categorias de severidade são quatro:

- **Nenhum:** aplica-se a itens que necessitam de ser identificados para futura correção, mas que não devem relevar contra o tradutor. Correspondem a uma chamada de atenção que não impõe uma penalidade. Deve ser utilizada para erros preferenciais e repetidos.
- **Menor:** aplica-se quando os erros não colocam em causa a usabilidade e a compreensão do conteúdo textual.
- **Grave:** aplica-se quando o erro coloca em causa a usabilidade e a compreensão do conteúdo textual. Deve ser utilizada sempre que não seja esperado que o leitor consiga corrigir corretamente o erro.
- **Crítico:** aplica-se quando o erro torna o texto inadequado à sua funcionalidade, ou seja, quando o erro torna impossível a utilização correta do produto e pode resultar em dano no leitor.

Como referido anteriormente, este sistema confere a liberdade de estabelecer os valores para a penalização de cada erro. Mais uma vez, para que não se perca a objetividade, aplicar-se-ão os valores pré-definidos pelo MQM. Numa novidade, o sistema atribui a todos os erros com a mesma severidade a mesma penalização, ao contrário dos dois sistemas anteriormente estudados.

Deste modo, as penalizações aplicadas à memória de tradução são:

- Nenhum: 0
- Menor: 1
- Grave: 10
- Crítico: 100

Relembra-se também a informação dada na exposição da metodologia deste estudo: todas as avaliações realizadas são analíticas. Isto significa que do *core* se retirarão todos os tipos de erro que se destinam a uma análise do texto como um todo: a inconsistência.

### IV.3.3.2. Aplicação do sistema

Mostram-se agora os erros identificados na memória de tradução:

Categoria de Erro	Nenhum	Menor	Grave	Critico
Adição	0	0	0	0
Tradução errada	9	4	4	0
Omissão	0	0	0	0
Não traduzido	0	1	0	0
Gramática	2	6	1	0
Registo gramatical	0	0	0	0
Ortografia	0	0	0	0
Tipografia	0	0	0	0
Não identificado	11	0	0	0
Design	0	0	0	0
Estilo	0	3	0	0
Compleitude	0	0	0	0
Requisitos legais	0	0	0	0
Conteúdo específico do local	0	0	0	0

Tabela 5 - Erros identificados segundo o MQM

A fórmula de cálculo fornecida pelo modelo é:

$$TQ = 100 - TP + SP$$

(pontuação da qualidade = 100 – penalizações do TC + penalizações do TP)

As penalizações são calculadas da seguinte forma:

(menores + [graves x severidade] + [críticos x severidade] / n.º de palavras

Assim, a qualidade da memória de tradução será:

$$100 - (57/6891) + 0 = 99,99$$

#### *IV.4. Discussão dos resultados*

A aplicação dos três modelos de avaliação de qualidade revelou um fenómeno: existe uma clara diferença entre os valores de qualidade apurados através dos modelos teóricos e o valor de qualidade resultante do modelo em vigor da SDL. Os modelos J2450 e MQM – entendidos como modelos teóricos por constituírem precisamente um quadro teórico para os PST –, ainda que estruturados de forma diferente, atribuem a mesma pontuação à qualidade da memória de tradução: 99,99. Concedem-lhe, assim, uma qualidade deveras alta. No entanto, o mesmo não se verifica com a aplicação do modelo QRF-21, que classifica a qualidade da memória de tradução apenas com um 4,9, estando, inclusive, muito perto de garantir uma reprovação da qualidade.

Ora, talvez esta diferença seja, de facto, uma consequência das premissas distintas que guiam profissionais e teóricos. No entanto, não mostram a diferença esperada. Se, repete-se, a questão imposta pelos primeiros é “how do we know when a translation is good?” e a questão a que pretendem responder os segundos é “how do we know when a translation is good enough?” (Drugan, 2013: 42), supunha-se que os modelos J2450 e MQM fossem mais exigentes que o modelo QRF-21 e que a qualidade da memória fosse considerada mais baixa a partir da aplicação dos primeiros. Os resultados obtidos mostraram exatamente o oposto.

Ainda que os resultados tenham sido idênticos no polo teórico, deve salientar-se que ambos os modelos evidenciam a natureza subjetiva da qualidade e da sua avaliação e se mostram insuficientes para uma avaliação satisfatória. Veja-se que o primeiro modelo abordado, o J2450, não aborda erros estilísticos, mas apenas linguísticos. Ainda que seja essa a característica que o leva a ser considerado adequado para textos técnicos, as questões estilísticas não podem ser ignoradas, mesmo neste tipo de textos. O facto de ter de ser complementado faz deste um modelo extremamente insuficiente para uma avaliação cabal. Outra questão importante prende-se com a possibilidade de o avaliador decidir qual o valor ideal de qualidade. Esta falta de objetividade e definição pode originar a manipulação dos resultados.

Também o MQM não se mostra um modelo exemplar, sendo, aliás, aquele que suscita mais reservas. O facto de qualquer avaliador poder escolher os parâmetros que deseja apreciar, criando o repertório que melhor se adequa aos seus objetivos, e de poder alterar as pontuações atribuídas a cada erro, torna o resultado altamente deturpável. Ainda que seja objetivo,

discriminando os erros, não é inflexível. Assim, apesar de a qualidade ser alta na aplicação de ambos os modelos, este não se considera um resultado viável.

Olha-se, agora, com mais atenção para o resultado obtido a partir do QRF-21. Este parece ser a opção mais objetiva de todas, uma vez que define e discrimina os erros, as pontuações e o valor de qualidade ideal. Como visto, o resultado obtido com a aplicação deste modelo ficou muito aquém do ideal. Ora, considerando que as entradas de uma memória de tradução apenas são adicionadas após a revisão dos segmentos (pelo menos na SDL), tal não deveria acontecer. Pelo contrário, todas as entradas da MT deveriam apresentar uma qualidade exímia. Apesar de se poder questionar a revisão dos textos, não é esse o objetivo deste trabalho. Além disso, considera-se que o verdadeiro problema se prende com o processo de manutenção da memória em causa, uma vez que este existe, precisamente, para limpar e corrigir conteúdo obsoleto ou erróneo. O facto de não se verificarem estas correções, leva a crer que existe uma falta de manutenção.

A causa para a manutenção insuficiente, julga-se, será a própria natureza da tarefa: é uma tarefa não produtiva. Tal como visto no primeiro capítulo, estas tarefas não produzem lucro para o prestador de serviços de tradução, uma vez que não são pagas pelos clientes. Talvez por isso lhes seja dedicado tão pouco tempo. De facto, a preocupação central das empresas particulares é o lucro, e este não é obtido através da concessão de tempo para o processo de gestão de qualidade.

Para este argumento, mostra-se oportuno informar que a primeira tentativa deste estudo teve como objeto a memória da DGT de 2019 nas línguas de português europeu e inglês. No entanto, a tentativa não foi bem-sucedida, uma vez que uma primeira análise da memória revelou não existirem erros e problemas. Tal facto leva a ponderar as diferenças entre a DGT – um prestador de serviços de tradução público – e um prestador de serviços de tradução do setor privado. A maior diferença é, certamente, que a última necessita de fazer lucro e, como se sabe, tempo é dinheiro. A DGT não trabalha, contudo, segundo essa condicionante e parece bastante ciente da sua responsabilidade. Como reconhecido em Drugan et *al.*, “poor-quality translation would seriously undermine not only the multilingualism policy, but also the institutions themselves. Efficacy matters particularly in the EU context because translated EU legal acts have a legal effect” (2018: 41). Por esse motivo, a sua organização inclui um grupo de assistentes de tradutor que, além de outras responsabilidades, têm a tarefa de fazer a constante

manutenção de todas as bases de consulta terminológicas, incluindo a memória de tradução. Desta forma, é notório que a “translation quality and quality management are highly significant concerns [for this institution]” (Drugan et al., 2018:40).

No campo privado, parece, porém, existir uma maior preocupação com a consistência do que com a qualidade. A experiência profissional mostrou, inclusive, que estes conceitos são por vezes confundidos. Todavia, deve alertar-se que unidades de tradução que sejam consistentes não têm necessariamente qualidade. Veja-se o caso de todos os erros repetidos assinalados. Existia consistência na tradução do termo e, no entanto, não era a tradução correta.

Os resultados obtidos revelam efetivamente uma manutenção insuficiente da MT por parte dos PST, que coloca em causa a qualidade da futura tradução para a qual será utilizada.

## CONCLUSÃO

A realização do estágio curricular mostrou-se, na minha opinião, uma etapa essencial para a conclusão dos estudos em tradução, revelando-se a passagem necessária da teoria para a prática. Apesar de a parte curricular do Mestrado possibilitar uma profunda aquisição de conhecimentos, foi de facto a experiência profissional que possibilitou não só conhecer a realidade da indústria da tradução, como também refletir sobre a mesma.

Uma vez que a entidade de acolhimento – é de conhecimento geral – é um dos maiores prestadores de serviços de tradução do mundo, respondendo a grandes imposições de produtividade, a escolha pela SDL levou-me a ser confrontada com os aspetos mais exigentes da profissão de tradutor. Tal circunstância foi extremamente positiva para o meu desenvolvimento profissional e pessoal.

Em todas as traduções produzidas no decorrer do estágio foram utilizadas ferramentas de tradução assistida por computador, tendo sido evidente a sua indispensabilidade no mundo da tradução. A que mais questões suscitou foi a memória de tradução. Com a sua utilização em 119 traduções, foi possível concluir que tinha consequências ao nível da qualidade da tradução final. Este entendimento originou uma reflexão crítica, da qual surgiu o trabalho que ora se finaliza e que pretende descortinar se a manutenção das memórias de tradução realizada pelos PST é suficiente para assegurar a sua qualidade e, conseqüentemente, a qualidade das traduções a que se destinam.

Para conseguir responder a essa questão, e antes de expor o estudo prático realizado, foi necessário abordar o tópico da qualidade. Esta mostrou ser uma temática problemática, sobre a qual não existe qualquer entendimento entre teóricos e profissionais. Infere-se, no entanto, que a falta de definição conceptual de “qualidade” e dos seus processos não invalida a realização da avaliação da qualidade por parte dos prestadores de serviços de tradução, que criam e dispõem de vários modelos para o efeito. Desta forma, parece que a discussão teórica não afeta e não afetará a atuação dos profissionais neste campo, não afetando, de igual forma, a análise da memória de tradução efetuada. As várias definições e modelos propostos mostram, contudo, a subjetividade da avaliação da qualidade que se mostra difícil de colmatar no futuro.

Após uma exposição teórica sobre a qualidade e o funcionamento do sistema de memória de tradução, procedeu-se, então, à avaliação da qualidade de uma memória de tradução facultada por um prestador de serviços de tradução. A memória foi avaliada segundo três modelos: J2450, QRF-21 e MQM. Sem querer retomar as ideias apresentadas na secção anterior – que teve como finalidade a discussão dos resultados da análise efetuada – com o estudo realizado foi possível concluir que existe uma clara diferença entre os resultados obtidos através dos modelos de avaliação teóricos e o resultado obtido através do modelo implementado pela SDL, sendo que o último se mostra mais exigente e, por isso, atribui uma qualidade mais baixa à memória de tradução. Isto é, sem dúvida, uma nota positiva para a indústria. Todavia, o valor baixo de qualidade confirma também a premissa negativa de que não é realizada uma manutenção suficiente da ferramenta e que, por isso, são várias vezes utilizadas memórias contaminadas. Com este resultado, e considerando as informações apresentadas sobre a DGT, é possível concluir que o lucro é o fator mais importante e que mais condiciona a gestão de qualidade realizada por um PST. Por esse motivo, e como é tempo é dinheiro, é dedicado pouco tempo à manutenção das memórias.

Todavia, a cada vez maior facilidade de acesso a todo o tipo de culturas e línguas e o crescente nível de formação dos indivíduos levam, na minha opinião, a que o público se torne mais ciente e crítico da informação que recebe e da forma como a recebe. Por este motivo, tem vindo a tornar-se cada vez mais capaz de identificar a existência de um trabalho de qualidade e sem qualidade. Tal facto, começará, no meu entendimento, a fazer-se notar aos clientes dos prestadores de serviços de tradução que, por sua vez, começarão a exigir um trabalho de maior qualidade aos PST.

Por outro lado, sendo um dos setores em constante e maior crescimento, a indústria da tradução parece longe de abrandar e é previsível que, no futuro, as exigências de produtividade venham apenas a aumentar. Deste modo, prevê-se que o tempo dos tradutores será dedicado quase na totalidade à produção de traduções. Por este motivo, acha-se que a médio e longo prazo talvez a melhor opção seja a implementação do sistema de trabalho da DGT pelos prestadores de serviços de tradução privados, ou seja, pela criação da posição de assistente de tradução. Este terá a seu cargo a manutenção e criação de todas as bases terminológicas, podendo assegurar que estas tarefas são realizadas ao mesmo tempo que a empresa atinge os seus objetivos monetários.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALPAC. (1966). Language and machines: Computers in translation and linguistics. Washington: National Academy of Sciences. Retrieved dezembro 13, 2020, from [https://www.nap.edu/resource/alpac\\_lm/ARC000005.pdf](https://www.nap.edu/resource/alpac_lm/ARC000005.pdf)
- Arthern, P. J. (1981). Aids unlimited: the scope for machine aids in a large organization. *Aslib Proceedings*, 33(7), pp. 309-319.
- Arthern, P. J. (2009a). Machine translation - A translator's viewpoint. Retrieved fevereiro 10, 2021, from <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/les.1980.25.1.9/html>
- Arthern, P. J. (2009b). Computer-assisted translation- A translator's viewpoint. Retrieved fevereiro 10, 2021, from <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/les.1981.26.2.55/pdf>
- Baquero, A. S., & Mitkov, R. (2017). Translation memory systems have a long way to go. *The Proceedings of the First Workshop on Human-Informed Translation and Interpreting Technology (HiT-IT)* (pp. 44-51). Bulgaria: Incoma Ltd.
- Barbu, E., Bentivogli, L., Escartín, C. P., & Negri, M. (2016). The first automatic translation memory cleaning shared task. *Machine Translation*.
- Bowker, L. (2005). Productivity vs quality? A pilot study on the impact of translation memory systems. Retrieved fevereiro 02, 2021, from <https://studylib.net/doc/11724355/productivity-vs-quality%3F-a-pilot-study-on-the-impact-of-r>
- Castilho, S., Doherty, S., Gaspari, F., & Moorkens, J. (2018). Approaches to human and machine translation quality assessment. In J. Moorkens, S. Castilho, F. Gaspari, & S. Doherty (Eds.), *Translation Quality Assessment: From Principles to Practice* (Vol. 1). Switzerland: Springer.
- CERTT. (n.d.). Glossary of translation tool types. Retrieved janeiro 12, 2021, from [http://aix1.uottawa.ca/~certt/Glossary%20of%20translation%20tool%20types\\_FINAL.pdf](http://aix1.uottawa.ca/~certt/Glossary%20of%20translation%20tool%20types_FINAL.pdf)
- Chesterman, A., & Wagner, E. (2002). *Can Theory Help Translators? A Dialogue Between the Ivory Tower and the Workface*. Manchester/Northampton: St. Jerome.
- Christensen, T. P., & Schjoldager, A. (2017). Translation-memory (TM) research: What do we know and how do we know it? Retrieved 01 06, 2021, from [https://www.researchgate.net/publication/320588606\\_Translation-Memory\\_TM\\_Research\\_What\\_Do\\_We\\_Know\\_and\\_How\\_Do\\_We\\_Know\\_It](https://www.researchgate.net/publication/320588606_Translation-Memory_TM_Research_What_Do_We_Know_and_How_Do_We_Know_It)

- Colina, S. (2020). Quality, translation. In M. Baker, & G. Saldanha (Eds.), *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (3<sup>a</sup> ed.). London/New York: Routledge.
- Correia, P., & Fontes, H. L. (2013). Interações práticas entre corpora e terminologia na DGT: o papel das memórias de tradução. *A Folha*(42), pp. 13-21.
- DGT. (2015). Translation Quality Guidelines. Retrieved maio 15, 2021, from [https://ec.europa.eu/translation/maltese/guidelines/documents/dgt\\_translation\\_quality\\_guidelines\\_en.pdf](https://ec.europa.eu/translation/maltese/guidelines/documents/dgt_translation_quality_guidelines_en.pdf)
- Drugan, J. (2013). *Quality in professional translation: Assessment and improvement*. London/New Delhi/New York/Sydney: Bloomsbury.
- Drugan, J., Strandvik, I., & Vuorinen, E. (2018). Translation quality, quality management and agency: Principles and Practice in the European Union Institutions. In J. Moorkens, S. Castilho, F. Gaspari, & S. Doherty (Eds.), *Translation Quality Assessment: From Principles to Practice*. Switzerland: Springer.
- Ferreira, A. F. (2017). *Sobre o Controlo da Qualidade em Tradução: Uma Proposta para as Ciências da Saúde*. Dissertação de Mestrado em Tradução (Inglês). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa.
- Garcia, I. (2009). Beyond translation memory: Computers and the professional translator. *The Journal of Specialised Translation*(12), pp. 199-214.
- Garcia, I. (2015). Computer-aided translation. In S. Chan (Ed.), *The Routledge Encyclopedia of Translation Technology*. London/New York: Routledge.
- Garvin, D. A. (1984). What does "product quality" really mean? *Sloan Management Review*, 26(1), pp. 25-43.
- Gouadec, D. (2010). Quality in translation. In Y. Gambier, & L. v. Doorslaer (Eds.), *Handbook of Translation Studies* (Vol. 1, pp. 270-275). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Halliday, M. (2001). Towards a theory of good translation. In E. Steiner, & C. Yallop (Eds.), *Exploring Translation and Multilingual Text Production: Beyond Content*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Hodász, G. (2006). Evaluation methods of a linguistically enriched translation memory system. Retrieved fevereiro 05, 2021, from <https://www.aclweb.org/anthology/L06-1411/>
- House, J. (2011). Quality. In M. Baker, & G. Saldanha (Eds.), *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (2<sup>a</sup> ed., pp. 222-225). London/New York: Routledge.
- House, J. (2013). Quality in translation studies. In C. Millán, & F. Bartrina (Eds.), *The Routledge Handbook of Translation Studies* (pp. 534-547). London/New York: Routledge.

- Hutchins, J. (1996). ALPAC: The (in)famous report. *MT News International*(14), pp. 9-12.
- Hutchins, J. (1998). The origins of the translator's workstation. Retrieved janeiro 12, 2021, from <https://link.springer.com/content/pdf/10.1023/A:1008123410206.pdf>
- Hutchins, J. (2003). Commercial systems: The state of the art. In H. Somers (Ed.), *Computers and Translation: A translator's guide*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Hutchins, J. (2005). The history of machine translation in a nutshell. Obtido em 12 de janeiro de 2021, de <https://docplayer.net/18621555-The-history-of-machine-translation-in-a-nutshell.html>
- Hutchins, J. (2006). The first public demonstration of machine translation: the Georgetown-IBM system, 7th January 1954. Retrieved janeiro 12, 2021, from [https://www.researchgate.net/publication/253470063\\_The\\_first\\_public\\_demonstration\\_of\\_machine\\_translation\\_the\\_Georgetown-IBM\\_system\\_7th\\_January\\_1954](https://www.researchgate.net/publication/253470063_The_first_public_demonstration_of_machine_translation_the_Georgetown-IBM_system_7th_January_1954)
- Hutchins, W. J. (2000). The first decade of machine translation: overview, chronology, sources. In W. J. Hutchins (Ed.), *Early Years in Machine Translation: Memoirs and Biographies of Pioneers*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- ISO 17100 (2015). Translation services — Requirements for translation services. International Organization for Standardization. Retrieved janeiro 15, 2021, from <https://www.iso.org/obp/ui/#iso:std:iso:17100:ed-1:v1:en>
- ISO 9000 (2015). Quality Management systems — Fundamentals and vocabulary. International Organization for Standardization. Retrieved janeiro 15, 2021, from <https://www.iso.org/obp/ui/#iso:std:iso:9000:ed-4:v1:en>
- ISO 9001 (2015). Quality management systems — Requirements. International Organization for Standardization. Retrieved janeiro 15, 2021, from <https://www.iso.org/obp/ui/#iso:std:iso:9001:ed-5:v1:en>
- Kay, M. (1997). The proper place of men and machine in language translation. *Machine Translation*(12), pp. 3-23.
- Kingscott, G. (2013). An approach to translation quality assessment. Retrieved maio 28, 2021, from <https://chicata.org/wp-content/uploads/2013/03/member-announcement-03-17.2013-Kingscott-Article-on-Quality-Assessment.pdf>
- Koby, G. S., Fields, P., Hague, D., Lommel, A., & Melby, A. (2014a). What is quality? A management discipline and the translation industry get acquainted. *Revista Tradumática*(12), pp. 404-412.
- Koby, G. S., Fields, P., Hague, D., Lommel, A., & Melby, A. (2014b). Defining translation quality. *Revista Tradumática*(12), pp. 413-420.

- Koby, G. S., Fields, P., Hague, D., Lommel, A., & Melby, A. (2014c). Defining the landscape of translation. *Revista Tradumática*(12), pp. 392-403.
- Lagoudaki, E. (2006). Translation memories survey 2006: User's perceptions around tm use. Retrieved janeiro 06, 2021, from [https://www.researchgate.net/publication/228742235\\_Translation\\_memories\\_survey\\_2006\\_Users'\\_perceptions\\_around\\_tm\\_use](https://www.researchgate.net/publication/228742235_Translation_memories_survey_2006_Users'_perceptions_around_tm_use)
- Lommel, A. (2018). Metrics for translation quality assessment: A case for standardising error typologies. In J. Moorkens, F. Gaspari, S. Castilho, & S. Doherty (Eds.), *Translation Quality Assessment: From Principles to Practice* (Vol. 1). Springer.
- Lommel, A., Uszkoreit, H., & Burchardt, A. (2014). Multidimensional quality metrics (MQM): A framework for declaring and describing translation quality metrics. *Revista Tradumática*(12), pp. 455-463.
- Macklovitch, E., & Russel, G. (2000). What's been forgotten in Translation Memory. *AMTA '00: Proceedings of the 4th Conference of the Association for Machine Translation in the Americas on Envisioning Machine Translation in the Information Future* (pp. 137-146). Berlin: Springer-Verlag.
- Melby, A. K., & Warner, C. T. (1995). *The possibility of language: A discussion of the nature of language, with implications for human and machine translation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Melby, A. K., & Wright, S. E. (2015). Translation memory. In S. Chan, *The Routledge Encyclopedia of Translation Technology* (pp. 662-677). London/New York: Routledge.
- Mitchell-Schuitevoerder, R. (2020). *A project-based approach to translation technology*. London/New York: Routledge.
- Mor, A. M. (2019). Do translation memories affect translations? Final results of the TRACE project. *Perspectives*, 27(3), pp. 455-476.
- Morin-Hernandez, K. (2009). *La Révision Comme Clé de la Gestion de la Qualité des Traductions en Context Professionnel. Tese de Doutorado em Langues étrangères Appliquées*. École Doctorale Sciences Humaines et Sociales - Université Rennes 2.
- Mossop, B. (2014). *Translation practices explained: Revising and editing for translators* (3<sup>a</sup> ed.). London/New York: Routledge.
- Palumbo, G. (2009). *Key terms in translation studies*. London/New York: Continuum.
- Pastor, G. C. (2009). Translation quality standards in Europe: An overview. Retrieved janeiro 06, 2021, from <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.618.6973&rep=rep1&type=pdf>

- Pietrzak, P., & Kornacki, M. (2021). Technological Evolution in Translation. In P. Pietrzak, & M. Kornacki, *Using CAT Tools in Freelance Translation: Insights from a Case Study*. New York/London: Routledge.
- Pietrzak, P., & Kornacki, M. (2021b). In P. Pietrzak, & M. Kornacki, *Using CAT Tools in Freelance Translation: Insights from a Case Study*. New York/London: Routledge.
- QT21. (2015a). Multidimensional quality metrics (MQM) definition. Retrieved maio 30, 2021, from <http://www.qt21.eu/mqm-definition/definition-2015-12-30.html>
- QT21. (2015b). Multidimensional quality metrics (MQM) issue types. Retrieved maio 30, 2021, from <http://www.qt21.eu/mqm-definition/issues-list-2015-12-30.html>
- Quah, C. (2006a). Computer-aided translation tools and resources. In C. Quah, *Translation and Technology*. New York: Palgrave Macmillan.
- Quah, C. (2006b). Definition of terms. In C. Quah, *Translation and Technology*. New York: Palgrave Macmillan.
- Reeves, C. A., & Bednar, D. A. (1994). Defining quality: Alternatives and implications. *Academy of Management Review*, 19(3), pp. 419-445.
- Reinke, U. (2018). State of the art in translation memory technology. In G. Rehm, F. Sasaki, D. Stein, & A. Witt (Eds.), *Language Technologies for a Multilingual Europe: TC3 III*. Berlin: Language Science Press.
- Riondel, A. (2021). Two approaches to quality in institutional settings: Comparison of the revision policies of an intergovernmental organisation and the Swiss Confederation. *Electronic Journal of the KaTu Symposium on Translation and Interpreting Studies*, 14, pp. 82-96.
- SAE. (2001). Translation quality metric. Retrieved maio 30, 2021, from [http://www.apex-translations.com/documents/sae\\_j2450.pdf](http://www.apex-translations.com/documents/sae_j2450.pdf)
- Screen, B. (2016). What does translation memory do to translation? The effect of translation memory output on specific aspects of the translation process. Retrieved janeiro 06, 2021, from [https://www.researchgate.net/publication/300529778\\_What\\_does\\_Translation\\_Memory\\_do\\_to\\_translation\\_The\\_effect\\_of\\_Translation\\_Memory\\_output\\_on\\_specific\\_aspects\\_of\\_the\\_translation\\_process](https://www.researchgate.net/publication/300529778_What_does_Translation_Memory_do_to_translation_The_effect_of_Translation_Memory_output_on_specific_aspects_of_the_translation_process)
- SDL. (2020). QRF-21.
- Chan, S. (2004). *A Dictionary of Translation Technology*. Hong Kong: The Chinese University Press.

- Chan, S. (2017). *The future of translation technology: towards a world without Babel*. London/New York: Routledge.
- Somers, H. (2003a). The translator's workstation. In H. Somers (Ed.), *Computers and Translation: A translator's Guide*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Somers, H. (2003b). Translation memory systems. In H. Somers (Ed.), *Computers and Translation: A translator's Guide*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

# **ANEXOS**

## ANEXO I – Formações realizadas no decorrer do estágio na SDL

Configuring your SDL Trados Groupshare server	Using the SDL language cloud
Beyond compare training – comparing files	Basic quality checks
How to manage production tasks	Translating in SDL Passolo 2018
Introduction to language offices	SDL Passolo 2018 fundamentals
SDL organisation structure	Welcome and course outline for SDL Passolo 2018 – getting started
SDL Learning Zone – Atlas	Introduction to activpayroll/activ8
SDL around the world	Roles in Smartquery
Instance creation	Introduction to Smartquery
SDL services	SDL MultiTerm – creating a termbase and entering terms
Welcome to SDL	SDL MultiTerm – using terminology
Helix	Maintaining translation memories
Employee development	Translation 101 – what is translation memory?
Translation on demand	SDL products
Language services of the future (operational)	Cat tools and Studio: 5. Introduction to QA checks
Language cloud (commercial)	SDL career framework overview part 2
Value propositions and demand generation	Passolo getting started guide
Introduction	Easy online editing and review with SDL Trados Groupshare 2017 online editor
Working with the Helix-TMS integration	Empower Timesheet: engineering and functional testing productivity

TMS certification program	LSO and implementation of client review comments
From idea to medicine – drug development by Roche	Job finalisation
Life Sciences: Classification of Medical devices	Translation and review
Introduction to Helix	Introduction to performance management at SDL
Using Studio for effective post-editing	Helix job tracking: overview
CAT Tools and Studio: working with packages	CAT Tools and Studio: basic translation features
CAT Tools and Studio: Project set up	CAT Tools and Studio: introduction to Trados Studio
CAT Tools and Studio: spelling and grammar checks	CAT Tools and Studio: introduction to CAT Tools
Life Sciences Hub – Training area	Empower Timesheet: Utilisation
Life Sciences overview	Empower Timesheet: features and buttons
SDL Career framework overview – Part 1	Empower Timesheet: time away from office
Introduction to SDL Career Framework	Empower Timesheet: introduction and cost codes
Translation – Career framework	SDL Learning Zone – Products
Project creation from SDL Trados Studios	Empower Timesheet: translation productivity

## **ANEXO II – Guia de estilo de português europeu da SDL**



# TRANSLATION STYLE GUIDE

EUROPEAN PORTUGUESE

*Table of contents*

I INTRODUCTION	83
1 Scope	83
2 Importance of corporate style	83
II GENERAL LINGUISTIC CONSIDERATIONS	84
1 Technical writing	84
A) Syntax and semantics	85
Positive versus negative constructions	85
Active versus passive constructions	85
Logical sentence structure	86
Transitive and intransitive verbs	86
Tenses and modes	87
Optional plural	89
Possessive adjectives	89
Demonstrative pronouns	89
Use of prepositions	90
Common errors to avoid	91
B) Consistency	92
2 Orthographical and typographical conventions	92
A) Abbreviations	93
Rules and typical abbreviations	93
Symbols and units of measurement	95
Acronyms	96
B) Punctuation and orthographical marks	97
Commas	97
Hyphens and dashes	98

Quotation marks	98
Periods	99
Colons	99
C) Use of upper and lower case	99
D) Numerals	100
Currencies	100
Dates	101
Decimal and thousand separator	101
Time format	101
Paper sizes (millimeter conversions)	102
Paper sizes (names)	102
E) Bulleted lists and tables	103
3 Terminology	104
A) Terminology lists	104
B) Common terms	104
Translation of key names	104
Translation of common UI terms	106
False friends	107
Common mistakes	108
<b>III TRANSLATION GUIDELINES</b>	<b>110</b>
1 Software translation	110
A) Translation of dialog boxes, menus and buttons	111
B) Hot keys	112
C) Accelerator keys	112
D) Status and error messages	112
2 Help translation	113
A) User interface elements	114

B) Headings and links	114
C) Table of contents, index and glossary	115
D) Footnotes in Windows-based .rtf help files	115
3 Documentation translation	116
A) Section and chapter titles	116
B) Common manual titles	117
C) Cross-references to other manuals, chapters or sections	118
D) Glossaries	118
E) Indexes	118
F) Copyright information and publication date	119
4 Multimedia translation	119
A) Target audience and style	119
B) Length restrictions	120
C) What is translatable in the script?	120
<b>IV REVIEW GUIDELINES</b>	<b>121</b>

# I Introduction

## 1 Scope

The purpose of this Translation Style Guide is to establish grammar, style and terminology guidelines for SDL internal staff and freelance translators, editors and proofreaders with regard to the language preferences to be used in English to Portuguese translations that are carried out for or by SDL International.

This guide is organized in three main sections:

**General Linguistic Considerations:** Provides a set of linguistic guidelines and addresses problematic issues in translation from English into Portuguese.

**Translation Guidelines:** Provides company guidelines and industry standards for the translation of software, help files, software documentation and multimedia projects. Each section concentrates on the specifics of that particular type of translation.

**Review Guidelines:** Provides a set of recommendations that should be taken into account when reviewing translations carried out by other translators. It also contains a set of revision marks to be used when reviewing translations.

## 2 Importance of corporate style

Using and observing the SDL International corporate style is vital to:

Project an image of professionalism and reliability

Promote quality and consistency across projects and clients

Minimize costly revisions

It is imperative that both internal translators and freelancers adhere to these guidelines, so that all manuals and online texts translated or reviewed for or by SDL International have consistent style, good readability and stylistic quality. Adhering to the SDL Translation Style Guide will also ensure linguistic consistency across a pool of translators on any one project. This will in turn ensure that no extra resources have to be allocated during revision, helping to deliver on time within budget.

Some of SDL's clients have their own set of linguistic guidelines. Where this is the case, these guidelines will be provided to translators, together with the project material for translation. Where there are differences or contradictions, the client's preferences (if correct) take priority over those in this guide. For any linguistic issues not covered in the client guidelines, the SDL Translation Style Guide is to be referred to.

The general orthographical and grammatical rules for Portuguese obviously remain untouched by the SDL Translation Style Guide.

-----

**Important:** Some of the examples of usage that appear in the “Incorrect” column are correct from a linguistic point of view, but are to be avoided in favor of the phrase or term featured in the “Correct” column.

**Important:** Unless otherwise stated, the translations provided are based on Windows standards and intended for use in Windows based applications.

-----

## II General linguistic considerations

### 1 Technical writing

One of the first things to consider in technical writing is the target audience. As a translator, you should consider who will be reading the document you are translating:

Is the document intended for the general public? If not, what organization do your readers work for?

What is your readers’ occupation, profession or field?

What information do they need to get from you document?

What is their knowledge of the topic?

Translation should be adapted depending on the answers to these questions. As a general rule, the register should be kept formal.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
Now you know what to do if you want to...	Já dispõe dos conhecimentos necessários se quiser...	Agora já sabe o que fazer para...

However, in certain types of documents, such as contracts, you should use a more impersonal style (for example, use “o utilizador”).

Similarly, the use of the second person singular to address the reader should be avoided in Portuguese. Instead, the third person singular should be used. However, notice that the corresponding pronoun should be avoided in EP.

<i>English</i>	<i>Portuguese</i>
You can type the number you want...	Pode introduzir o número que desejar...

-----  
 Note: *Do* be consistent in the way you address the reader. -----

Overall style should be clear and concise to help readability. Literal translations should be avoided, as they impair comprehension and make the target text sound unnatural. Ideally, the translated text should be easy to read, convey the same information as the English and be able to pass as a text originally written in the target language.

The following guidelines are intended to help the translator to create a text which takes the conventions of Portuguese technical documents into account and ensures maximum clarity for the reader.

#### A) Syntax and semantics

##### Positive versus negative constructions

Use positive constructions rather than negative ones in order to improve the readability of the Portuguese text.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
Do not connect the power cable before setting the switch on the 0 position.	Não conecte o cabo de alimentação antes de ter desligado o interruptor.	Antes de conectar o cabo de alimentação, verifique se o interruptor foi desligado.

##### Active versus passive constructions

Use active instead of passive constructions whenever possible. Passive voice is less commonly used in Portuguese. Instead, the impersonal form should be used (this is advisable in error messages, see “Status and Error messages” on page 28).

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
----------------	------------------	----------------

The file can be opened when the installation is finished	O ficheiro poderá ser aberto quando a instalação estiver terminada.	Será possível abrir o ficheiro quando a instalação estiver terminada.
--	---	---

When changing subjects (e.g., as a result of using the active form where the English sentence uses the passive form), be careful not to mistranslate.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
Templates are used by wizards to improve performance.	Os modelos utilizam assistentes para melhorar o desempenho.	Os assistentes utilizam modelos para melhorar o desempenho.

#### Logical sentence structure

Organize information in a logical order. Instructions should be given in the order the user has to perform them. Similarly, when the user is asked to perform certain actions in the software application, the different steps should also be presented in a logical order (i.e., menu, command, dialog box title, dialog box controls).

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
Insert the diskette after turning on the computer.	Insira a disquete depois de ter ligado o computador.	Ligue o computador e insira a disquete.

#### Transitive and intransitive verbs

Avoid using transitive verbs as intransitive verbs.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
This option allows you to copy in the Clipboard.	Esta opção permite copiar na área de transferência.	Esta opção permite copiar a selecção na área de transferência.

Warn me when adding to appendable DVD writeonce discs.	Avisar-me ao adicionar a DVDs não-regraváveis parcialmente gravados.	Avisar-me ao adicionar ficheiros a DVDs não-regraváveis parcialmente gravados.
--	--	--

### Tenses and modes

English tenses do not always correspond to the equivalent tense in Portuguese.

Gerunds (translation of *-ing* form): In English, gerunds tend to be used in section titles and subtitles in the documentation and help, whereas in Portuguese the infinitive is preferred. The structure “Como + infinitive” is also possible. The Portuguese gerund can be used when it appears in a status bar indicating an action in progress (see “Section and chapter titles” on page 31). However the construction “a + infinitive” is preferred in Portuguese.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
Section Ten: Generating Tables	Secção 10: A gerar tabelas	Secção 10: Gerar tabelas
Closing files	A fechar ficheiros	Como fechar ficheiros
Updating table...	Actualização de tabela...	A actualizar tabela...

Imperatives: Use the imperative tense when giving instructions. Avoid using the infinitive to translate instructions. English expressions with modal verbs or constructions such as “make sure you do something” should also be translated using the Portuguese imperative.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
Select the staff group or routing set for which tasks should be created.	É necessário seleccionar o grupo de pessoal ou conjunto de rotas para o qual deseja criar tarefas.	Selecione o grupo de pessoal ou conjunto de rotas para o qual deseja criar tarefas.

You should save your changes before proceeding.	Deveria guardar as alterações antes de continuar.	Guarde as alterações antes de continuar.
Make sure you specify a valid name.	Certifique-se de que especifica um nome válido.	Especifique um nome válido.

Subjunctive tenses: The subjunctive tenses are very important in Portuguese; not using them when required would impoverish the text.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
If you open this document, you see all the information...	Se abre este documento, vê todas as informações...	Se abrir este documento, verá todas as informações...

Infinitive: When translating menu options, buttons and dialog boxes in software, use the infinitive form. (See “Translation of dialog boxes, menus and buttons” on page 27).

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
Open (menu option)	Aberto	Abrir
Save As (menu option)	Guarde como	Guardar como

Future: English technical manuals tend to use the future tense, where in Portuguese the present tense would be more appropriate. Avoid using the future tense in such cases.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
This section will describe the procedure to install the machine.	Esta secção descreverá o procedimento de instalação do computador.	Esta secção descreve o procedimento de instalação do computador.

### Optional plural

The optional plural represented by the letter “s” between brackets, as in “item(s)”, can be used in software if such use is due to length restriction issues. However, it should be avoided whenever possible. In documentation and help files, the singular and plural forms of the noun should be used instead. Alternatively, the Portuguese plural form can be used as it is the less specific option.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
Select the item(s) you want.	Selecione o(s) item(ns) que desejar.	Selecione os itens que desejar.

### Possessive adjectives

The common use of possessive adjectives in English should be avoided in Portuguese and instead the definite article should be used.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
Launch your application.	Inicie a sua aplicação.	Inicie a aplicação.
You need to run these last two commands each time you log into your system.	Deve executar estes dois últimos comandos sempre que iniciar sessão no seu sistema.	Deve executar estes dois últimos comandos sempre que iniciar sessão no sistema.

### Demonstrative pronouns

Some translators have difficulties regarding the use of “esse” and “este”. In Portuguese use “este” when making a reference to an isolated element that has already been mentioned or that will be mentioned. When you need to make reference to a sequence of elements, you should respect the order in which they previously appeared, therefore you should use “este” for the last element in focus, “esse” to the one before the last and “aquele” to the most distant one. The following sentence is an example of this: “A água, a lua e a terra são elementos vitais, esta porque nos sustenta, essa porque nos ilumina e aquela porque nos dá vida”.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
----------------	------------------	----------------

The program cannot find the file TWAIN_32.DLL. This file allows...	Não é possível para o programa localizar o ficheiro TWAIN_32.DLL. Esse ficheiro permite que...	Não é possível para o programa localizar o ficheiro TWAIN_32.DLL. Este ficheiro permite...
This chapter discusses...	Esse capítulo aborda...	Este capítulo aborda...

### Use of prepositions

The following table contains some prepositions which are often used or translated incorrectly.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
Add in	Adicionar em	Adicionar a
Consist of, to	Consistir de	Consistir em
From the Options menu...	A partir do menu Opções...	No menu Opções...
Imply, to (meaning “pressupor”, “envolver”, “acarretar”, “exigir”)	Implicar em	Implicar (without preposition “em”)
Replace with	Substituir com	Substituir por
The button in the window...	O botão na janela...	O botão da janela...
Under Special on the main menu...	Sob a opção Especial no menu principal...	Na opção Especial do menu principal...

Avoid using the same preposition for verbs that collocate with a different preposition.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
To process information sent to or by the server,...	Para processar as informações provenientes ou enviadas do servidor,...	Para processar as informações provenientes do servidor ou enviadas por ele,...
	Note: “Provir” collocates with “de”, but “enviar” collocates with “por”.	

A common mistake is to delete a required preposition to avoid what is called “dequeísmo” in Portuguese (incorrect use of “de que”).

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
Remember you’ve already sent a message.	Lembre-se que já enviou uma mensagem.	Lembre-se de que já enviou uma mensagem.

#### Common errors to avoid

This section focuses on some common errors in translation from English into Portuguese.

*To click*: Sometimes, translators forget to use it with the right preposition. Always use it with “em”.

*For*: In some cases, this preposition is better translated as “de/do/da”.

*From*: Should only be translated as “a partir de” in cases where you need to avoid ambiguity. Can normally be translated as “de/do/da” or “em/no/na”.

*Multiple*: This tends to be translated as “múltiplo(s)”. This translation is correct but should not be favored over other Portuguese adjectives, such as “vários”, “diversos”, etc. If possible, avoid using “múltiplo(s)”.

Avoid contractions such as “pra/pro”. Instead, use “para a/para o” and “em um/em uma”.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>

Choose Open from the File menu.	Escolha 'Abrir' a partir do menu 'Ficheiro'.	Escolha 'Abrir' no menu 'Ficheiro'.
Click OK to cancel printing.	Clique OK para cancelar a impressão.	Clique em OK para cancelar a impressão.
Data related to Properties and Categories can be stored in multiple languages.	É possível armazenar os dados relacionados com propriedades e categorias em múltiplos idiomas.	É possível armazenar os dados relacionados com propriedades e categorias em vários idiomas.
Examine key configuration files from your computer.	Examine os ficheiros de configuração principais a partir do computador.	Examine os ficheiros de configuração principais do computador.
Save the file to a different disk.	Guarde o ficheiro num outro disco.	Guarde o ficheiro noutra disco.
Start Windows from a floppy disk.	Iniciar o Windows de uma disquete.	Iniciar o Windows a partir de uma disquete.
You must enter the area code for your Internet service provider.	Deve introduzir o código DDD para o provedor de serviços de Internet.	Deve introduzir o código DDD do provedor de serviços de Internet.

## B) Consistency

It is extremely important to be consistent in the way things are translated. The more consistent translations are, the better the quality. The work required during revision, future updates, etc. will also be significantly reduced.

Consistency not only applies to terminology but also to sentence structure. Recurring text elements like headings, sub-headings, step-by-step instructions, etc. should have a similar structure.

Phrases which occur more than once in a document (e.g. "Related Topics") should be translated identically throughout the document.

Similarly, the translation of dialog boxes should correspond to the translation of the commands that open them.

This section covers a set of orthographical and typographical conventions that should be taken into account when writing Portuguese texts. They are particularly relevant to the translation of technical texts.

## A) Abbreviations

### Rules and typical abbreviations

In general, abbreviations should be avoided unless length restrictions mean the full term cannot be used.

Note also that abbreviations are a flexible code within the general orthographic code. Everyone is able to create an abbreviation taking a small set of rules into consideration. Before creating a new one you should check, in glossaries or abbreviation dictionaries, if an alternative exists. It would also be important to check if your client has a list of this type of constructions that he would like you to consider. Furthermore, when translating with abbreviations, be consistent with their use, avoid referring to one word with different abbreviation constructions.

When a new abbreviation is required, the following rules should be taken into account: - To build abbreviations you must cut words by syllables, nevertheless abbreviated words cannot end in a vowel. To avoid this, you add the consonant of the syllable that follows the one that was cut.

<i>Word</i>	<i>Correct</i>
Elemento	Elem.

A word can also be abbreviated by contracting it.

<i>Word</i>	<i>Abbreviation</i>
Agente	Agte

When a word has an accent, this is kept in the abbreviation.

<i>Word</i>	<i>Abbreviation</i>
página	pág.

The plural is not usually indicated but if it is necessary you can add an “s” to the abbreviation or, in some cases duplicate the letter of the abbreviation

<i>Word</i>	<i>Abbreviation</i>
Páginas	Págs.
Páginas	Pp.

Words should not be abbreviated by omitting only one letter.

<i>Word</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
Número	Númer.	Núm.

When a syllable with more than one consonant needs to be cut, all consonants before the vowel need to be included in the abbreviation. In words with -çç-, only the first c is included in the abbreviation.

<i>Word</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
Assíncrono	As.	Ass.
Detecção	Detecç.	Detec.

Abbreviated words are followed by a period unless the abbreviation is an established technical symbol, such as measures or monetary symbols. If the abbreviation includes superscript letters, the period goes before these letters.

<i>Word</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
Metro	m.	m
Número	nº	n. <sup>o</sup>
Pós-meridiano	pm	p.m.

The following table contains a list of common abbreviations:

<i>Word</i>	<i>Abbreviation</i>
-------------	---------------------

capítulo	cap.
conta	cta.
Estados Unidos	EUA
etcétera	etc.
exemplo	ex.
Hora/minutos/segundos	hr./min./seg. or s.
linha	lin.
máximo	máx.
mínimo	mín.
número	n.º or núm.
página	pág.
parágrafo	par.
por exemplo	p. ex.
Primeiro/primeira	1.º/1.ª or 1o./1a.
referência	ref.
segundo/segunda	2.º/2.ª or 2o./2a.
telefone	tel.
tempo	tpo.

### Symbols and units of measurement

When using symbols or units of measurement, there should be no space between the number and the corresponding symbol or unit. However, this is not a common practice and some clients might actually ask you to introduce a space (a non-breaking space, in order to prevent the separation of the number and the symbol at the end of a line).

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
5cm	5 cm	5 cm
53%	53 %	53 %

The following table contains a list of common units:

<i>Word</i>	<i>Abbreviation</i>
centímetro	cm
gigabyte	GB
hertz	Hz
litro	l
megabit	Mb
megabyte	MB
megahertz	MHz
metro	m
milímetro	mm
quiloByte	KB
quilograma	kg
quilohertz	kHz
quilómetro	km

### Acronyms

If the English acronym is kept in the Portuguese text, it should be followed by the full English text and its translation, between brackets. However, in cases where the acronym is widely used and well known, there's no need to insert its explanation between brackets.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
The DDE Protocol will allow you to...	O protocolo DDE  (Dynamic Data Exchange) permitirá...	O protocolo DDE (Dynamic Data Exchange, intercâmbio dinâmico de dados) permitirá...

CD-ROM drives	Unidades de CD-ROM  (Compact Disk- ReadOnly Memory, Disco compacto, memória somente leitura)	Unidades de CD-ROM
---------------	--	--------------------

Once the acronym has been explained in the document, it will be used by itself, unless the source text contains only the full English text, in which case you'll only need to include its translation.

## B) Punctuation and orthographical marks

This section contains an overview of Portuguese punctuation rules to help avoid a number of common mistakes.

### Commas

Commas are used to separate series of three or more elements. In Portuguese, the comma before the conjunction should not be used when the conjunction joins the last two elements in a series.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
Customer Support contacts need to be knowledgeable about your systems, the Software functionality, and the business processes.	Os contactos do suporte técnico devem conhecer os sistemas, as funções do software, e os processos empresariais.	Os contactos do suporte técnico devem conhecer os sistemas, as funções do software e os processos empresariais.

When a conjunction joins two parts of an element in a series and this element is followed by a second conjunction, a comma must be used before the last conjunction.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
This will enable Customer Support to investigate and attempt	Isto permitirá que o suporte técnico investigue o problema, tente	Isto permitirá que o suporte técnico investigue o problema, tente identificá-lo e reproduzi-lo,

to identify, reproduce, and verify the defect.	identificá-lo e reproduzi-lo e verifique o defeito.	e verifique o defeito.
--	---	------------------------

Use commas with introductory phrases, and before and after phrases that use adverbs such as “no entanto”, “portanto”, “pelo contrário”, etc.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
However, you must replace the center plane.	No entanto deverá substituir o plano central.	No entanto, deverá substituir o plano central.

Use a comma to separate subordinate phrases that begin a sentence.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
You will be given a login and password to gain access into the system.	Para aceder ao sistema receberá um nome de utilizador e uma palavrapasse.	Para aceder ao sistema, receberá um nome de utilizador e uma palavra-passe.

## Hyphens and dashes

In Portuguese, three types of dash characters are used:

Hyphen (hifen: -): Used to divide words at the end of a line (e.g. “apli-cativo”) and for compound words (e.g. “teórico-prático”). A hyphenated compound should not be split between lines. If possible, use a non-breaking hyphen (Ctrl+Shift+hyphen). Titles should not have hyphenated words. - En dash (traço: –): Used as a minus sign with a space before and after. (ANSI code: Alt+0150.)

Em dash (travessão: —): Used to enclose comments not syntactically connected to the rest of the sentence. Similar to using brackets. The use of em-dash in the English text does not always warrant its use in the Portuguese translation. Depending on the context, it can be replaced with a comma or brackets. (ANSI code: Alt+0151.)

## Quotation marks

In English, when the text between quotation marks appears at the end of the sentence, the period may appear inside the quotation marks. In Portuguese, the period should go inside the quotation marks when it is part of the quotation and outside when it is not. Note that only one punctuation mark should be used.

In English there are two types of quotation marks: double and single. In Portuguese the single ones are not commonly used. Also, in Portuguese the double quotation marks can be straight or curved. The curved ones are the ones used by default, whenever quoting is required. Double straight quotation marks are used when a quotation is made inside another, or when an element of that quotation needs to be highlighted.

However, it is important to mention that this is a common mistake and that software translations have the tendency to disregard this rule. Your clients might want you to only use straight quotation marks.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
"No topics found."	"Nenhum tópico encontrado".	«Nenhum tópico encontrado.»
Topics that contain the	Tópicos que contenham a	Tópicos que contenham a palavra
word "contact. "	palavra "contacto."	«contacto».
"No topics found."	"Nenhum tópico encontrado."	«Nenhum tópico encontrado.»

## Periods

Periods should be followed by *one* space only. In a sentence ending with a term within quotation marks or brackets, the period should go outside the closing quotation mark or bracket. See above.

## Colons

Use colons to introduce lists and procedures. Do not use colons to introduce tables, sections or illustrations.

Unless the sentence starts on the next line, use *lower case* after the colon.

## C) Use of upper and lower case

The following terms are capitalized in Portuguese:

### Proper nouns

Nationality, ethnical and regional names when you are referring globally to the group of individuals (e.g. os Portugueses, os Índios, os Alentejanos)

## Religious entities names

Names of continents, countries, regions, cities, streets, towns, rivers, mountains and all toponyms in general

Astronomical names (e.g. Sol, Lua, Marte)

Cardinal points when referring to regions

Names referring to partitions of the calendar, months, seasons, historical eras and famous times, public holydays (e.g. Fevereiro, Primavera, Idade Média, Ramadão, Quinhentos).

High position names (e.g. Presidente da República) - Names that designate some institutions or religious, political and national concepts (e.g. Igreja, Religião, País, Língua)

Names of associations and schools

Titles of books and magazines

Names of subjects, sciences and arts (e.g. Matemática, Física)

Social and academic titles (e.g. Sr., Dr.)

Pronominal forms referring to sacred entities

In abbreviations and acronyms (e.g. RTP, SIC)

The first letter of the following software interface elements should also be capitalized: commands, dialog box titles, options, buttons and menu names (unless otherwise stated).

Note that the following terms are not capitalized in Portuguese:

Adjectives referring to nationalities

Names of days

Languages (when not considered a subject or science) Accents on capital letters are *always* required.

D) Numerals

Currencies

Currency symbols should be placed before the number without a space.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
€15,000	15 000 €	€15 000

When using an abbreviation of currency, this should be placed before the number with a space.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
EUR 15,000	EUR 15 000 €	EUR 15 000

### Dates

Dates should be written in the day, month and year format. No capital is used for the month. If numbers are used, slashes or hyphens should be used to separate them.

### Decimal and thousand separator

Use the comma as a decimal separator without a space. Use a space as a thousands separator.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
1.50m	1.50 m	1,50 m
15,000 users	15 000 utilizadores	15 000 utilizadores

In Portuguese, the 0 cannot be dropped in decimal numbers below 1. However, it should be avoided when it is the only decimal digit in the number.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
.5m	.5 m	0,5 m
3.0	3.0	3

### Time format

The traditional format is the 24 hour clock. To separate hours, minutes and seconds, a colon or period can be used.

## Paper sizes (millimeter conversions)

<i>Inches</i>	<i>Millimeters</i>
3 ½ x 7 inches	90 x 178 mm
4 x 8 inches	102 x 204 mm
5 ¼ x 5 ¾ inches	133 x 146 mm
5 ¼ x 8 inches	133 x 203 mm
5 7/8 x 8 ¼ inches	148 x 210 mm (A5)
7 x 9 inches	178 x 229 mm
8 ½ x 11 inches	216 x 280 mm
11 ¾ x 16 ½ inches	297 x 420 mm (A3)
8 ¼ x 11 ¾ inches	210 x 297 mm (A4)

## Paper sizes (names)

<i>Inches</i>	<i>Millimeter</i>
Letter (8 ½ x 11 inches)	Carta (216 x 279 mm)
Legal (8 ½ x 14 inches)	Ofício (216 x 356 mm)
Ledger (11 x 17 inches)	Ledger (279 x 431 mm)
Executive (7 ½ x 10 ½ inches)	Executivo (184 x 267 mm)
Envelopes	Envelopes

Note that a conversion should only be made when a client demands it, otherwise you should just translate the measurement unit.

#### E) Bulleted lists and tables

Regardless of the source language convention, the format used in the translation of bulleted lists and tables should be consistent throughout the software, documentation or help system.

Bullet points should follow the original formatting and end with *no* period if the list is made up by a series of terms or words that do not constitute a complete sentence. However, if the list contains complete sentences, these should be followed by a period.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
<p>The product box contains:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Two manuals</li> <li>A CD</li> <li>A registration card</li> </ul>	<p>A caixa do produto contém:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Dois manuais.</li> <li>Um CD.</li> <li>Um cartão de registo</li> </ul>	<p>A caixa do produto contém:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Dois manuais</li> <li>Um CD</li> <li>Um cartão de registo</li> </ul>
<p>The Notifications and Reminders dialog box displays the following reminders:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Reminders set for me: Reminders that are set for the current user.</li> <li>Reminders received: Reminders that were received by the current user</li> </ul>	<p>A caixa de diálogo Notificações e avisos mostra os seguintes avisos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Avisos estabelecidos para mim: avisos estabelecidos para o utilizador actual.</li> <li>Avisos recebidos: avisos que foram recebidos pelo utilizador actual</li> </ul>	<p>A caixa de diálogo Notificações e avisos mostra os seguintes avisos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Avisos estabelecidos para mim: avisos estabelecidos para o utilizador actual.</li> <li>Avisos recebidos: avisos que foram recebidos pelo utilizador actual.</li> </ul>

Note: As in the example above, the English text may not be consistent in punctuation or sentence structure. These inconsistencies should not be replicated in the Portuguese text.

### 3 Terminology

This section is divided into two main sections. The first one explains the importance of terminology lists and deals with how to create them. The second one focuses on some common terms in localization and their recommended translation.

#### A) Terminology lists

The purpose of creating terminology lists is twofold:

To maintain consistency during translation

To build up a database of terms that can be used for upgrades of the project or as a reference in other projects

Terminology lists may be provided by the client or created by SDL. Either way, it is essential to follow them when translating the software and other project components.

The first step in terminology development is extracting the source English terms. This will usually be the job of a terminologist, but if translators are asked to create a term list, they should follow these guidelines:

The term list should include technical terms, product-specific terms and product names. -

General terms should also be included if they have more than one translation or meaning depending on the subject matter or if they are used repeatedly throughout the source text.

Software options (i.e. menus, buttons, etc.) should *not* be included in terminology lists. - Terms should be entered in the terminology list in the singular form and in lower case (unless they are product names, proper nouns, etc.). In the case of verbs, they should be entered in the infinitive form followed by comma and then "to" (e.g. backup, to).

Once the English terminology list is created and approved by the client, it needs to be translated. To do this, client glossaries (if available) should be referred to, together with operating environment glossaries and glossaries from previous relevant projects.

#### B) Common terms

Translation of key names

The following table contains a list of common keyboard terms and corresponding Portuguese translation.

<i>English</i>	<i>Portuguese</i>
Alt	Tecla Alt

Arrow keys	Tecla de seta
Backspace	Tecla de retrocesso
Caps Lock	Caps Lock
Control (Ctrl)	Control (Ctrl)
Delete (Del)	Delete
Down arrow key	Tecla de seta para baixo
End	End
Enter, Return	Enter
Escape (Esc)	Esc
Home	Home
Insert (Ins)	Insert (Ins)
Keypad, numeric keypad, numpad	Teclado numérico
Left arrow key	Tecla de seta para a esquerda
Movement keys	Teclas de movimento
Num Lock	Num Lock
Page Down	Page Down
Page Up	Page Up
Pause	Pause
Print Screen	Print Screen
Right arrow key	Tecla de seta para a direita
Scroll Lock	Scroll Lock
Shift	Shift

Up arrow key	Tecla de seta para cima
--------------	-------------------------

### Translation of common UI terms

The following table contains a list of translation for common UI terms.

<i>English</i>	<i>Portuguese</i>
check box	check box
Close button	botão Fechar
command button	botão de comando
context menu	menu de contexto
control menu	menu de controlo
dialog, dialog box	caixa de diálogo
disabled option	opção desativada
drop-down list	lista pendente
field	campo
grayed button	grayed button
list box	caixa de listagem
Maximize button	botão Maximizar
menu bar	barra de menus
Minimize button	botão Minimizar
option button	botão de opção
pull down menu	pull down menu
push button	botão de acção
radio button	botão de opção
Restore button	botão Restaurar
scroll arrow	seta de deslocamento
scroll bar	barra de rolagem

select, to	selecionar
shortcut key	tecla de atalho
spin box	spin box
status bar	barra de estado
tab	separador
title bar	barra de título
Toggle button	Botão de alternar
tool bar	barra de ferramentas
tooltip	Sugestão de ferramenta

### False friends

The following table contains some general and IT false friends.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
abort	abortar	anular
actual	actual	real
assume, to	assumir	pressupor
balance, to	balancear	equilibrar
comprehend, to		compreender, but also "abranger", "incluir"
consistency		consistência, but also "coesão", "coerência", "uniformidade"
cover, to	cobrir	abranger, compreender
enter, to	entrar	inserir, introduzir
eventual	eventual	final, consequente

out of service	fora de serviço	que não funciona, com defeito
typically		tipicamente, but also “normalmente”, “geralmente”
virtually		virtualmente, but also “praticamente”

### Common mistakes

The following common mistakes should be avoided.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
A certain option	Uma determinada opção	Determinada opção
Allows you to...	Permite a você...	Permite-lhe...
Are you sure you want to exit?	Tem a certeza que gostaria de sair?	Tem a certeza de que deseja sair?
Back up, to	Apoiar	Fazer backup/ fazer cópia de segurança
Batch	Lote	Série/sequência/conjunto
Boot, to	Bootar	Reiniciar, reiniciar
Check... (Mark)	Verifique...	Assinale, marque...
Check... (Verify)	Cheque...	Verifique...
Click...	Dê um clique em/sobre...	Clique em...
Copyright	Copirraite	Copyright
Customer support	Suporte de cliente	Suporte ao cliente
Customize, to	Customizar	Personalizar
Default	Default	Padrão

Delete, to	Deletar	Excluir
Dial-up connection	Conexão discada	Ligação de acesso telefónico

Double click	Dê um clique duplo em...	Clique duas vezes em/Faça duplo clique em...
Drive	Drive	Unidade
Hyphens	Hífens	Hífenes
Instead of		Ao invés de (= ao contrário de) <i>Or</i> Em vez de (= no lugar de)
Job	Job	Tarefa
Layout	Leiaute	Layout
Log	Registro	Log
Login, to	Estabelecer login	Fazer o login, entrar na rede
Logout, to	Estabelecer logout	Fazer o logout, sair da rede
Lower left corner	Canto esquerdo inferior	Canto inferior esquerdo
Next	Próximo	Avançar
Next page	Página seguinte	Próxima página
Predefined	Pré-definido	Predefinido
Previous page		Página anterior
Prompt	Prompt	Mensagem

Refer to Chapter 8	Refira-se ao capítulo 8	Consulte o capítulo 8
Restart, to	Restartar	Reiniciar
Run, to	Rodar	Executar
Select a check box	Selecione uma caixa de seleção	Marque uma caixa de seleção
Startup	Reiniciação	Arranque
Support, to	Suportar	Oferecer suporte para, dar suporte a
Technical support	Assistência técnica	Suporte técnico
The Internet	Internet (without the article)	A Internet
The window will display it	A janela exibirá	Será visualizado na janela
The window X will be	A janela X será exibida.	Será visualizada a janela X.

displayed.		
View, to	Visualizar	Exibir
Would you like to exit	Gostaria de sair?	Deseja sair?

### III Translation Guidelines

This section provides some general linguistic guidelines for the translation of the components that make up a software application. When translating software, you should:

Maintain a style that is as clear and precise as possible. Simple structures aid comprehension. -

Avoid literal translations. Follow the target language conventions and try to make the translated text sound natural.

Ensure consistency within the software and with related software products.

Use terminology that is consistent with the operating system (Windows, Mac, etc).

Adjust capitalization to target language standards. - Adjust language to target language conventions. For example, use of exclamation marks in English is more common than in other languages.

Keep your translation as short as possible, without this resulting in a loss of meaning. If length restrictions apply, it is recommended to remove prepositions and articles first and, if also needed, to abbreviate trying to keep the abbreviated word as meaningful as possible. When using abbreviations, it is important to be as consistent as possible, for example, if the word “agente” is once abbreviated as “agte.”, use this abbreviation all along the software when required. Too much abbreviation should be avoided since the final text can be meaningless.

#### A) Translation of dialog boxes, menus and buttons

Use the infinitive to translate dialog boxes titles, menu options and buttons. The translation of the dialog box title should correspond to the menu option that opens it. For instance, if the menu option is “Enviar imagem”, the dialog box that opens up should also be called “Enviar imagem”, and not “Envio de imagem”. In cases where the menu option has been abbreviated, the dialog box title should be explicit and not abbreviated.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
Send (menu)	Envie	Enviar
Send (dialog box title)	Envio	Enviar

When there is more than one word in a dialog box title, menu or button, every word tends to be capitalized in English. Such capitalization should be avoided in Portuguese and only the first word should be capitalized.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
Save As	Guardar Como	Guardar como

Pages Numbers	Números de Página	Números de página
---------------	-------------------	-------------------

## B) Hot keys

Hot keys are letters that are underlined in the name of a user interface element, for example, in the File menu option, the letter 'F' is normally underlined. When working with hot keys, follow these guidelines:

If possible, the hot key should be the first letter of the user interface name or as close to the beginning as possible. Also, the first instance of the selected letter should be used as the hot key (for example, if you are translating a UI element called "Name and Location" and you need to use letter "o" as the hot key, it should be translated as "Nome e local", and not as "Nome e local").

Use Windows standard hot keys if the application runs in Windows.

Avoid using the letters j, q, p and g in lower case as hot keys (unless they are Windows standards) as the result is visually confusing.

Do not use accentuated or special characters as hot keys.

Do not use the same letter as a hot key more than once within the same logical unit (for instance, within the same menu panel or dialog box).

## C) Accelerator keys

Accelerator keys are used to access an option quickly without using the mouse. They are a combination of the Control key and another key. Translation of accelerator keys should be consistent with the standards used in the operating system. In the following examples, translations are correct for the Windows operating system.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
Open (Ctrl+O)	Abrir (Ctrl+O)	Abrir (Ctrl+A)
Find (Ctrl+F)	Localizar (Ctrl+F)	Localizar (Ctrl+L)

-----  
 Note: Before changing accelerator keys, the client must be consulted as many clients request accelerator keys be left as in English.  
 -----

## D) Status and error messages

Error messages translation must be concise. Use the impersonal form and avoid the passive voice.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
Cannot delete file.	O ficheiro não pode ser eliminado.	Não é possível eliminar o ficheiro.
Error editing. (Error doing something)	Erro a editar.	Erro ao editar. (Erro de + noun)
Error saving file. (Error doing something)	Erro a guardar o ficheiro.	Erro ao guardar o ficheiro. (Erro ao fazer algo)
File in use.	O ficheiro está a ser usado.	Ficheiro em uso.
The following message is displayed on the screen:	A seguinte mensagem é exibida no ecrã:	O ecrã apresenta a seguinte mensagem:

Avoid using the word “impossível” to translate the phrases “Impossible to do something” or “Unable to do something”.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
It is impossible to reconnect.	Impossível restabelecer a ligação.	Não é possível restabelecer a ligação.
Unable to save.	Impossível guardar.	Não é possível guardar.

## 2 Help translation

On-line help files are technical documents containing instructions and explanations which are used as a reference for the corresponding software application. The most common on-line help systems are:

<i>Help System</i>	<i>Source files</i>	<i>Compiled files</i>
Windows Help	.rtf, .hpl and .cnt	.hlp and .cnt

HTML Help	.html, .hhk, .hhc and .hhp	.chm
JavaHelp	.xml and .html	.xml and .html (no compilation required)

When translating help files, you should:

Maintain a clear and readable style to enable the end-user to quickly retrieve all the information required.

Be consistent in the translation of headings and frequently occurring units, such as “Related topics”.

#### A) User interface elements

Software options quoted in the Help *must* be consistent with the translation provided in the software. Examples of software options include menus, menu options, dialog boxes, check boxes, buttons and error messages. To ensure consistency, always use a software glossary when translating the help. If none is provided, ask your project manager. Never translate a software option without checking it against the software glossary.

If the software glossary is not ready or has not been finalized before starting translation of the help, leave software options untranslated until the glossary is provided. Then, check each option against the glossary and add the translation in the help files.

Inconsistencies in the software glossary should be queried. If there is more than one translation for the same software option, escalate the problem to the project’s lead translator or project manager. Keep a record of inconsistencies and how you’ve dealt with them until a final answer is provided.

#### B) Headings and links

The preferred style for headings in help files is infinitive, but nominal can also be used, as far as this is done consistently throughout the help. The infinitive might in fact be the only option for translating some English gerunds.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
Generating tasks	A criar tarefas	Criação de tarefas
Quitting the program	A sair do programa	Sair do programa

The phrase “How to...” in a title should be rendered in Portuguese as “Como...” with no question marks. However, the systematic use of this phrase should be avoided. The nominal or infinitive form is preferred.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
How to generate tasks	Como criar tarefas?	Como criar tarefas

Translation of headings should be consistent. Consistency in this context must be maintained at two levels:

Semantic level: One English heading can only have one translation in the target text. That is, if “Generating tasks” is translated once as “Criação de tarefas”, it should always be translated as such.

Grammatical level: One English construction can have only one translation in the target text. That is, if the construction “Gerund + noun” as in “Generating tasks” is translated once as “Noun + de + noun” as in “Criação de tarefas”, it should always be translated as such (and not for instance as “Verb + Noun”, as in “Criar tarefas”).

Links and cross references to other help topics must match corresponding topic titles exactly. That is, if you click on the “How to create a table” link, the topic that opens should be titled “How to create a table”, and not for instance “How to create tables”.

-----  
 Note: Capitalization in headings should be adjusted to Portuguese standards.-----

#### C) Table of contents, index and glossary

You should ensure that all headings in the table of contents match the translation of the headings found on the individual help files.

All index entries have to be consistent with the terminology used in the help files. Make sure that entries are not capitalized in Portuguese (unless they are proper names, trademarks, software options, etc).

Try to consider the index usability. For example, if the English entry “Editor tab” is translated as “guia Editor”, the Portuguese index becomes less useful as most users searching information on the Editor tab will look for “editor”, not “guia” (i.e., you should use “Editor, guia” instead). Similarly, check and delete necessary entries that do not add any value to the index because they are too similar to one another; for instance, “criar relatórios” and “criação de relatórios”. See “Indexes” on page 33.

If there is a glossary file as part of the on-line help, ensure translation is consistent with the rest of the help files. Make sure that entries are not capitalized in Portuguese (unless they are proper names, trademarks, etc).

#### D) Footnotes in Windows-based .rtf help files

Entries similar to these ones will appear as footnotes if Windows help files are translated in .rtf.

# `id_intro`: Do not translate

\$ `Introduction`: Represents the entry in the help table of contents. Must exactly match the topic title it is associated with. It can start in upper case.

K `welcome;print quality`: Represents the key word in the help index. As an index entry, a K footnote must start with a meaningful word. Use lower case for these keywords.

- A `Introduction`: Do not translate.

### 3 Documentation translation

The translation of software documentation should be approached in much the same way as help files.

The factors governing it are again consistency with the software and a clear style.

#### A) Section and chapter titles

Use the noun without article to translate section and chapter titles. The guidelines given for the translation of help headings are also applicable here (see “Headings and links” on page [Erro! Indicador não definido.](#)).

Always use a software glossary when translating documentation and check all software options against it.

The following table contains preferred translations for common terms in documentation.

<i>English</i>	<i>Portuguese</i>
Appendix	Apêndice
Caution	Atenção
Chapter	Capítulo
Contents	Conteúdo
Figure	Figura
For details on/For more information on...	Para obter mais informações sobre...
Guidelines	Linhas de orientação
Hint	Dica

Important	Importante
Index	Índice
Note	Observação
Section	Secção
See also Y	Consulte também Y
See X	Consulte X
See/See also Y (in index entries)	Consulte / Consulte também Y
Table of contents	Sumário
Tip	Dica
Troubleshooting	Solução de problemas
Warning	Aviso

When words such as “capítulo” or “apêndice” are mentioned in the text, they should be in lower case and preceded by the article (i.e. “Consulte o capítulo 10”).

#### B) Common manual titles

Unless otherwise specified by the client the following manual titles should be translated as follows:

<i>English</i>	<i>Portuguese</i>
Getting Started	Guia de introdução
Installation and Configuration Guide	Guia de instalação e configuração
Reference Guide	Guia de referência
Training Manual	Manual de formação
Tutorial	Iniciação
User’s Guide	Manual do utilizador

### C) Cross-references to other manuals, chapters or sections

References to other documentation should be set in italics. The translator should refer to the localization kit notes and any instructions provided by the client to see whether a Portuguese translation is available and should be used. Do NOT make up a translation of the title. If no title is available, maintain the English original or paraphrase it in Portuguese.

In general, references to chapter or section titles should follow the original formatting.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
See XXX User's Guide for more information.	Para obter mais informações, consulte o Guia do utilizador de XXX.	Para obter mais informações, consulte o guia do utilizador de XXX.  (If title is not available in Portuguese)
See Appendix A, "Troubleshooting", on page 10.	Consulte o Apêndice A, Solução de problemas, na página 10.	Consulte o apêndice A, "Solução de problemas", na página 10.

### D) Glossaries

Unless the term is a proper name or a software option name, entries must start with lower case.

### E) Indexes

When translating index entries, a consistent translation is extremely important to avoid creating separate entries (duplicates). In most cases typographic quotes cannot be used in indexes. Do not use quotes at the beginning of an index entry as this affects the sorting order.

When translating software options, buttons, menus etc. in index entries, the option, button or menu name should appear first.

Prepositions and conjunctions at the beginning or end of second-level index entries should be left out in Portuguese.

Index entries only start with a capital letter if the first word is a proper noun or an interface term (command, menu, button, etc.).

Do not use articles for index entries.

<i>English</i>	<i>Incorrect</i>	<i>Correct</i>
the keyboard	o teclado	teclado
Clipboard, copying to	Área de transferência, copiar para	Área de transferência, copiar

See “Table of contents, index and glossary” on page 30.

#### F) Copyright information and publication date

Copyright notices tend to be standard texts. It is worth checking with the client whether they already have a standard translation. If they don't, ensure they approve the translation provided.

Publication date and part number information for the translated document should be obtained from the client.

#### 4 Multimedia translation

The term multimedia translation is used here to refer to the translation of scripts involving visuals and audio. Many of the scripts SDL translates are part of computer games but they can also be videos requiring dubbing. Whatever the case, the following guidelines are to be followed.

##### A) Target audience and style

The translator has to consider the target users' expectation and the culture of the destination country. The English script should be adapted to meet those expectations. This usually means naturalizing cultural references and eliminating anything potentially controversial in the target culture. Special attention should be paid to:

**Humor and puns:** A play on words is often not translatable, so do not hesitate to avoid translating some and add others if possible (providing that no vital information is missed). Try to keep the same level of humor as the original.

**Songs and poems:** Sing the songs to the music and make sure the amount of syllables in poems is the same as the original. Always check at the beginning of the project whether the meaning of the lyrics is vital for playing the game.

**Characters:** Study and understand the characters. Understanding who these characters are (mannerism, personality, style, etc.) will determine the language they use.

Always bear in mind that the text is a script. The choice of words and syntax should reflect a spoken style, as opposed to the written style of technical manuals. The target text should also be easy to pronounce. Reading the text aloud might help to find stumbling blocks. Listen to yourself saying the words and check whether you would actually say something like that in a real conversation.

Where the pronunciation may not be clear or when several pronunciations are possible for one word (e.g. foreign places names, scientific words or other words of Latin or Greek origin, etc.), add a “Pronunciation” column in the script for the client to approve one style prior to recording.

Use of formal or informal form of address has to be agreed with the client from the beginning of the project.

-----  
Note: Even though the script text will often not show on the screen, correct spelling is vital as it makes it easier for the actors to read the script without hesitation. Always spell check your files.  
-----

## B) Length restrictions

The original script usually matches an image sequence. The localized version must convey the same message synchronizing throughout with the image sequence.

To check that the length is right, read your translation aloud against the original audio file. When doing this, bear in mind that your translation will be acted, so read your text at a reasonable speed. This might take a bit of time but proves to be very effective in the long run, as it prevents the need of retranslating/shortening sentences during the recording session.

Another way to check the length of each file is to count syllables and make sure the localized version is not longer or shorter than the original. Nevertheless, this method should be used in conjunction with the one above as it is not 100% reliable. The same amount of syllables might not be spoken at the same speed in different languages.

It should be determined at the project’s kick-off meeting whether the translation has to be lip-synched. If so, the lines that characters deliver in the target script must have the same length as those in the source script (that is, they need to start and finish along with the original script). Furthermore, the text must allow the voice-over actor to mimic the movement made in the original: for example, when the actor closes his lips to say “ boo ”, the target script must also start with a labial.

-----  
Note: A recording session with professional actors is one of the most expensive items in the budget and the studios and actors are very often fully booked. It is worth spending time before to ensure optimal efficiency during recording sessions.  
-----

## C) What is translatable in the script?

Do not translate comments included in the script as references for the actor or designer. In the following fragment, the text in italics should not be translated:

Castle Hackalott was renowned for its famous dragon - Gordon the Good-Natured

<<*Designer's note: Insert screenshot of the Dragon (looking friendly)*>> - and folk from far and wide would come to Huntingdonshire to see the gentle beast.

## IV Review Guidelines

This section focuses on guidelines for completing full reviews of translations carried out by other translators. The guidelines outlined in the previous pages are to be taken into account when reviewing translations. Apart from that, the following recommendations should be used as a guide:

Make sure that the translation is complete. All information in the source text should be conveyed in the target text. There should not be any missing sections or sentences. Pay special attention to minor details, for instance, the omission of the word “not” completely changes the meaning.

Make sure there are no mistranslations.

Make sure all numbers, addresses, names, etc. are correct and have been spelled correctly.

Correct any typos or grammatical mistakes.

Make sure the text reads well and the style is adequate for the register and audience. As a rule of thumb, anything that can be interpreted as a stylistic preference should not be changed. Only change something if it is wrong or makes the text difficult to read.